



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do 81º Encontro Nacional da Indústria da
Construção (Enic)**

Rio de Janeiro-RJ, 1º de setembro de 2009

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Meus queridos companheiros ministros, Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Luiz Eduardo Barretto, do Turismo; Marcio Fortes, das Cidades,

Meu querido Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro deputado Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Meu querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,

Minha querida companheira Maria Fernanda Coelho Ramos, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção,

Meu querido companheiro Roberto Kauffmann, presidente do Sindicato da Indústria da Construção do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Eduardo Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Artur Henrique, presidente da CUT,

Meu querido companheiro Rogério Chor, presidente da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário,



Senhor Irwin Perret, presidente da Federação Interamericana da Indústria da Construção Civil,

Meu caro companheiro, querido maestro Eduardo Feijó, maestro do coral do programa “Alfabetizar é Construir”, por meio de quem cumprimento todos os integrantes do coro,

Meus queridos empresários,

Amigos da imprensa,

Primeiro, eu queria dar os parabéns para o coro, que foi brilhante. Eu sei que vocês estão iniciando. Eu poderia estar junto com vocês, aí, e até desafinar um pouco, mas vocês vão perceber que não tem nada melhor do que a gente estudar para aprender. Vocês vão perceber que daqui a três, quatro meses, vocês vão estar disputando espaço com os mais importantes artistas brasileiros, porque vocês podem ser melhores do que eles. Meus parabéns pela iniciativa, e eu espero que esses companheiros gostem de música, de verdade.

Eu prometo, companheiro Sérgio Cabral – eu, que costumo abandonar o meu discurso e fazer os meus improvisos –, eu prometo hoje me ater ao discurso porque o tempo está calibrado e nós temos que ir para Brasília hoje, não é Armando, para poder trabalhar amanhã.

O discurso... não se assustem não porque a letra é muito grande, é um parágrafo por página, portanto, não tem mais do que dois minutos.

Queria cumprimentar a nossa querida presidente, secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente que está aqui, a nossa companheira Izabella que, certamente, vai contribuir para os próximos programas que nós vamos fazer,

O Jorge Hereda, que está escondido, mas está lá atrás, que é o cara que a Maria Fernanda designou para agilizar o programa Minha Casa, Minha Vida, e que eu tenho, mensalmente, cobrado dele agilidade desse programa.



Não se assustem com essa tosse, que não é gripe suína. Ontem eu estava sobre... Eu estava sendo observado pelo meu médico, porque eu estive com o Uribe na última sexta-feira e eu tinha que ficar 72 horas em observação. Estou bem. Essa tossezinha deve ser uma coisa pior do que a gripe suína, mas, de qualquer forma, não se preocupem.

Bem, meus amigos e minhas amigas, este 81º Encontro Nacional da construção civil acontece num momento especial da história brasileira. E, mais que isso, num momento decisivo da economia mundial e num horizonte privilegiado do mercado imobiliário em nosso país.

O tempo de acanhamento econômico acabou, e esgotou-se a supremacia dos modelos que inibiam o crescimento e a sociedade em nome de receitas prontas que nunca deram certo. Parece que é mais do que a gripe suína. E pior é que o médico não está nem me olhando. Você veja que, na hora em que eu preciso, não tem médico. Serginho, traga!

Hoje podemos, sem dúvida, afirmar: a palavra soberania está de volta ao vocabulário político do século XXI. Não se trata mais de soberania como sinônimo de xenofobia, de protecionismo, mas sim de plena autonomia para devolver à sociedade o comando democrático do seu destino, do seu desenvolvimento e de repartição dos frutos do seu trabalho. Soberania para assegurar às famílias e a cada indivíduo o direito sagrado de um espaço digno, de cidadania. Tudo isso é sinônimo de crescimento justo, de garantia de emprego, saúde, escola, habitação decente, vizinhança segura e bairro acolhedor.

O encontro entre a política macroeconômica e o interesse concreto da cidadania se dá fortemente na conquista da moradia. E é justamente por ter esta responsabilidade que a indústria da construção ocupa um espaço essencial na agenda do desenvolvimento brasileiro.

Minhas amigas e meus amigos,

Anunciamos, ontem, os marcos legais para a exploração das jazidas



brasileiras do pré-sal. Decidimos ampliar as avenidas de uma nova soberania do nosso povo no século XXI. A decisão que tomamos em relação ao petróleo brasileiro transcende os limites deste governo, vai além do tempo desta geração. O que desejamos é assegurar aos nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos os benefícios decorrentes da exploração de uma das maiores reservas de petróleo descobertas no Planeta nos últimos 30 anos. Abre-se, portanto, uma nova fronteira que agrega bases extraordinárias à trajetória de qualquer povo. Vai além disso, porém, no caso de uma economia diferenciada como a nossa, que já está saindo da crise gerada nos países mais ricos e que certamente sairá ainda mais forte.

Nós sabemos que nada disso acontece por acaso. Nós sabemos que não basta um vento, se a mão que dirige o leme não souber o rumo que se deve tomar. E a verdade é que criamos, antes da crise, as condições que fazem a diferença, tão importante agora.

Em plena crise internacional, nosso mercado de massa consolidou um patamar de 100 milhões de consumidores. Enquanto outras economias regrediam ou estagnavam, a demanda do cobiçado mercado interno brasileiro continuou a crescer. Nosso parque industrial, o segundo maior entre os países emergentes, não quebrou e não faliu, nem promoveu o desemprego em massa, antecipado por aqueles que torciam contra o País, de olho no interesse político menor e unilateral.

Esgotado o ciclo de ajuste de estoques, nossas fábricas voltam agora a operar em trajetória ascendente. Há sete meses a produção industrial se recupera, a retomada das contratações se espalha por diferentes setores, a confiança empresarial aumenta há oito meses seguidos, e o setor de máquinas e equipamentos lidera a lista dos resultados mensais.

Os R\$ 646 bilhões em investimentos destinados ao PAC deram à economia brasileira um horizonte de futuro, que garantiu a travessia segura de uma crise na qual fomos os últimos a entrar e os primeiros a sair. O



planejamento público na área da infraestrutura estava abandonado no nosso país há mais de 30 anos. E a economia pagou um preço alto por esse equívoco estratégico, como ficou evidente no apagão de 2000 e 2001. Com o PAC, antecipamos a retomada de uma sólida política de investimentos, hoje adotada a toque de caixa pela maioria das nações ricas ou pobres do nosso planeta.

O programa Minha Casa, Minha Vida, que está agregando mais de R\$ 34 bilhões ao setor imobiliário, veio reforçar essa resposta autônoma, e voltou a imprimir velocidade a um motor de desenvolvimento que patinava desde a crise do BNH, nos anos 80. A este programa, devemos somar o enorme salto do financiamento imobiliário, capitaneado pela ação dos bancos públicos. De janeiro a agosto deste ano, a Caixa Econômica Federal atingiu o volume recorde de empréstimos, de R\$ 23,2 bilhões. Isso quer dizer que, em menos de oito meses, o Banco já emprestou mais recursos para a construção do que fez durante todo o ano passado e, certamente, esses valores continuarão a subir.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, os investimentos do pré-sal vêm se somar a esse horizonte extraordinário do Brasil. Estou falando do horizonte de uma economia que rejeitou a lógica da especulação, a agenda do investimento produtivo e da produção para a geração de emprego e oportunidade para a maioria do nosso povo.

A Petrobras emerge, nesse cenário, como a empresa de petróleo detentora da maior carteira de investimentos do Planeta, com US\$ 174 bilhões programados para explorar e produzir cada vez mais, comprar equipamentos e realizar muitas construções nos próximos cinco anos. Esses US\$ 174 bilhões da Petrobras estão previstos [para] serem investidos até 2013.

Consolidam-se, assim, as garantias que habilitam nosso país a dar um salto inédito de produtividade e de inovação. As medidas que anunciamos em relação ao pré-sal visam a consolidar tudo isso, impulsionando o Brasil ao pleno desenvolvimento. Vamos superar, definitivamente, os abismos sociais, educativos, culturais e ambientais que há tanto tempo marcam o nosso querido



país.

É essa solidez vitoriosa que devolve sentido à expressão “mobilidade social” entre nós, e a democratização do acesso à casa própria é um dos pilares mais importantes dessa reconciliação entre o desenvolvimento e a justiça social. Por isso, a expansão do emprego, da renda e do crédito no País, que saltou de 24% do PIB, em 2003, para 43,5% do PIB, agora, necessariamente teria que desaguar, como de fato ocorre, neste ciclo efervescente de obras, reformas e demandas por habitação.

Vivemos, portanto, um momento singular de nossa história. Há otimismo no ar do Brasil. Há transformações em marcha e outras prestes a acontecer que articulam o horizonte de curto, médio e longo prazos numa trajetória de esperança, autoestima e geração de riquezas. Há um sentimento de confiança da população, nela mesma e no futuro da nação. E em todo o mundo, poucas vozes discordam de que essa é a hora do Brasil e, portanto, a vez de todos os brasileiros e brasileiras.

Os senhores e as senhoras que ajudaram a construir este 81º Encontro Nacional da construção civil estão de parabéns. A contribuição que o setor tem dado ao nosso país é inestimável. Tenho certeza de que todos sairão daqui fortalecidos em sua confiança no Brasil e muito mais comprometidos em contribuir para o avanço do nosso país e a melhoria das condições de vida e de moradia do nosso povo.

Como eu não gostei do discurso escrito, eu vou ter que dizer umas palavrinhas para vocês. Desculpa, Sérgio Cabral, mas eu vou ter que dizer algumas coisas que eu acho que têm que acontecer no Brasil daqui para a frente. Em primeiro lugar, é importante ter claro que nós mudamos o patamar da construção civil no nosso país.

O Chap Chap está aqui na minha frente. O Paulo está sentado naquela mesa. Os empresários mais antigos da construção civil sabem que foram mais de 20 longos anos que a construção civil ficou patinando e rateando neste país,



que não tinha programa do governo federal, que não tinha programa do governo estadual, que não tinha programa dos governos municipais e, portanto, a construção civil ficava à mercê da disponibilidade de crédito não oferecido pelos bancos públicos e, menos os privados, para que as pessoas tivessem acesso a adquirir o seu patrimônio imobiliário.

Durante longos 20 anos, a construção civil, que foi o setor industrial de maior oferta de emprego neste país... apenas decresceu a oferta de emprego. O Armando deve ter isso na CNI, o Paulo deve ter isso no seu sindicato, na sua confederação. Foram 20 anos em que o número de empregos na construção civil foi caindo, caindo, caindo, até que chegou o ano de 2003 e nós resolvemos mudar a lógica e as regras dos programas habitacionais do nosso país.

Uma vez, Paulo, eu estava em um debate com a Febraban, e eu perguntava ao presidente da Febraban por que os bancos públicos, os bancos privados, não financiavam habitação neste país. Isso foi em 2002, e eu ouvi a resposta clássica do sistema financeiro brasileiro, que não financiava habitação porque, no Brasil, eles não tinham garantia para financiar habitação, e se financiasse habitação e a pessoa que adquiriu habitação não pudesse pagar, eles não tinham como pegar a casa de volta porque a Justiça não deixava.

Ora, a partir do momento em que eu tomei posse – eu, o ministro Palocci, e outros ministros do governo –, resolvemos fazer as mudanças na legislação para garantir que os bancos públicos não apenas... os bancos privados não apenas financiassem casa, mas que eles tivessem a garantia de que, se as pessoas não pagassem, eles poderiam retomar a casa, como retomavam uma geladeira, um televisor, um carro e tantos outros bens adquiridos por nós.

Isso significou um pouco, uma meia revolução na construção civil, sobretudo uma nova motivação para que o sistema financeiro privado voltasse a investir na economia. Entre a aprovação da lei, a nossa vontade política e



começar o plano de investimento, demoraram ainda quase três anos para as coisas começarem a acontecer. Mas aí nós tomamos a decisão – e a nossa querida presidenta da Caixa Econômica Federal é a testemunha mais viva – de fazer com que a Caixa Econômica Federal voltasse a assumir a responsabilidade de utilizar o máximo de potencial, de recurso que ela tinha e, ao mesmo tempo, a gente começar a mudar as entranhas da burocracia da própria Caixa Econômica – que não é uma coisa fácil – para que a gente pudesse desovar o dinheiro até então disponibilizado pelo governo, para que as coisas começassem a acontecer neste país.

E nós sabemos que não atingimos a plenitude, ainda, da perfeição. Nós sabemos que ainda tem muita coisa para acontecer, porque no Brasil existe muita desconfiança, existem muitas regras. Eu tenho dito, publicamente, que durante todos esses anos em que o Brasil não cresceu, a gente desmontou toda a máquina de execução deste país. A gente criou uma poderosa máquina de fiscalização, com funcionários muito melhor remunerados do que os executores, para impedir que as coisas acontecessem, não por maldade, mas cumprindo as leis que nós, deputados, meu caro Luiz Pontes, criamos ao longo desses últimos 20 anos no País. Partia-se do pressuposto, neste país, que todo mundo que executava era malandro, que todo mundo que fiscalizava era honesto, e nós fortalecemos a máquina de fiscalização em detrimento à máquina de execução.

Hoje nós nos damos ao luxo de ter um país em que um engenheiro executor do governo do estado, do Dnit ou de qualquer outro lugar, ou da Caixa Econômica, ganha R\$ 6 mil ou R\$ 7 mil, e um mesmo engenheiro, fiscalizador, ganha R\$ 20 mil, R\$ 19 mil, R\$ 24 mil por mês. Um total desequilíbrio neste país. Porque, no Brasil, nós fomos criando a cultura de que todo mundo é desonesto até prova em contrário quando, no mundo inteiro, todo mundo é honesto até prova em contrário. Nós invertemos a história deste país.

Pois bem, essas verdades não são fáceis de dizer. Elas, muitas vezes,



ferem, elas, muitas vezes, machucam, mas quem governa hoje uma prefeitura, um estado ou um país sabe das dificuldades, e a culpa não é individualmente de ninguém. A culpa não é do Tribunal de Contas, do Ministério Público, sabe, ou só da burocracia do governo – porque nós também temos burocracia. Entre o presidente da República tomar uma decisão e ela acontecer na ponta, leva tempo, meses e, às vezes, até anos. Entre um governador tomar uma decisão e ela acontecer na ponta, leva meses, anos e, às vezes, nem acontece. Às vezes, nós estamos com vontade de inaugurar aquela obra, e quando perguntamos à pessoa responsável: "E tal obra?". Nem foi licitada ainda. Por quê? Porque teve problema ambiental, porque teve um problema no Ministério Público, porque teve um problema na Justiça, porque a empresa que perdeu entrou com um recurso e está parado no Poder Judiciário.

Porque também tem isso no setor, Paulo, da construção civil, que é uma questão que nós não resolvemos. Você faz uma licitação, a empresa que perde vai para a Justiça e segura uma obra dois anos ou três anos, e a gente não consegue fazer a obra. Então, você tem um modelo extraordinário no País, você tem um monte para destruir e um para construir. E todo mundo sabe que destruir é mais fácil. Um prédio como este, você leva anos para construir. Para destruir, você enrola ele de dinamite, aperta um botão, explode, em dois minutos ele está no chão.

É assim que as coisas funcionam neste país, e que a gente fica um culpando o outro e não se junta para consertar. Todo mundo queria a política tributária, política tributária, política tributária. Eu já mandei duas propostas de política tributária para o Congresso Nacional e ela não foi votada, porque cada brasileiro tem a sua política tributária na cabeça. E para cada um a política tributária é aquela que ele vai pagar menos imposto. Ora, como é que nós vamos resolver isso se nós não pararmos de pensar em nós mesmos, e um dia a gente pensar neste país?

Uma coisa importante que vocês têm que saber: o programa Minha



Casa, Minha Vida foi um desafio que eu fiz a mim mesmo. Eu disse à ministra Dilma e ao ministro Guido: eu quero fazer um programa habitacional. Quero que vocês conversem com os empresários para ver quantas casas eles podem fazer. E aí, Paulo, os empresários me propuseram 200 mil casas. Eu falei: isso não é programa. Isso é repetir a mesmice que a gente está fazendo. Aí, briguei, briguei, briguei, e o Guido Mantega falou assim para mim: “Presidente, que tal a gente fazer 500 [mil]”. Eu falei: É pouco. Isso não é desafio, isso é fazer a mesmice. Eu quero fazer mais. Vamos fazer um programa de um milhão de casas. Vamos desafiar a Caixa Econômica Federal, desafiar o governo federal, desafiar a estrutura burocrática nossa, mas vamos desafiar também os empresários, vamos saber se eles estão preparados para fazer um milhão de casas. Eu queria até 2010. Vamos desafiar prefeituras, vamos desafiar os governos estaduais e vamos ver se a gente consegue fazer um milhão de casas neste país.

Bem, começamos a trabalhar. Foram três meses para montar o programa, quatro meses [de] arranjos. Eu descobri coisas, Paulo, do... eu não vou dizer aqui... do arco-da-velha. Eu não vou dizer aqui. Descobri coisas na política de financiamento, na política de seguros, na política cartorial, que eram coisas, assim, que nem o pirata do Caribe lidava com isso mais, e a gente estava lidando.

Esse programa está permitindo que a gente vá mudando essa regra. Por que mudando essa regra? Porque a partir do momento... e aqui está o Hereda, eu vou citar o nome dele, pode se levantar aí para o pessoal ver que você está aqui, Hereda. Está aqui. Eu tenho feito reuniões mensais com o Hereda, que é o homem designado pela Maria Fernanda para cuidar disso. Eu quero cadastrar um milhão de casas até 2010. Agora, pode se sentar agora.

Agora, eu não quero saber quantas eu vou cadastrar. Eu quero saber quantas casas eu vou construir até 2010, porque esse programa foi criado para resolver parte da crise internacional. Portanto, as casas não podem deixar para



serem construídas em 2014 e 2015. Elas têm que ser já, ontem, antes de ontem. Amanhã elas têm que ser distribuídas. Ora, nós temos dinheiro, o dinheiro está disponível para fazer as casas, nós temos gente que quer casas, nós temos empresários, o que está faltando? Qual é o empecilho para a gente começar a construir casas neste país a dar com pau? Porque se a gente resolver os problemas burocráticos, se a gente resolver o problema... a princípio se imaginava que o problema dos empresários era apenas um problema de dinheiro, e não é. É que a gente também não estava preparado. A gente estava preparado para comer de grão em grão. A gente não está preparado para comer um prato cheio e nós estamos oferecendo um prato cheio. Come devagar e depois toma um remédio qualquer aí, daqueles que faz digestão, que não tem problema.

O dado concreto é que nós temos que vencer esse desafio, sabem por quê? Porque se a gente construir um milhão de casas mudou o paradigma habitacional neste país. Nenhum presidente vai poder apresentar o Programa com 100 mil casas, com 50 mil casas, com 200 mil casas. Ele vai ter que mudar de patamar. Ou seja, nós elevamos o paradigma deste país. Os dados que eu dei aqui, a Caixa Econômica, a Caixa Econômica – só para vocês lembrarem, do setor da construção civil –, a Caixa Econômica este ano bateu o recorde dos recordes, que era do governo Figueiredo. Que ano que era, Maria Fernanda? 85? 84? [19]82, que foi o recorde do investimento em habitação. Este mês, no mês de agosto, a gente já fez mais do que fez todo 2008, que foi um ano excepcional.

Companheiros, desculpem aqui a euforia, é que eu estou pagando os juros do tempo que eu me engasguei no começo aqui.

Veja, é um desafio que não é para mim. Para mim falta um ano e quatro meses para deixar o governo, e eu tenho consciência de que eu já fiz mais do que aqueles que eu substituí. Não é isso que eu quero. O que eu quero é que a gente prove que este país está preparado para fazer mais e muito mais.



Porque se a gente conseguir construir o programa Minha Casa Minha Vida... não se esqueçam de que nós temos uma Copa do Mundo e temos que preparar ainda o não preparado projeto de mobilidade urbana para a Copa do Mundo. Não se esqueçam de que a gente está reivindicando o direito de fazer as Olimpíadas em 2016, que é outra coisa extraordinária para este país e para o estado do Rio de Janeiro. Na verdade, o que eu estou querendo provocar vocês é que vocês também têm que mudar de patamar. Não apenas eu ou o governo. Todos nós temos que mudar de patamar.

Vocês estão lembrados, na crise econômica, o que aconteceu? O Brasil não tinha que ter passado pela crise que passou. Houve uma certa covardia de setores. A indústria automobilística brasileira foi desativada nos meses de novembro e dezembro. A gente despencou com medo do pânico vendido pela imprensa. E a gente dizia que era preciso fortalecer o mercado interno. Vocês nunca viram, neste país, um presidente da República, no dia 22 de dezembro, ir para a televisão, fazer uma rede nacional fazendo propaganda do consumismo, pedindo para o povo comprar. Por que, qual era a propaganda? Era que se ele comprasse, ele ia perder o emprego e não podia pagar. Eu fui dizer: se você não comprar, você vai perder o emprego. É exatamente o inverso.

Este país, gente, mudou de patamar. Este país está perdendo o complexo de um país de mulheres e homens de segunda classe. Este país tem que aprender que essa crise econômica foi causada por aqueles que, a vida inteira, ditaram regras para nós, que vinham aqui dizer como é que tinha que ser a nossa balança comercial, a nossa política fiscal, os nossos investimentos. Quando veio a crise neles, quem era que estava bem? Era este país, que tinha sido tratado durante séculos como cidadão de segunda classe.

Eu acho que neste encontro, 81º Encontro da construção civil, aqui no Rio de Janeiro, eu queria desafiar vocês a uma luta. Este país não pode retroceder. Não falta dinheiro neste país. Às vezes, faltam projetos. Mas, me



digam uma coisa, há quantas décadas vocês não viam o investimento na construção civil que nós estamos fazendo? Há quantas décadas vocês não viam investimento em habitação, saneamento básico? Era uma vergonha, era uma verdadeira vergonha neste país. Político não gostava de colocar manilha embaixo da terra porque não dava para colocar o nome da mãe em uma placa, ou do tio, ou do sobrinho. Eles não percebiam que a melhor propaganda deles não era o nome do avô, mas era uma criança podendo brincar na rua sem estar pisando em esgoto a céu aberto, como a gente vê neste país inteiro. Esse desafio, meus companheiros, não é meu. Esse desafio é nosso, e eu queria convocar vocês.

Primeiro, vocês sabem que no meu governo não tem restrição à apresentação de reivindicações. Se tem uma coisa de que nós não temos medo é de reivindicação. E, na medida do possível, a gente vai tentando reparar os erros do passado e tentando dar um passo para o futuro. Nós fizemos com que 20 milhões de brasileiros ascendessem à classe média. Essas pessoas estão mais exigentes comigo e com vocês. Na hora em que as pessoas começam a comer três vezes ao dia, começam a ler um livro, começam a ter um emprego, a ter um salário, as pessoas começam a fazer uma revolução cultural na sua própria cabeça. Então, o desafio que está colocado não é a gente ficar remoendo o que não aconteceu ontem. É a gente preparar o que vai acontecer depois de amanhã.

É por isso que eu vou apresentar um novo PAC, em janeiro de 2010. E é por isso que este país tem que apresentar um novo PAC a partir de janeiro de 2015, porque este país não pode desaprender que investimento é como se fosse a carteira de um advogado, ou seja, você tem que ter muitos processos para você poder ter uma renda mensal razoável. Nós precisamos garantir a vocês a certeza de investimento em inovação tecnológica, a certeza de comprar novas máquinas, a certeza de contratar novos trabalhadores, se vocês perceberem que no ano que vem vocês vão ter a mesma possibilidade do ano



passado, e vão tendo sempre possibilidade para frente. Se o governo contratar vocês e não pagar, vocês passam a não acreditar. O governo finge que contrata, vocês fingem que fazem e o país vai voltar às mentiras que nós vivemos duas ou três décadas atrás.

Eu acho que eu mudei muito. Acho que vocês mudaram muito. Acho que o Brasil mudou muito, e essa mudança foi extraordinária. Ela foi tão extraordinária que me fez hoje, aqui, chamar todos que estão à mesa de companheiros, como eu chamava, habitualmente, algum tempo atrás, só o meu companheiro Artur de companheiro. Significa que eu aprendi, na Presidência do Brasil, que o Brasil não é construído apenas pelos operários que produzem. Ele é também construído por aqueles que têm capital para contratar os trabalhadores para produzirem os bens deste país. Significa que se nós estivermos irmanados pensando neste país, com o pré-sal, com a Copa do Mundo, com o PAC que nós aprendemos a fazer, possivelmente com uma Olimpíada, este país pode dar um salto de qualidade e, em pouco tempo, a gente deixar de ser um país meramente emergente, um país celeiro do mundo, que todos nós, da minha geração, aprendemos a falar. Vamos nos transformar numa das economias mais importantes do mundo, e não depende do presidente da República, depende dos brasileiros. Eu espero que vocês estejam dispostos a fazer este país se transformar em uma grande nação.

Um abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do 27º Encontro Econômico Brasil-Alemanha (EEBA)

Vitória-ES, 1º de setembro de 2009

Se a delegação alemã gostou de Vitória, imaginem se fosse a Garanhuns, no meu estado de Pernambuco.

Eu quero cumprimentar o meu companheiro governador do estado do Espírito Santo, companheiro Paulo Hartung,

Quero cumprimentar o embaixador Samuel Pinheiro, ministro interino das Relações Exteriores,

Nosso querido companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Quero cumprimentar o senhor Bernd Pfaffenbach, vice-ministro de Economia e Tecnologia da Alemanha,

Também quero agradecer a Alemanha por ter trazido aqui o seu ministro da Economia, o ministro Guttenberg, que ficou dois dias aqui em Vitória debatendo a relação Brasil-Alemanha,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro senador Renato Casagrande,

O nosso querido companheiro Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Os deputados federais companheiro Camilo Cola, companheira Iriny Lopes, companheiro Lelo Coimbra e companheira Rose de Freitas,

Quero cumprimentar o nosso embaixador na Alemanha, Everton Vieira Vargas,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro prefeito de Vitória, João Coser,



Quero cumprimentar o ministro Hermann Sausen, encarregado de negócios da Embaixada da Alemanha no Brasil,

O senhor (incompreensível), vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias da Alemanha,

O senhor Weber Porto, presidente do Conselho Integrado das Câmaras de Comércio Brasil-Alemanha, na pessoa do qual saúdo os demais integrantes da delegação alemã,

E quero, por fim, cumprimentar o Lucas Isoton, presidente do Sistema Federação das Indústrias do Espírito Santo, na pessoa do qual saúdo os demais presidentes das federações e entidades de classe do Brasil, que estão aqui presentes,

Senhores e senhoras participantes do 27º Encontro Econômico Brasil-Alemanha,

Companheiros da imprensa,

Amigos e amigas,

Desnecessário seria eu falar aqui sobre números da nossa balança comercial, números econômicos, porque hoje eu acho que o mundo da economia na Alemanha está mais bem informado sobre a economia brasileira do que nós brasileiros. Eu tenho acompanhado as matérias sobre a economia que têm saído na imprensa alemã, na imprensa inglesa, na imprensa americana, na imprensa francesa, na imprensa... e, certamente, os especialistas de lá são muito mais otimistas que os especialistas de cá, muito mais. É impressionante a quantidade de informações da economia brasileira que a gente vê nos jornais estrangeiros e, muitas vezes, é impressionante como nós temos uma preferência pela desgraça do que pelas coisas boas. Mas, assim somos nós, e assim vencemos, e assim continuaremos a vencer.

A segunda coisa, Paulinho, você falou do petróleo aqui e disse... agradeceu pela atitude de fazer a discussão, convidando os governadores dos



estados em que está situada a camada pré-sal. E nem poderia ser diferente. Você me acompanha há muito tempo, e sempre que eu posso dizer à opinião pública, eu digo que governar... o papel de um governo é como o papel de uma mãe: tem que tratar todos com muito carinho, com muito amor, não deixar faltar nada para ninguém. E jamais uma mãe iria descobrir um filho para cobrir outro. O que nós precisamos, ou aumentar esse cobertor ou colocar todo mundo mais juntinho para que todo mundo tenha e receba a caloria adequada desse dinheiro, que eu digo sempre que é uma dádiva de Deus que foi dada ao nosso país.

Neste momento em que estamos terminando aqui a 27ª reunião entre Brasil e Alemanha, para discutir uma questão econômica, eu queria dizer, Paulo, que se você não conhece Munique, você tem que conhecer Munique. E conhecer Munique, mas não para comer as comidas sofisticadas, mas para comer um chucrute, ou para comer um salsichão comprado em um carrinho, vendido nas ruas de Munique, ou uma linguiça fininha que eles têm, que você vai adorar. Obviamente que isso não vai substituir as belezas da praia do Espírito Santo, mas vai contemplar o seu estômago.

Mas, sobre o Encontro Brasil-Alemanha, eu queria dizer para vocês que esse momento é um momento de reflexão. Nós temos que agradecer àqueles brasileiros e àqueles alemães, que ainda na metade do século XIX resolveram fazer uma combinação e trazer alemães para ajudar no desenvolvimento do Brasil. Algumas cidades brasileiras são comparadas a bonitas cidades alemãs, e eu penso que isso é uma imagem que eu gosto de carregar no mundo quando eu vejo a perseguição aos imigrantes, agora, por conta da crise econômica. Quero dizer aqui que acabamos de legalizar, no Brasil, mais de cem mil estrangeiros, todos de países mais pobres do que o Brasil, e nós não tínhamos o direito, nós não tínhamos o direito de jogar nas costas dos inocentes a culpa pela crise econômica.

Então, eu sou agradecido à vinda dos alemães para cá, a partir de 1850



– segundo o Coser, aqui no Espírito Santo, em 1847 – porque um toque do crescimento brasileiro, um toque da nossa industrialização, um toque da formação do nosso povo tem muito a ver com o povo alemão.

Segunda coisa, já no século XX, a vinda de vocês para cá, para ajudar a desenvolver a indústria deste país, com a vinda da primeira indústria automobilística alemã para o Brasil, que nos trouxe uma paixão nacional chamada “Fusquinha”. Quem, na minha idade de adolescente, não sonhava em ter um “Fusquinha”? Quem? Era quase uma paixão. Quem não tinha “Fusquinha” não arrumava nem namorada. O “Fusquinha” era como se fosse uma paixão nacional.

Então, nós somos gratos a essa relação produtiva entre Brasil e Alemanha. Mas eu penso que nós entramos em um terceiro ciclo das nossas relações, e o terceiro ciclo é o passo seguinte após uma crise econômica que pegou todo mundo despreparado. Vamos ser francos: nós trabalhamos todo o primeiro semestre de 2008... Aliás, já em outubro de 2007, eu estava no Panamá com uma delegação de empresários brasileiros, quando começaram a aparecer os primeiros boatos do *subprime*. Até julho de 2007, nós discutíamos a crise apenas pensando na questão do *subprime*. Não estava na nossa lógica a quebra de bancos importantes, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. E eu digo sempre que se o presidente Bush soubesse que se ele tivesse aportado por volta de US\$ 50 bilhões para o *Lehman Brothers*, no mês de julho, possivelmente ele teria evitado a quebra de *Lehman Brothers* e, conseqüentemente, a quebra de tantos outros bancos pelo mundo afora.

Mas eu penso que a gente também não pode mais ficar reclamando dessa crise. Não tem nada pior do que um homem político ou um homem empresário toda hora ficar batendo na mesma tecla, que teve uma crise, que o culpado da crise... Eu já não estou mais a fim de discutir quem é o culpado pela crise. Eu estou a fim de discutir quem é que está disposto a sair dessa crise mais forte do que entrou nessa crise. E o Brasil... os empresários brasileiros



[alemães] radicados no Brasil e os empresários brasileiros sabem que, desde o começo dessa crise, nós tomamos todas as medidas que foram possíveis tomar para que a gente pudesse, não só fortalecer o nosso mercado interno, mas para que nós pudéssemos contribuir para um aumento das nossas exportações, mesmo sabendo que em época de crise todas as exportações iriam diminuir.

Mas sabem os empresários brasileiros e os empresários alemães radicados no Brasil que nós não perdemos uma única oportunidade que não tivéssemos tomado medidas para que a gente superasse essa crise. E é muito importante superar a crise econômica, fazendo as desonerações, fazendo os investimentos que são necessários sem abrir mão da responsabilidade fiscal neste país, porque esse é um patrimônio que nós conquistamos e é um patrimônio que nós não podemos abrir mão. Ou seja, uma política fiscal correta, a inflação altamente controlada, estabilidade econômica e certeza para as pessoas que querem tirar o seu dinheiro do bolso ou o seu dinheiro de um país e fazer investimentos neste país.

Pois bem, eu penso que Alemanha e Brasil, neste fórum, não sei quantas coisas vocês discutiram, mas é importante que a gente discuta, quem sabe até a próxima reunião em Munique, meus caros ministros brasileiros, quais os próximos passos que nós vamos dar para que a parceria Alemanha e Brasil não fique estagnada. No que nós poderemos incrementar a nossa relação? Porque Alemanha e Brasil... e sabem os alemães que não é apenas o Brasil. É todo um contingente de países que faz fronteira com o Brasil aqui na América do Sul, que podem se beneficiar dessa estratégia. Nós estamos construindo a parceria estratégica com a União Europeia. Agora mesmo, em outubro, vamos ter reuniões em Estocolmo sobre isso.

Mas, vamos fortalecer essa relação Alemanha-Brasil. Ela tem química, ela tem história, ela tem, eu diria, quase uma relação de quase uma nação única, e vocês sabem o quanto o Brasil gosta da Alemanha e o quanto a



Alemanha gosta do Brasil. Vocês sabem que as empresas da Alemanha no Brasil estão produzindo há quase meio século e estão, muitas vezes, tendo situações econômicas mais confortáveis do que as matrizes. Nessa crise agora aconteceu exatamente isso. Eu dizia para os nossos companheiros da indústria automobilística: nós temos um mercado interno e um potencial tão extraordinário, que nós não temos que ficar chorando a queda das exportações. A queda das exportações é alguma coisa que a gente queria. É como se fosse a espuma no copo de chope, que é importante, dá um prazer no copo de chope. Mas o mercado interno é toda a parte amarela, que é o conteúdo mesmo que a gente bebe. Eu nunca vi ninguém ficar bêbado por beber espuma, mas eu já vi gente ficar bêbada por beber o líquido de verdade.

Então, quando nós acreditamos no mercado interno, o governo fez a política correta para incentivar, a indústria automobilística fez a política correta para produzir, o que aconteceu? Nenhum milagre, apenas aquilo que era previsível por qualquer ser humano de bom senso: vamos acreditar no mercado interno. Eu dizia, muitas vezes, nas reuniões com a indústria automobilística: o carro... o brasileiro tem três, quatro paixões, que eu não sei se os alemães têm mais. O brasileiro tem quatro. Primeiro, todo mundo quer se casar, tanto vale para a mulher como [para] o homem, com uma mulher e com um homem bonito. Segundo, todo mundo quer ter uma casa. Terceiro, todo mundo quer ter um carro. Neste país, o carro ainda continua sendo uma paixão nacional. E agora, a quarta paixão, que é computador. Todo mundo quer ter um carro, um computador, toda mulher quer se casar com um homem bonito, todo homem quer se casar com uma mulher bonita e todo mundo quer ter uma casa. Essas são as quatro paixões. Nós estamos resolvendo as quatro, estamos resolvendo as quatro.

Primeiro, dizer para vocês que nunca se construiu tanta casa neste país como está se construindo agora. O período de maior construção de casas foi no governo Figueiredo, me parece que em 1985, se não me falha a memória,



um ano antes das eleições do Sarney e nós, neste ano, já batemos recorde. No ano passado nós financiamos 23 bilhões durante 12 meses. Só neste ano, até agosto, já financiamos R\$ 21 bilhões. Isso, apenas o banco público, da Caixa Econômica. Mas, a iniciativa privada, que até o ano passado não financiava casas ou raramente financiava, agora o sistema financeiro privado entrou no sistema habitacional do País e vai acontecer muita coisa. No auge da crise, nós criamos um programa chamado Minha Casa, Minha Vida, que é 1 milhão de casas para as pessoas mais pobres deste país, até 2010.

Então, uma paixão nós resolvemos. O povo, na hora em que vai comendo, vai ficando mais bonito e o povo brasileiro está comendo mais, então resolvemos o segundo problema. O carro, a indústria automobilística que, habitualmente, é chorona, chora, chora, chora... Eu estou há 30 anos convivendo com a indústria automobilística e eles estão sempre no vermelho, sempre no vermelho. Estão no vermelho no discurso comigo, mas a conta bancária está sempre azul, verde, amarela, branca. A verdade é que a indústria automobilística, graças a Deus, porque gera os empregos e os salários que eu preciso para ver o povo brasileiro avançar, está produzindo e vendendo como nunca vendeu no nosso mercado interno. Portanto, eu sou agradecido a isso.

A quarta paixão, o programa “Computador para Todos”. Eu, na próxima semana, terei uma reunião sobre inclusão digital. Eu fui à cidade de Piraí, no Rio de Janeiro – eu já contei esta história – e lá eu vi as crianças... É a primeira escola do Brasil onde todas as crianças têm um computador. É um programa que começou com o governo federal, mas foi assumido pelo governo estadual, é a cidade do vice-governador, e todas as crianças têm um computador.

Pois bem, a evasão escolar diminuiu de 25% para menos de 1%. As crianças querem ir para a escola aos domingos por causa do computador e eu, que sempre tive preconceito, porque eu achava que o computador individualizava as crianças, cada uma olhando na telinha ali, sem conversar com a outra, eu quebrei a cara e o meu preconceito desapareceu. Porque



naquela escola as crianças fazem uma roda em torno de uma mesa – seis a oito crianças – conversam, discutem, leem, estudam, pesquisam. Só para ter ideia, eles melhoraram o Ideb de forma excepcional.

Então, eu saí de lá convencido de que inclusão digital não pode ser um discurso apenas de campanha eleitoral ou um discurso para dizer que você é moderno. As palavras são bonitas “inclusão digital”, então, todo mundo fala. Agora, fazer as pessoas terem acesso a computador, fazer as pessoas terem acesso à internet banda larga, é o desafio que está colocado para o governo federal, para os governos estaduais, para os prefeitos e para, eu diria, todos nós brasileiros.

Então eu, meu companheiro Tigre, vou tomar a posição de fazer uma verdadeira política de inclusão digital neste país para que a gente dê às nossas crianças, aos nossos jovens, a oportunidade de ter, eu diria, um aprendizado muito mais rápido. Eu acho que isso está ligado à política de inovação tecnológica que nós precisamos fazer rapidamente no Brasil. Eu coloquei R\$ 41 bilhões, ou seja US\$ 20 bilhões, no Ministério de Ciência e Tecnologia, uma das políticas era para fazer inovação tecnológica, e eu acho que nem nós orientamos como é que os empresários têm que fazer para ter acesso a esse dinheiro para inovação tecnológica.

É por isso, Paulo, que no pré-sal, no pré-sal, uma das exigências do Fundo Soberano que nós vamos criar é a educação, a ciência e tecnologia, o meio ambiente, a cultura e a pobreza deste país. É dinheiro que o Brasil nunca pensou em ter e nós não podemos jogar esse dinheiro fora. Nós temos que guardá-lo, investi-lo, aplicá-lo, ele tem que render, para que a gente possa fazer, nos próximos 20 anos, a revolução que não fizemos nos últimos 80 ou nos últimos cem anos. Não sou eu mais que vou fazer porque já estou com 63 anos de idade, mas quem sabe os nossos netos, os nossos filhos, e você e o Coser, que são muito novos, podem ajudar a fazer essa revolução. Eu, se Deus me permitir, estarei gaguejando em algum lugar deste país, porque já



estarei com mais de 80 anos, pelo menos. Não vou viver como o Camilo Cola, que tem saúde perfeita. Talvez não dure tanto, mas estarei em algum lugar olhando essa revolução que o Brasil tem que fazer. E você disse as palavras corretas: o petróleo é uma coisa passageira, um dia ele pode acabar, mas a educação que nós dermos para o nosso povo e a formação científica que a gente der para os nossos cidadãos, essas serão eternas e irão produzir outros jovens melhor formados do que a nossa geração.

Por isso, eu queria convidar os empresários alemães, queria dizer... convidar os empresários alemães a fazerem uma reflexão sobre o Brasil. Este país, definitivamente, se encontrou com o seu destino. O Brasil não quer ser mais o país do futuro, o Brasil não quer ser mais o país que vai garantir o alimento para o mundo, como se dizia: seremos o celeiro do mundo. Este país quer agora, hoje e amanhã fazer as coisas corretas.

Eu aprendi, ainda muito pequeno, que não é possível você ganhar confiança de alguém se você não passar confiança para as pessoas. Não existe possibilidade de o Paulo Hartung me respeitar se eu não respeitar ele, e se eu não me respeitar e se ele não se respeitar. Essa é a relação entre os seres humanos, sejam empresários, sejam políticos. Aí você estabelece uma relação de confiança. Se aquilo que as pessoas vão fazer vai acontecer de verdade, se aquilo é só discurso ou não é discurso e, muitas vezes, nós, latino-americanos, éramos vistos pelo mundo europeu como apenas aqueles que faziam discursos fáceis e que muitas vezes os discursos não produziam os efeitos.

Hoje, embora ainda gostemos de fazer discursos, nós temos clareza de que o Brasil não pode perder nenhuma oportunidade no século XXI. Se o século XIX foi da Europa, se o século XX foi dos Estados Unidos, e o finzinho dele, da China, e o começo do século XXI, da China, o Brasil vai ter que aprender a grande lição e ser uma grande economia no século XXI.

É por isso que nós estamos fazendo uma revolução na educação do



nosso país. Eu vou dar um número que eu gosto de citar porque é motivo de orgulho para mim. Este país, em 93 anos, construiu apenas 140 escolas técnicas profissionais. Em 93 anos, construiu 140. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais. Em oito anos, nós vamos fazer uma vez e meia o que foi feito em um século. Nós estamos completando 12 universidades novas e tem mais duas para serem aprovadas no Congresso Nacional: uma, Brasil-África e uma Brasil-América Latina. Nós temos, hoje, o dobro de alunos nas universidades que nós tínhamos três anos atrás, e criamos um programa educacional que já colocou até agora 545 mil jovens na universidade, todos pobres, da periferia deste país, todos estudantes de escolas públicas, e chegaremos a 720 mil jovens até o ano que vem, com o ProUni. Criamos o Reuni para aumentar de 12 para 18 alunos por sala de aula nas universidades federais e criamos 104 extensões universitárias, levando braços das universidades da capital para o interior do País, porque daqui a oito ou dez anos, esses campi serão transformados em universidades, porque a exigência da cidade será muito grande.

Então, eu penso que isso é a maior credencial que nós precisamos para dizer para vocês: vamos construir o terceiro ciclo das relações entre Brasil e Alemanha. Essa crise mostrou que nós precisamos diversificar as nossas relações, diversificar o centro de produção... O nosso Armando Monteiro sabe que eu tenho sido o maior provocador para que as empresas brasileiras façam investimentos no exterior. A empresa brasileira precisa parar de pensar pequeno e fazer parcerias com empresas no exterior, colocar capital dela no exterior. Quando nós chegamos no governo, nem a Petrobras e nem a Vale... tinham medo de fazer investimentos no exterior. O Banco do Brasil, que é um banco enorme, hoje é o maior banco deste país, não tem agência na maioria dos países que tem grande relação comercial com o Brasil. Nós ainda não ganhamos a dimensão psicológica de que nós somos um país com potencial de crescimento, e a ida de um banco nosso, a ida de uma empresa nossa para



um país é a bandeira deste país que está lá dentro, é o conhecimento científico e tecnológico deste país. E é um trabalho muito difícil para convencer porque as pessoas não estavam convencidas disso.

Eu acho que essa parceria pode ser construída com a Alemanha. E a gente pode construir parcerias para investimentos em terceiros países. Se é verdade que todos nós temos que nos preocupar com a questão climática, vamos fazer uma revolução, uma nova matriz energética, vamos preservar a Amazônia, vamos preservar a agricultura alemã, mas vamos produzir essas coisas em terceiros países, que precisam de empregos, que precisam de riquezas. Ou nós vamos ficar falando na questão climática e ficar utilizando gasolina, utilizando óleo diesel e um combustível fóssil altamente poluente?

Esse é o desafio que está colocado para nós. A minha sugestão é que... eu vou ver se cumpro o meu compromisso de, em dezembro, ir à Alemanha fazer o debate com os empresários alemães, aproveitar e visitar a minha amiga Angela Merkel, e depois eu quero ver se a gente pode discutir essa questão climática com muita seriedade. De vez em quando eu vejo as pessoas discutirem apenas como, se os países ricos pudessem pagar um fundo para sequestrar carbono, estaria resolvido o problema. Não. É preciso que a gente ajude os países pobres a ganharem algum recurso com o sequestro de carbono, mas é preciso que a gente discuta a diminuição da emissão de gases de efeito estufa pelos países ricos, e cada país assumir compromisso em função daquilo que ele emite de gases de efeito estufa, ou ganhar em função daquilo que ele sequestra de carbono.

Essa discussão, eu espero que a gente possa amadurecer até Copenhague. Eu disse aos companheiros da Alemanha que seria importante que a Alemanha tivesse a sua proposta preparada, o Brasil com a sua proposta preparada, e que a gente, antes de Copenhague, pudesse, os dois grupos, se encontrar, para ver se a gente pode chegar em Copenhague com uma posição única entre Brasil, Alemanha, Estados Unidos e outros países importantes que



precisam assumir responsabilidades. Até porque hoje a questão climática não é mais uma questão de malucos, não é mais uma questão de jovens. É uma questão de sobrevivência da Humanidade, é uma questão de vantagem comparativa para o empresário que agir corretamente, que menos poluir e que mais contribuir para que a gente faça o sequestro correto do carbono já emitido.

Por tudo isso, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer a vocês, empresários brasileiros e empresários alemães. Vocês se lembram que eu estava otimista em 2003, continuei otimista em 2004, mais otimista em 2005, no auge da crise, mais otimista em 2006, mais otimista em 2007. Quando saiu a crise econômica, eu fui para a televisão para vender otimismo, para pedir para o povo comprar, para pedir para ninguém parar. Tem pessoas que até achavam que era maluco. Eu fiz o que muitos empresários deveriam ter feito, eu fiz. Eu que, ideologicamente, sempre fui crítico do consumismo. Imaginem! Mas eu estava vendo a roda gigante parar e eu não queria que ela parasse. Se eu era otimista nesses anos para trás, podem ficar certos de que pode ter no mundo um homem igual, mas mais otimista do que eu com relação ao futuro deste país, eu não tenho [não tem] mais.

E o convite é para os alemães virem participar conosco, virem participar conosco na questão... a indústria do petróleo vai ser uma coisa muito significativa neste país, muito. Se vocês tiverem ideia da quantidade de sondas, de plataformas, de navios que nós precisamos fabricar aqui dentro, e poderemos fabricar com [em] parceria com a Alemanha, fazer empresas conjuntas. Se a gente imaginar o que este país tem de investimentos para produzir hidrelétricas... Eu não sei... você não pôde mostrar para eles aí, Armando, o sistema de hidrelétricas chamado Hidrelétrica Plataforma. Ele está sendo pensado. É uma engenharia que nem o mais radical dos ambientalistas vai botar defeito porque nós vamos fazer hidrelétrica como se fosse uma plataforma da Petrobras em alto-mar. Ou seja, as pessoas que vão trabalhar,



vão de helicóptero, vão ficar trabalhando lá e vão ser buscadas, para a gente não deixar vestígios de obra em volta para que não haja ocupação desordenada, para que não haja isso. Vai ser um modelo que já está quase pronto. Quando ele estiver totalmente pronto, nós vamos apresentar ao Brasil e ao mundo, e eu acho que os alemães deveriam participar conosco desse projeto de desenvolvimento. São muitos investimentos, muitos investimentos.

Então, eu posso dizer para vocês: quem está convidando vocês é um amigo de vocês, que gosta de vocês, que conhece a Alemanha desde 1975, quando era dirigente sindical – tive muita solidariedade dos sindicalistas da Alemanha –, um companheiro que foi o primeiro a ser recebido por um chanceler alemão, em 1979, Helmut Schmidt. No auge do regime militar veio ao Brasil. Proibido pelos militares, ainda assim ele exigiu me receber, e eu tenho uma grata recordação daquele momento histórico do meu encontro com Helmut Schmidt. Depois tive o prazer de conhecer o Willy Brandt. Só não tive o prazer de conhecer o Helmut Kohl, mas, de lá para cá, todos os que passaram, nós conversamos. Devo muito à ajuda que o sindicalismo alemão deu ao Brasil, que a Fundação Friedrich Ebert deu ao Brasil. Já falei com a primeira-ministra Angela Merkel porque eu sei que a federação [Fundação] Friedrich Ebert pertence a um outro partido político. Isso é coisa da Alemanha, não é uma coisa minha.

Mas o dado concreto é que eu acho que Brasil e Alemanha podem, se quiserem, dobrar, em dez ou 15 anos, o que nós fizemos até agora. A oportunidade não é apenas para o Brasil. É para o Brasil e para a Alemanha porque nós, juntos, poderemos fazer muito mais e muito melhor.

Muito obrigado, gente. Parabéns pela 27ª Conferência.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de formatura dos alunos do Plano Setorial de Qualificação dos Beneficiários do Bolsa Família (Planseq)-Programa Próximo Passo, da região metropolitana do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ, 1º de setembro de 2009

Bem, primeiro eu quero cumprimentar o companheiro governador do estado do Rio, Sérgio Cabral,

Quero cumprimentar o companheiro ministro do Trabalho, Carlos Lupi,

Quero cumprimentar o companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Quero cumprimentar o ministro do Turismo, Luiz Barretto,

E também o companheiro Edson dos Santos, ministro da Secretaria de Política de Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o deputado federal Brizola Neto,

O nosso querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os secretários estaduais,

Os prefeitos,

Quero cumprimentar o Paulo Simão, presidente da CBIC,

Quero cumprimentar os representantes dos sindicatos e empresas dos setores da construção civil e turismo que estão aqui,

Quero cumprimentar os queridos estudantes Priscila Lima dos Santos Gomes, Ednaldo Marques da Silva, em nome de quem eu quero cumprimentar a todos os formandos do Programa Próximo Passo,

Quero cumprimentar os familiares dos alunos,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,



Mas, eu estou até com um discurso escrito aqui, e eu vou fechar o discurso para ter uma conversa muito franca com vocês. Primeiro, eu queria dizer uma palavra: não é justo, não é politicamente correto, não é socialmente correto a gente vir para um ato público em que as pessoas mais pobres deste país estão tendo uma pequena oportunidade de receber o seu diploma de uma profissão, e companheiros, por divergências políticas, virem vaiar alguém em uma solenidade como essa. Não é correto. Não é correto.

Porque, sabem o que acontece? Sabem o que acontece? As pessoas que vão pensar que é bonito, que vaiar faz parte da manifestação democrática. Mas amanhã, depois de a gente participar desse ato maravilhoso, de a gente ver o discurso da primeira, Priscila, que falou aqui, do menino que falou, de a gente ver as pessoas que tiveram a carteira profissional assinada. Daqui a pouco o que a gente vê no jornal é que alguém foi vaiado no ato, e não conta sequer quem vaiou ou porquê vaiou. É uma coisa depreciativa, em um ato como este. Se as vaias fossem para mim, eu não me importo, poderia me esperar ali fora e me vaiar à vontade, que vaiar faz parte da democracia, eu não me incomodo. Mas é preciso que a gente tenha apenas um pouco de compreensão do momento que a gente está vivendo e o significado do dia de hoje para as pessoas mais humildes deste país.

Bem, dito isso, eu queria fazer um apelo aos empresários brasileiros que não estão aqui, mas aos que estão aqui também. É que não tem nada – e vou repetir –, não tem nada mais sagrado para um homem ou para uma mulher do que receber um certificado de qualificação profissional. Esta gente acreditou no apelo que nós, governo – governo federal, governo estadual e prefeitos – fizemos. Esta gente acreditou no apelo que os ministros fizeram, e os empresários entraram de corpo e alma nisso. Mas é preciso a gente fazer mais. Primeiro, eu queria pedir aos prefeitos que têm obras do PAC nas suas



idades: toda obra do PAC que existir na cidade de vocês, vocês deveriam dar a primeira chance para essas pessoas que pegaram o seu primeiro diploma.

Segundo, os empresários... Onde é que está a relação dos formandos, se alguém quiser contratar? É preciso que a gente possa fazer um comunicado, e a imprensa brasileira ajudar, que todos os empresários deste país... que agora a indústria está crescendo, que agora a construção civil está crescendo, que agora o turismo está crescendo. Agora vocês, quando quiserem contratar alguém qualificado, eu não sei se fala com o Lupi, se fala com o Patrus, se fala com a prefeitura, se fala com o Governador ou se fala com o Ministério do Turismo. Mas o dado concreto é que as pessoas mais humildes deste país agora têm um diploma e querem trabalhar e precisam trabalhar. Olhem, o prefeito de Queimados, o prefeito de Queimados, aqui no ato, os dois diplomas da cidade de Queimados, que as pessoas não tinham emprego, ele acabou de contratar aqui. Ele acabou de dizer para as pessoas, segunda-feira, irem na Prefeitura para trabalhar.

Bem, eu acho que agora cada prefeito pode fazer uma campanha na sua cidade, cada vereador pode fazer uma campanha. Em vez de o vereador ir para a rua falar mal do prefeito, vai lá pedir emprego para o povo mais pobre, e a gente vai arrumando as coisas. Os companheiros do Sindicato da Indústria da Construção Civil podem fazer comunicado a todos os membros do Sindicato para contratarem as pessoas que estão formadas no Programa Próximo Passo, que é o nome bonito para as pessoas que antes recebiam o Bolsa Família. Eu prometo a você que aonde eu for agora, eu vou fazer propaganda das meninas e dos meninos do Próximo Passo, para que todo mundo contrate essa pessoa.

Acho, Lupi e Patrus, que mereceria até uma chamada na televisão esse Programa aqui. Vocês têm que ver hoje, se a televisão, de noite, não falar nada disso, nós temos que tentar fazer um programa institucional para que a gente possa divulgar esse Programa para a sociedade brasileira. Inclusive, vocês viram que quem estudou Turismo ficou mais chique, já vai trabalhar de



camareira em um hotel e já vai ganhar R\$ 1.200,00 por mês. E ainda é capaz de [se] encontrar com artista famoso no hotel.

Bem, mas agora eu vou dizer para vocês uma coisa. Eu vou dizer para vocês uma coisa que eu acho sagrado para mim, foi sagrado para mim, e eu acho que é sagrado para vocês. E essa história, eu conto ela há muito tempo, e vou continuar contando, porque eu acho que a gente tem que contar as experiências que deram certo na vida.

Para vocês, que estão aqui me vendo a primeira vez, eu sou filho de uma mãe que teve 12 filhos, quatro morreram, e oito foram criados. Eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma casa, a ter um carro, a ter uma televisão, porque eu aprendi uma profissão. Eu fui o primeiro a ganhar mais do que o salário mínimo muitas vezes, porque eu aprendi uma profissão.

Eu sei o que é uma mulher, ou um homem, levantar de manhã precisando trabalhar e sair de casa para procurar emprego e bater de porta em porta, as pessoas perguntam “o que você sabe fazer?”, “Nada”, não vai ter emprego. “Eu sei fazer um pouco de cada coisa”, também não sabe fazer nada. É sagrado, é sagrado que a gente tenha uma profissão e que a gente possa dizer “eu sei fazer tal coisa, eu sou azulejista, eu sou camareira, eu sou especialista em alguma coisa”, porque isso garante à gente a possibilidade de ter uma profissão. Eu sei o que é sair de casa às 5h da manhã, com a carteira profissional no bolso, e voltar à tarde sem ter uma única chance de trabalhar, e quando a gente chega na porta da fábrica ou da loja, eles perguntam para a gente: “Você já trabalhou?”. “Não”. “Você não tem nenhuma experiência?”. “Não”. “Então volta, eu não vou precisar”. E muitas vezes, muitas vezes, mulheres como vocês, que deixam filhos em casa, às vezes sozinhos, na perspectiva de ter esse emprego, passam meses, anos, sem ter uma oportunidade de trabalhar.

Nós achamos que é possível mudar este país. É por isso que ontem, quando nós lançamos o marco regulatório, a nova lei do petróleo... nós vamos



criar um Fundo com o muito dinheiro que a Petrobras vai ter, para que a gente possa investir na educação, na formação da pessoa e no combate à pobreza deste país para a gente virar um país de gente digna, respeitada e gente com cidadania, porque tem condições de sobrevivência com dignidade.

Pois bem, eu vou dizer para vocês o significado de uma profissão. Eu lembro como se fosse hoje que a minha mãe, quando veio para São Paulo – a gente morava em Santos –, ela veio com os meus irmãos mais velhos. Nenhum tinha profissão. Um trabalhava de carvoeiro, outro trabalhava vendendo sardinha, eu era moleque, vendia tapioca, vendia beiju, vendia laranja, vendia o que quisesse. Eu não sabia gritar, eu tinha vergonha de gritar. O meu irmão me dava cascudo para que eu gritasse e eu tinha vergonha de gritar. Mas aí eu tive a sorte de aprender uma profissão. Eu não esqueço nunca: era eu, minha mãe, oito irmãos e mais três primos, que morávamos em um quarto e cozinha, um quarto e cozinha. O banheiro que a gente utilizava era o banheiro dos fundos do bar, onde todo mundo que enchia a cara no bar utilizava o banheiro. Era lá que a minha mãe tinha que usar, era lá que as minhas irmãs tinham que usar, e era lá que eu tinha que usar.

Eu estou contando isso para vocês, para que vocês tenham clareza de que não existe hipótese nenhuma, por mais que a vida da gente seja dura, de a gente desanimar, de a gente dizer “não vale a pena. Eu não sou abençoado por Deus, eu não vou fazer nada”. Não existe hipótese.

Eu estou contando isso porque sei que muitos de vocês passam hoje o que eu passei muito tempo atrás. Eu sei o que é uma mãe sentar em uma cozinha, em um sábado à tarde, com seis ou sete filhos sem ter o que colocar no fogo para cozinhar. Eu sei o que é isso porque vivi isso. Mas eu nunca vi minha mãe reclamar. Minha mãe nunca reclamou, nunca reclamou. Ela sempre achava que no dia seguinte a gente ia ter o que comer.

Eu estou dizendo isso porque sobretudo a mulher sofre mais, a mulher sofre mais. Por que é que eu acho que a mulher tem que ter uma profissão?



Porque eu acho que a profissão é a única forma que a mulher tem de ter liberdade e de ter independência no bairro, na vila ou na sua casa. Não é socialmente correto e não é justo que a mulher more com um homem porque ela precisa do prato de comida que ele lhe oferece. Não é correto. Não é correto que a mulher more com um homem apenas porque ele tem que dar comida para as crianças. Não. Ela tem que morar com um homem porque ela gosta desse homem, porque ela quer ficar com esse homem e porque ela ama esse homem. E por isso é que, mais do que um homem e mais do que qualquer coisa, a mulher tem que ter uma profissão, para ajudar dentro de casa se..., para partilhar com o companheiro. Mas se o companheiro for daqueles que bebe, chega em casa e quer mandar na mulher, ela tem que dizer: “Eu não preciso de você para isso”.

É por isso que eu acho que a profissão é uma coisa sagrada. O diploma que vocês receberam hoje não é tudo. O diploma que vocês receberam hoje é apenas um passo a mais na vida de vocês, um passo a mais na vida de vocês. Agora, o homem também precisa de uma profissão. Ah, como é bom a gente chegar na porta de uma fábrica, de uma loja, a pessoa perguntar: “O que você sabe fazer?”. E você fala: “Eu sei fazer isso”. “Vai fazer um teste”. E você fazer o teste, passar e começar a trabalhar. Ah, como é sagrado a gente trabalhar o mês inteiro e chegar no fim do mês, a gente pegar o salário, colocar na mesa, junto com a nossa mãe ou com a nossa companheira, e a gente decidir o que vai pagar, o que vai comprar, e até levar as pessoas para comerem em um restaurante. Ah, como eu sei que muitos de vocês têm vontade disso.

Tem uma companheira que me escreveu uma carta aqui. A vontade dela é, no primeiro salário, levar as crianças para comerem um McDonald’s ou irem ao cinema, porque ela nunca pôde ir. Ora, meu Deus do céu, como é pouco o que as pessoas desejam. As pessoas precisam apenas de uma oportunidade, as pessoas precisam de uma oportunidade. Na hora em que estender a mão, as pessoas conseguem levantar a cabeça, e é por isso que eu quero voltar a



repetir: nós estamos fazendo muitos investimentos aqui no Rio de Janeiro, com o Governador, com os prefeitos. Estamos melhorando os bairros aqui, para que nunca mais esses bairros sejam chamados de favelas. Tem que ser chamados de bairros e de vilas, como em qualquer lugar do mundo.

Eu sei que essas coisas a gente não resolve no primeiro dia. Eu sei que às vezes é mais fácil falar do que a gente fazer. Mas eu sei que se nós não enfrentarmos esses problemas com força e determinação, o pobre vai ficando cada vez mais esquecido, vai ficando cada vez mais longe da periferia, cada vez que chega o asfalto, o pobre é tocado um pouco mais para a frente. O pobre invade o mangue, aterra, faz a sua casinha. Daqui a pouco vem alguém, compra aquela terra, desapropria o pobre e ele vai para mais longe, um lugar mais inadequado ainda.

Graças a Deus que essa história começa a mudar. Vocês estão lembrados, Governador, quando nós criamos o programa Bolsa Família, uma parte da elite brasileira, uma parte dos preconceituosos dizia: “O Lula está dando esmola para os pobres”. É verdade, é verdade que R\$ 80 ou R\$ 90 é muito pouco, mas é muito pouco para quem pode dar isso de gorjeta depois de encher o “caco” de uísque em um bar. Mas é muito para uma mãe que não tem nada dentro de casa. O milagre que uma mulher faz com R\$ 90 ou com R\$ 100, de levar comida para casa, para os filhos, não tem preço que pague.

Quando nós criamos o ProUni, disseram: “O Lula está querendo colocar pobre na escola, ele vai baixar o nível da escola”. Já tem 545 mil jovens, dos bairros deste país, fazendo universidade, e são melhores do que os grã-finos que estão na universidade, porque tiveram uma oportunidade, uma oportunidade.

É isso que nós estamos fazendo com a formação profissional neste país. É isso que a gente está fazendo, em parceria com o governo do estado. E eu vou dizer aqui: eu sou presidente já há dois mandatos, conheci vários governadores. Nunca o governo federal foi capaz de encontrar o governador



para a gente fazer a parceria que a gente está fazendo aqui, no Rio de Janeiro, com o governador, com os prefeitos.

Então, eu queria, companheiros e companheiras, dizer para vocês da minha alegria. Eu, que sou o presidente da República, eu que já encontrei com todas as pessoas famosas do mundo, eu que já encontrei com o Bush, com o Obama, com o Clinton, com chinês, com alemão, com francês, eu que já encontrei com artistas famosos, eu vou dizer para vocês uma coisa: não há nada, não há nada que me dê mais prazer do que encontrar, não com gente famosa, com o meu povo deste país, com mulheres e homens deste país que passam pelo que eu passei e que precisam ter a oportunidade que eu tive para poder vencer na vida. E isso, companheiros e companheiras, vai acontecer. Podem ficar certos que daqui a alguns anos a gente vai ver este país infinitamente melhor, com o pobre trabalhando, com o filho do pobre estudando, com as crianças tendo ensino de qualidade. Chega de escorraçar as pessoas mais humildes deste país.

E vocês representam a cara de milhões de brasileiros que estão olhando na televisão, vendo denúncia de corrupção todo dia, vendo gente xingar a gente, e são poucos os que vocês veem dizer: “Vamos fazer a coisa para o povo mais humilde. Ele nos elegeu não para ficar brigando descaradamente, ele nos elegeu para que a gente faça as coisas por ele”.

No ano que vem tem eleição, gente. No ano que vem é hora de o povo brasileiro levantar a cabeça e dizer: “Agora nós temos que colocar gente lá que, pelo menos, tenha sentimento, que governe um pouco com o coração”, porque apenas com a cabeça a gente não consegue tratar daqueles que ficaram para trás, desesperados, durante décadas e décadas de esquecimento desse povo pobre.

Por isso, companheiros, eu vi quando o ministro Lupi pediu para levantar a mão, tinha pouca gente trabalhando. Nós, agora, Lupi, Patrus, companheiro Edson, companheiro Eduardo Paes, Sérgio Cabral, companheiros ministros



todos aqui, Luiz Barreto, Pezão, prefeitos e empresários: nós agora temos um compromisso. Nós já demos um diploma para eles. Agora, esse diploma foi o próximo [primeiro] passo. Agora nós temos que dar o próximo passo: é dar a eles o direito de exercer a profissão que eles aprenderam e viver dignamente dela.

Eu quero dizer que hoje é um dos dias felizes da minha vida. Olhar a cara de vocês que receberam o diploma – dos pouquinhos que nós entregamos aqui – e ver a chama de esperança no olho de vocês é o que me dá certeza de que eu vou batalhar por este país. Com cada empresário que eu conversar, com cada prefeito, eu vou dizer: nós temos gente formada que precisa trabalhar. Não reclamem, porque agora tem pedreiro, tem electricista, tem azulejista, tem encanador, tem camareira, tem tudo o que vocês quiserem. E este país... e vocês, vocês vão ver o prazer, vocês vão ver o prazer que significa, quando vocês tiverem o primeiro emprego, que vocês receberem o primeiro salário de vocês. A coisa mais gostosa do mundo, a gente chegar em casa e dizer: “Minha filha, hoje eu vou te comprar uma roupinha nova, eu vou te comprar um sapato novo”. E tem que cuidar bem do marido porque senão ele fica com ciúmes. Então, a gente não pode deixar de fazer um cafuné no bem-amado porque senão não adianta a gente ganhar dinheiro se a pessoa que ama não está perto da gente. Então, é preciso que a gente cuide disso.

Eu acho que esse programa é um programa que tem uma parceria extraordinária com os empresários brasileiros, e eu tenho certeza que se os prefeitos, os empresários e nós levamos em conta... porque essas pessoas estão cadastradas, não estão? E a gente pegar o cadastro de vocês, eu tenho certeza que logo, logo muitos de vocês estarão trabalhando neste país para o bem de vocês e da família de vocês.

Um grande abraço, gente. Que Deus abençoe todos vocês. Boa sorte e vamos continuar trabalhando para melhorar a vida do nosso povo. Um beijo e um abraço.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção da lei que anistia estrangeiros em situação irregular no Brasil

Ministério da Justiça – Brasília-DF, 02 de julho de 2009

Meu caro companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,
Meu caro companheiro Romeu Tuma Júnior, Secretário Nacional de Justiça,

Senador Romeu Tuma,

Deputados Federais Carlos Zarattini, Nelson Marquezelli e William Woo,

Senhoras e senhores imigrantes beneficiados com a lei de anistia,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiramente...

Meu caro Luiz Paulo Fernando, nosso companheiro diretor da Polícia Federal,

Nosso presidente da Funai,

Nosso diretor da Polícia Rodoviária Federal,

Demais companheiros aqui presentes,

Primeiramente, gostaria de agradecer, em nome do povo brasileiro, a todos os imigrantes que ajudaram e continuam a ajudar a construir o nosso país. Esta terra é generosa, e sempre recebeu de braços abertos todos os que vêm para trabalhar, criar seus filhos e construir uma vida nova.

É por isso que as medidas que adotamos hoje darão aos imigrantes os mesmos direitos e deveres previstos na Constituição Federal para os nossos compatriotas, à exceção daqueles exclusivos de brasileiros natos. Entre esses direitos, destaca-se a liberdade de circulação no território nacional e o pleno acesso ao trabalho remunerado, à educação, à saúde pública e à Justiça.



Essas novas leis significam que o Brasil se coloca cada vez mais à altura da realidade migratória contemporânea, das condições globais do desenvolvimento econômico e social, e do respeito fundamental aos direitos humanos. Elas são, também, resultado de um amplo debate nacional, com a participação de diferentes setores da sociedade e dos próprios imigrantes que tiveram, assim, a oportunidade de esclarecer os problemas que enfrentam e propor soluções.

É preciso destacar que essa anistia vem num momento muito especial, em que se aprofunda e se amplia o processo de integração da América do Sul. Ao longo de muitas décadas, o Brasil sempre acolheu europeus, asiáticos, árabes, judeus, africanos e, mais recentemente, temos recebido fortes correntes migratórias de nossos irmãos da América do Sul e da América Latina.

Somos, na verdade, uma nação formada por imigrantes. Uma nação que comprova na prática como as diferenças culturais podem contribuir para a construção de uma sociedade que busca sempre a harmonia e combate com rigor a discriminação e os preconceitos. Não só somos um povo misturado, como gostamos de ser um povo misturado. Daí vem grande parte de nossa identidade, de nossa força, de nossa alegria, de nossa criatividade e do nosso talento.

Não podemos esquecer que a própria Constituição brasileira, quando trata dos direitos e garantias fundamentais, estabelece que todos são iguais perante a lei, sejam brasileiros ou estrangeiros residentes. O Estado brasileiro, por meio de compromissos firmados em vários acordos internacionais, reconhece que os migrantes são titulares de direitos e deveres que devem ser respeitados.

Defendemos que a migração irregular é uma questão humanitária e não pode ser confundida com a criminalidade. Adotamos sobre essa questão uma abordagem abrangente e equilibrada, levando em consideração os princípios da universalidade, interdependência e indivisibilidade dos direitos humanos.



Para milhares de brasileiros, viver em países como Estados Unidos, Japão, Itália, Espanha, Portugal, por exemplo, significa um sonho de progresso. Mas para muitos dos nossos vizinhos, o Brasil é visto como uma chance real de melhorar a sua vida. Aqui, esses estrangeiros têm direito à saúde pública e, seus filhos, à educação gratuita, o que, infelizmente, não ocorre em muitos dos países que recebem imigrantes brasileiros.

Consideramos injustas as políticas migratórias adotadas recentemente em alguns países ricos, que têm como um dos pontos a repatriação dos imigrantes. Para nós, a repressão, a discriminação e a intolerância não lidam corretamente com a raiz do problema. Já disse várias vezes e repito: ninguém deixa sua terra natal porque quer, mas sim porque precisa ou porque acha que pode construir uma vida digna e melhor para si e para seus filhos em outro lugar. Falo isso por experiência própria. Foi isso que aconteceu com a minha família quando deixamos o sertão do Nordeste, em Pernambuco, rumo ao estado de São Paulo. Fomos buscar oportunidades, trabalho, estudo, melhores condições de vida. Por isso mesmo, julgo que os países mais ricos devem ter um enfoque solidário na questão da migração. Devem estabelecer parcerias que promovam o desenvolvimento das regiões e países onde se origina a migração, criando oportunidades, trabalho e melhores condições de vida.

A sociedade brasileira contrapondo-se a várias manifestações de intolerância que ocorrem em nível internacional faz questão de festejar a própria hospitalidade. Como se viu no ano passado, por exemplo, nas comemorações do centenário da migração japonesa. Sempre acreditei na solidariedade como um valor fundamental para o desenvolvimento social. O Brasil, com responsabilidade e equilíbrio, foi e continuará sendo um país aberto e solidário aos migrantes de todas as partes do mundo.

Meus companheiros e companheiras, vocês estão percebendo que eu vim com um traje de imigrante hoje. Eu vim com um pouco de Bolívia e um pouco de Paraguai. Não poderia vir um pouco de peruano, de chinês, de



japonês, de colombiano, porque aí não seria uma roupa própria para este momento aqui. Aí viraria uma fantasia com tantas cores e com tanta roupa junto.

Mas eu queria concluir dizendo para vocês que este é mais um exemplo que o Brasil quer dar ao mundo. Quando o primeiro ministro Gordon Brown esteve no Palácio da Alvorada, fazendo uma reunião bilateral, já começava a ter insinuações, em vários jornais brasileiros e estrangeiros, de que a perseguição aos imigrantes iria começar a acontecer, sobretudo os pobres que transitam pelo mundo à procura de uma oportunidade, às vezes até por problema político no seu país, e às vezes, também, porque as pessoas e o ser humano é nômade, gosta de procurar um lugar em que ele se sente bem.

E eu disse, naquela ocasião, que não deveria ser colocada culpa da crise provocada pelos homens de olhos azuis, em cima dos negros, e dos índios, e dos pobres do mundo. Porque no fundo, no fundo, a crise, se ela prejudica todo mundo, certamente ela prejudicará os mais pobres. E a gente está vendo, muitas vezes, o que acontece com brasileiros em países europeus.

Eu penso que nesse momento, em que a América do Sul está discutindo o seu problema de integração, ainda muito incipiente, na medida em que nós estamos falando em integração na América Latina, na medida em que nós estamos com uma dívida histórica com o povo africano, que nunca poderá ser paga em dinheiro, mas será paga em gestos como esses, de solidariedade e de reconhecimento, eu acho que essa oportunidade é uma oportunidade para que possamos mexer com a consciência e com os corações dos dirigentes do mundo inteiro.

Eu, na próxima quarta-feira, estarei na Itália, participando do G-8. Quero que o Tarso prepare uma resenha, ou seja, não precisa mais que uma folha de papel, um resumo do que nós estamos fazendo aqui, para que eu possa dizer a todos os presidentes dos países mais importantes do mundo, porque o Brasil toma posição, mostrando a contrariedade do Brasil com a política a ser



adotada pelos países ricos. Eu tenho consciência da quantidade de brasileiros que vivem no Paraguai, são mais de 400 mil brasileiros. Eu tenho consciência da quantidade de brasileiros que mora na Bolívia, são centenas ou dezenas de milhares de brasileiros espalhados pelo mundo. E é bom que seja assim, é bom que a gente crie um mundo sem fronteiras, ou com fronteiras mais maleáveis, que permitam não apenas máquinas, produtos agrícolas, commodities atravessarem as fronteiras, mas que o ser humano seja olhado pelo seu lado bom e não se confunda o ser humano como exemplo de coisa ruim na travessia de uma fronteira.

É verdade que nós vamos continuar sendo duros no combate ao narcotráfico. É verdade que nós vamos continuar sendo duros com o contrabando. É verdade que nós vamos continuar sendo duros com os crimes internacionais. Mas é verdade que nós temos que ser generosos com os seres humanos de qualquer parte do mundo que aqui queiram vir pousar e preparar o seu futuro. É assim que o Brasil manda esse projeto de lei para o Congresso Nacional.

Eu disse no começo do meu discurso: o Brasil é o que é pela mistura que nós vimos tendo desde 1500, com portugueses, com alemães, com italianos, com árabes, com japoneses, com espanhóis, com chineses, com latino-americanos. Ou seja, todos os que vieram para cá foram atendidos com muita decência. Eu tenho dito aos presidentes dos países: o Brasil não quer mais e nem menos. Nós não queremos nenhum privilégio a nenhum brasileiro, em nenhuma parte do mundo. Nós queremos apenas que vocês tratem os brasileiros no exterior como nós tratamos os estrangeiros aqui no Brasil: como irmãos, como parceiros e como brasileiros.

Um abraço. Parabéns, Tarso Genro. Parabéns, Tuma. Eu espero que o Congresso Nacional, na sua generosidade, vote logo esse projeto de lei. Boa sorte.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Pronunciamento do Presidente da República

Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e televisão, por ocasião das comemorações do Dia 7 de Setembro

Brasília-DF, 06 de setembro de 2009

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

É comum que o 7 de setembro sirva para a gente enaltecer o passado e pensar o presente. Desta vez é diferente: este é o 7 de setembro do Brasil festejar o futuro. De celebrar uma nova independência.

Esta nova independência tem nome, forma e conteúdo. Seu nome é pré-sal; seu conteúdo são as gigantescas jazidas de petróleo e gás descobertas nas profundezas do nosso mar; sua forma é o conjunto de projetos de lei que enviamos, há poucos dias, ao Congresso Nacional. E que vai garantir que esta riqueza seja corretamente utilizada para o bem do Brasil e de todos os brasileiros.

Peço a cada um de vocês que acompanhe passo a passo as discussões destas leis no Congresso. Que se informe, reflita, e entre de corpo e alma nesse debate tão importante para os destinos do Brasil e para o futuro de nossos filhos e netos.

Posso resumir em duas frases a proposta do governo: de um lado, ela garante que a maior parte da riqueza do pré-sal fique nas mãos dos brasileiros; de outro, ela impede que qualquer governante gaste de forma irresponsável estes recursos. E mais: obriga que este dinheiro seja aplicado em educação, ciência e tecnologia, cultura, defesa do meio-ambiente e combate à pobreza.

Minhas amigas e meus amigos,

O pré-sal é uma das maiores descobertas de todos os tempos. Ainda não se pode dizer, com exatidão, quantos bilhões de barris de petróleo existem nele. Mas já se pode garantir, com toda segurança, que ele colocará o Brasil entre os países com maiores reservas de petróleo e gás do mundo.

Elas se espalham por uma área de 149 mil quilômetros quadrados, que começa

no litoral do Espírito Santo e termina no de Santa Catarina. É uma área do tamanho do estado do Ceará.

As jazidas ficam debaixo de uma lâmina de água e de camada de sal, que, em alguns pontos, correspondem a dez morros do corcovado empilhados.

Minhas amigas e meus amigos,

O que deve fazer um povo livre, responsável e soberano ao receber tamanha dádiva de Deus? Garantir que esta riqueza não escape de suas mãos, buscar os meios mais eficientes de explorá-la e modernizar suas leis para não repetir os erros de outros países.

A história tem mostrado que a riqueza do petróleo é uma faca de dois gumes. Quando bem explorada, traz progresso para o povo. Quando mal explorada, ela traz conflitos, desperdícios, agressão ao meio-ambiente, desorganização da economia e privilégios para uns poucos. Assim, alguns países pobres, ricos em petróleo, não conseguiram jamais sair da miséria.

Por isso, dei orientações bem claras aos ministros. Primeira: o petróleo e o gás pertencem ao povo brasileiro. Como no pré-sal, os possíveis sócios terão poucos riscos, eles não podem ficar com a parte da renda. Ela tem que ser do povo. Segunda orientação: o Brasil não pode ser um mero exportador de óleo cru. Vamos agregar valor aqui dentro, exportando derivados, como gasolina, diesel e produtos petroquímicos, que valem muito mais. Vamos construir uma poderosa indústria de equipamentos e serviços e gerar milhares e milhares de empregos brasileiros. Terceira orientação: não vamos nos deslumbrar e sair por aí, como novos ricos, torrando dinheiro em bobagens. O pré-sal é um passaporte para o futuro. Vamos investir seus recursos naquilo que temos de mais precioso e promissor: nossos filhos, nossos netos, nosso futuro.

Minhas amigas e meus amigos,

Os ministros seguiram estas diretrizes e honraram o compromisso com o povo brasileiro. A principal mudança que estamos propondo é que, nas áreas ainda não exploradas do pré-sal, passe a vigorar o modelo de partilha. Quase todos os países que têm grandes reservas e baixo risco de exploração adotam este sistema. Ele garante que o estado e o povo continuem donos da maior parte do óleo e do gás mesmo depois de sua extração.

O modelo de concessão, que foi adotado em 97, não se adapta a nova situação.

Seria um erro mantê-lo no pré-sal. Um erro grave. Ele foi implantado quando não sabíamos da existência de grandes reservas e o País não tinha recursos para explorar seu petróleo.

Estamos propondo, também, que a Petrobras seja a operadora de toda área. Ou seja, exerça atividades de exploração e produção, com uma participação mínima de 30% em todos os blocos.

Não podia ser diferente. Afinal, temos dentro de casa uma das maiores, melhores e mais respeitadas empresas de petróleo do mundo. Assim saberemos tudo sobre as reservas, aperfeiçoaremos nossa tecnologia e faremos da Petrobras uma empresa ainda mais forte.

Este trabalho será complementado pela Petrosal, uma nova empresa estatal, enxuta e altamente qualificada, que vai gerir os contratos de partilha e os de comercialização. Ela não vai concorrer com a Petrobras. Sua função é outra - a de ser o olho do povo na fiscalização de toda operação.

Minhas amigas e meus amigos,

Hoje o Brasil tem todas as condições políticas, econômicas e tecnológicas para enfrentar este desafio. A economia do Brasil vive um novo momento. De 2003 a 2008, crescemos em média, 4,1% ao ano. Nos últimos dois anos, mais que 5%. O país gerou cerca de onze milhões de empregos com carteira assinada. O desemprego caiu fortemente, de 11,7% em 2003, para 8% hoje. As taxas de juros são as menores das últimas décadas.

Não só pagamos a dívida externa, como acumulamos reservas de 215 bilhões de dólares. E mais: reduzimos a miséria e as desigualdades. Mais de 30 milhões de brasileiros saíram da linha da pobreza. E destes, 20 milhões ingressaram na nova classe média, fortalecendo o mercado interno e dando vigoroso impulso à nossa economia.

O fato é que hoje temos uma economia organizada e em crescimento, que foi testada na mais grave crise internacional desde 29 e saiu-se muito bem. Não só não quebramos, como fomos um dos últimos países a entrar na crise e estamos sendo um dos primeiros a sair dela. Antes, éramos alvo de chacotas e de imposições. Hoje, nossa voz é ouvida lá fora com atenção e respeito.

A Petrobras de hoje é a cara deste novo Brasil. É a oitava maior empresa do mundo. Não existe nenhuma empresa, na Europa, do tamanho dela. Nas Américas,

fica atrás apenas de três gigantes norte-americanas. E é a segunda empresa em lucratividade. E, entre as petroleiras, a segunda em valor de mercado no mundo.

A Petrobras chegou aí, entre outros motivos, porque este governo acreditou e investiu, dando condições para que ela aumentasse a produção, encomendasse plataformas, sondas, modernizasse e ampliasse refinarias, treinasse e contratasse funcionários. Além de construir uma grande infra-estrutura de gás natural e entrar na área de biocombustíveis.

O coroamento deste esforço foi exatamente a descoberta, pela própria Petrobras, das reservas do pré-sal. Um feito extraordinário, que encheu de admiração o mundo e de orgulho os brasileiros.

Minhas amigas e meus amigos,

Este é um governo que acredita no Brasil e no que ele tem de mais rico: o seu povo.

É por isso que propomos que os recursos do pré-sal sejam colocados em um fundo social, controlado pela sociedade, e que será aplicado, majoritariamente, em desenvolvimento humano. De um lado, o novo fundo será uma mega-poupança, um passaporte para o futuro, que nos ajudará, entre outras coisas, a pagar a imensa dívida que o País tem com a educação e a pobreza.

De outro lado, funcionará, também, como um dique contra a entrada desordenada de dinheiro externo, evitando seus efeitos nocivos e garantindo que nossa economia siga saudável, forte e baseada no trabalho e no talento de nossa gente.

Todos estes temas estão agora em discussão no Congresso Nacional e eu sei que contaremos, mais uma vez, com o apoio livre e soberano do Legislativo na construção deste novo Brasil.

Uma ação desta amplitude só pode ocorrer, de forma saudável, em um ambiente democrático. A democracia é o ambiente mais saudável para o crescimento.

O embate e a paixão política fazem parte do universo democrático, mas não podemos deixar que interesses menores retardem ou desviem a marcha do futuro.

Uma democracia só se fortalece com a participação da sociedade. Por isso se mobilize, converse com seus amigos, escreva pra seu deputado, seu senador, pra que eles apoiem o que é melhor para o Brasil.

O Brasil não tem medo de crescer, nem de buscar os melhores caminhos. Não

vai ficar preso a dogmas, a modelos fechados ou a falsas verdades.

O Brasil acredita no livre mercado mas também no papel do estado como indutor do desenvolvimento. E saberá sempre buscar o equilíbrio que garanta o melhor para seu povo.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

É tempo de ampliarmos, ainda mais, a nossa esperança no Brasil. A independência não é um quadro na parede nem um grito congelado na história. A independência é uma construção do dia-a-dia. A reinvenção permanente de uma nação. A caminhada segura e soberana para o futuro.

Viva o 7 de Setembro! Boa noite!

(\$213)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo 35º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a China

Publicada no jornal China Daily

No dia 15 de agosto, celebramos o 35^o aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a China. Não estou exagerando, e acredito que meus amigos chineses concordarão, quando digo que nossa relação nunca foi tão profunda e tão produtiva. Hoje, nossa agenda comum abrange uma ampla variedade de assuntos, de pesquisas em fontes de energia renovável à reforma da arquitetura da governança global. Nossa parceira estratégica, estabelecida em 1993, representa um modelo de como duas grandes economias emergentes podem cooperar para ajudar a moldar o mundo de hoje.

O Brasil e a China compartilham uma visão ambiciosa de um mundo mais próspero e seguro para nossos filhos e netos. Mas também compreendemos a importância de sermos pragmáticos e de definirmos objetivos concretos para nossa relação bilateral. Neste ano, o segundo encontro da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Coordenação acontecerá em Brasília. Na ocasião, pretendemos adotar um Plano de Ação Conjunta para o período de 2010-2014, que irá consolidar uma cooperação estratégica com a qual nossos países têm muito a ganhar. O Plano de Ação Conjunta no qual estamos trabalhando reúne a experiência de um impressionante conjunto de órgãos governamentais do Brasil e da China. Ele fornecerá uma orientação abrangente para nosso diálogo futuro, bem como uma forma efetiva de monitorar o progresso e de identificar dificuldades desde o início.

O crescimento econômico é a maior prioridade para o Presidente Hu



Jintao e para mim. Nós, no Brasil, aprendemos a admirar a forma como a China tirou centenas de milhões de cidadãos de pobreza. Como Presidente do Brasil, tenho apoiado fortes medidas para aliviar a pobreza e lutar contra a fome no meu País, bem como no exterior. Durante minha segunda visita oficial à China, em maio passado, o Presidente Hu Jintao e eu discutimos as políticas sociais que nossos países estão adotando para aumentar o padrão de vida de nossos povos, e podemos continuar cooperando.

A China é um dos parceiros mais estratégicos do Brasil. Nossos países são membros ativos dos mais importantes foros internacionais. Nos BRICs, no G-20 e no G-5, discutimos estratégias comuns para superar a crise econômica internacional e para aumentar a voz dos países em desenvolvimento no processo decisório internacional.

Há um crescente reconhecimento internacional do papel crucial dos países em desenvolvimento no combate às mudanças climáticas, na correção das injustiças do sistema de comércio internacional e na promoção da paz - apenas para mencionar alguns temas globais críticos. É por isso que nossas nações estão determinadas a impulsionar reformas de longo alcance de instituições internacionais que estão se tornando obsoletas rapidamente.

Nesta importante data, há vários sinais de que a relação sino-brasileira está no caminho certo. É, portanto, com grande confiança que espero aprofundar nossa cooperação amistosa e produtiva nos próximos anos.

(\$212)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Dia da Independência do Brasil

Publicada no jornal *El Mercurio* (Chile)

É com grata satisfação que me dirijo, mais uma vez, ao povo chileno nesta data em que o Brasil comemora sua Independência. E hoje, em especial, porque a amizade histórica entre o Chile e o Brasil atravessa um período excepcional.

Por ocasião da primeira visita da Presidente Michelle Bachelet ao Brasil, em abril de 2006, nossos países lançaram uma “Aliança Renovada”. Naquela ocasião, reafirmamos compromissos e adotamos instrumentos para concretizar e aprofundar um diálogo centrado no entendimento e na cooperação.

Nossa parceria se dá sob o prisma do multilateralismo sul-americano, para o qual o Chile prestou inestimável contribuição à frente de uma exitosa Presidência *Pro Tempore* da UNASUL.

Nossas economias são complementares. A próxima entrada em vigor de instrumentos relativos às zonas francas e ao comércio de serviços, bem como a próxima inauguração do corredor interoceânico, oferecem oportunidades concretas para a diversificação e incremento do comércio bilateral e da integração regional.

O recente início das atividades da Petrobras no Chile também abre perspectivas alvissareiras de cooperação no campo estratégico da energia e, em particular, dos biocombustíveis.

São muitos os desafios à frente para explorarmos ao máximo as potencialidades de nossa parceria. Tenho a convicção de que o Chile e o Brasil se encontram no caminho certo. Continuaremos, assim, a trabalhar em conjunto, no interesse mútuo de nossos povos.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Mensagem do Presidente da República**

(S212A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Dia da Independência do Brasil

Publicada nos jornais *El Observador* e *El Pais* (Uruguai)

O Brasil comemora, neste 7 de setembro, o 187º aniversário da Independência. Para nós, brasileiros, trata-se não só de uma celebração, mas também de oportunidade para refletirmos sobre os desafios na construção de um Brasil mais digno para os nossos cidadãos.

Como resultado de um esforço verdadeiramente coletivo, já estamos colhendo os frutos da estabilidade econômica e dos avanços em matéria de inclusão social, patrimônio inestimável de todos os brasileiros. O Brasil é hoje um país mais justo e democrático.

Celebramos nossas conquistas com um espírito de paz e tranquilidade, que compartilhamos com todos os países amigos do Brasil, em especial os vizinhos com os quais mantemos fronteiras dinâmicas e prósperas, como o Uruguai.

Amparados por uma amizade histórica e cooperação crescente, o Brasil e o Uruguai buscam aprimorar, no cotidiano das relações bilaterais, os valores comuns da democracia, do respeito aos direitos humanos, do crescimento sustentado com justiça social e da integração regional, com ênfase no Mercosul. Esses valores nos unem e nos impulsionam.

Neste 7 de setembro, estendo a todos os brasileiros residentes no Uruguai e a todos os uruguaios amigos do Brasil meus votos de que a nossa grande amizade cresça ainda mais e que possamos progredir juntos.

Feliz Dia da Independência!



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Mensagem do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao presidente de El Salvador, Mauricio Funes

Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 09 de setembro de 2009

Excelentíssimo companheiro Mauricio Funes, presidente de El Salvador,
Excelentíssima senhora Vanda Pignato,
Minha querida companheira Marisa Letícia,
Meu caro senador José Sarney, presidente do Senado,
Presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Hugo Martínez, ministro das Relações Exteriores de El Salvador,
por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação salvadorenha,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
Companheiros ministros de Estado brasileiros,
Parlamentares aqui [presentes], deputados, senadores,
Membros do corpo diplomático,
Amigos e amigas,

É com enorme satisfação que recebo no Brasil o Presidente de El Salvador.

Antes de ser chefe de Estado, conheci Mauricio Funes, anos atrás, como jornalista, destemido defensor das aspirações de liberdade e justiça do povo salvadorenho. Quem nos visita é, assim, e antes de tudo, um amigo e um grande companheiro.

Com sua eleição à Presidência da nação, a América Central reencontrou-se definitivamente com a democracia. Uma democracia que se construiu com muita dor e muito sacrifício humano.

A visita de hoje é repleta de significados. Conhecemos a amizade e o



afeto que o presidente Mauricio tem pelo Brasil. Eles são a base para uma verdadeira parceria entre dois países que desejam construir juntos seu futuro.

Quero falar também de minha alegria por ter entre nós a companheira Vanda. À frente do Centro Cultural Brasil-El Salvador, trabalhou com entusiasmo e dedicação por essa aproximação entre nossos povos.

Caro companheiro, amigo Mauricio,

Sou testemunha pessoal da vontade de reconciliação que permitiu o reencontro de seu país e de toda a América Central com a estabilidade e o desenvolvimento.

A América Latina aprendeu, a duras penas, que só alcançaremos a paz e o progresso por meio do diálogo, tolerância e muito respeito pelas nossas diferenças. Não podemos abrir mão dessas conquistas.

Por essa razão, o golpe de Estado em Honduras é um retrocesso inaceitável. Devemos repudiá-lo incondicionalmente e exigir o retorno do presidente Manuel Zelaya às funções constitucionais para as quais o povo hondurenho o elegeu. Os golpistas precisam entender que a vontade popular é soberana em nosso continente.

O Brasil tomou todas as medidas de condenação ao golpe: retiramos nosso embaixador, interrompemos todos os projetos de cooperação e suspendemos a isenção de vistos de entrada.

O Brasil, o Mercosul, a Unasul e a OEA estão unidos em torno desse compromisso. Não reconhecemos as eleições conduzidas pelas forças do atraso e do autoritarismo. Essa também é a determinação dos países do Sistema de Integração Centro-Americano, o Sica. As medidas recentemente adotadas pelo presidente Obama contra os golpistas são muito bem-vindas. Sinalizam que os Estados Unidos se juntaram ao consenso político regional e mundial.

Meu caro Mauricio,

Por muito tempo olhamos para o Norte em busca de modelos e



soluções. Demos um passo decisivo para superar essa fragilidade histórica de nossas elites ao realizar a primeira Cúpula da América Latina e do Caribe. Estamos deixando para trás um pesado legado de desconfiança e preconceito mútuo.

Pela primeira vez, definimos um projeto comum, sem condicionalidades externas. A crise econômica comprovou que a inserção autônoma no mundo e a diversificação de parcerias são estratégias que se reforçam. Elas têm, na integração regional, sua mola propulsora.

Por sua localização privilegiada, acreditamos no potencial da América Central como ponte entre continentes. Essa é a razão de o Brasil tornar-se membro observador do Sica. Nossa adesão ao Banco Centro-Americano de Integração Econômica permitirá apoiarmos projetos prioritários para a América Central. Por isso também nos empenhamos pela conclusão de um Acordo de Associação entre o Mercosul e o Sica.

El Salvador desempenha um papel chave nessa estratégia. Fui o primeiro presidente brasileiro a visitar o seu país. Sei que posso contar com seu empenho pessoal para avançar nessa direção. Temos uma parceria exemplar. São programas ambiciosos de cooperação técnica nas áreas de agricultura, patrimônio histórico, saúde, gestão urbana e segurança pública.

Quero convidar El Salvador a participar da revolução da energia do futuro. No âmbito de acordo Brasil-Estados Unidos sobre biocombustíveis, seu país tem todas as condições para tornar-se relevante fornecedor de etanol. Temos pressa em tornar isso realidade. A missão da Embrapa que irá a seu país, já em outubro, levará a tecnologia e a capacitação brasileiras. Levará também projetos capazes de gerar renda, empregos e energia limpa.

Outras oportunidades se abrem no campo da modernização dos transportes e da infraestrutura. Empresas brasileiras estão interessadas em tornar a economia salvadorenha mais competitiva. É a mensagem da missão do BNDES que acaba de voltar de El Salvador.



A delegação empresarial que o acompanhará em visita amanhã à Fiesp conhecerá de perto as muitas possibilidades para ampliar as exportações de El Salvador para o Brasil. Em 2009, essas exportações cresceram mais de 50%. Mas há espaço para que cresçam ainda mais. Equilibrar nosso comércio requer um maior intercâmbio empresarial. Podemos, assim, explorar o potencial do mercado brasileiro para produtos salvadorenhos.

Caro companheiro Mauricio,

No Brasil, comemoramos esta semana nossa data pátria. El Salvador vai comemorar a sua proximamente. Sua visita se dá, assim, sob o signo da independência. Uma independência que se constroi com solidariedade, integração e justiça social.

Eu queria, Mauricio, antes de fazer um brinde aqui, dizer aos nossos convidados para este almoço, tanto salvadorenhos como brasileiros, aos nossos convidados, o significado da eleição do Mauricio para presidente de El Salvador.

Todo mundo conhece a história de luta, quase uma guerra civil interminável, que aconteceu em El Salvador durante décadas. Todo mundo sabe do domínio político de uma única corrente em El Salvador. E, por isso, ganha relevância a eleição do nosso amigo, presidente Mauricio. Representando a Frente Farabundo Marti, mas também representando outras forças da sociedade salvadorenha, o Mauricio foi, possivelmente, a grande surpresa eleitoral na nossa América Central, nos últimos tempos.

O Mauricio já poderia ter sido candidato a presidente em outros tempos. Não o foi. Cada vez que a gente monta uma estratégia política equivocada, a gente, às vezes, atrasa um processo histórico em um ano, em dois anos, em três anos ou quatro anos.

Possivelmente, Mauricio, tenha sido esse o momento histórico importante para a tua eleição porque a América Latina, a América Central e a América do Sul vivem hoje um momento excepcional de conquistas da



democracia, com as divergências naturais, com visões diferentes sobre vários problemas.

Mas o dado concreto é que você representa uma experiência sem precedentes na história de El Salvador. Eu quero te dizer, Mauricio, que você ganha as eleições quase no mesmo período em que o Obama ganha as eleições, e os dois não têm nenhuma culpa pela crise que vocês herdaram dos que deixaram o governo. Eu não posso culpar ninguém, porque eu já era presidente da República.

Eu sei que nesse momento histórico são os países menores e são os países mais pobres que precisam da mão da solidariedade dos países mais ricos. E o Brasil, embora não seja um país ainda rico, como eu gostaria de ser – mas um dia será, não é, Lobão? Um dia será –, o Brasil tem a obrigação, e eu quero dizer isso aqui na frente do Presidente da Câmara dos Deputados, do Presidente do Senado e dos meus ministros, o Brasil tem a obrigação política, ética e econômica de ser o exemplo da solidariedade na América do Sul e na América Latina. Não só pela proximidade, porque todo mundo pensa que fala um pouco de português e um pouco de espanhol, e aí inventamos o “portunhol”, ou porque todos nós nos tratamos muito bem quando estamos debatendo com os países mais ricos do que nós.

Mas por que o Brasil tem essa obrigação? Porque também as pessoas na América Latina veem o Brasil com a sua dimensão que, muitas vezes, nós brasileiros não enxergamos. Muitas vezes, lá fora, as pessoas veem o Brasil com uma grandeza que muitas vezes, no Brasil, nós não conseguimos ver. O Brasil ainda não se deu conta de que ele é um país doador. Ele não é mais um país receptor. Tem gente, no Brasil, que acha que o Brasil não pode dar uma ajuda porque o Brasil ainda é pobre. E eu fico lembrando de quantos bilhões de dólares a Índia dispõe para ajudar a África. Quantos bilhões de dólares a China dispõe para ajudar a África? Quantos bilhões de dólares a gente percebe que um país como a Espanha, que não é o país mais rico da Europa, coloca para



ajudar o mundo menos desenvolvido? E nós, no Brasil, ainda não temos essa cultura. Nós ainda achamos que os outros é que têm que dar dinheiro para nós. E muitas vezes nos comportamos como se fôssemos um país pequeno. Muitas vezes não nos comportamos como um país da dimensão que nós somos, porque diante da América Latina e da África nós somos um país rico, muito rico, industrializado, muito industrializado, detentor de tecnologias, e muitas tecnologias. Portanto, nós temos que fazer algo mais do que estamos habituados a fazer.

Na conversa que eu tive com o presidente Obama, Mauricio, logo depois da sua posse, quando dizia para o Obama que você era um grande cara, um grande companheiro, um grande amigo, que eu te conhecia bem e que, além de tudo você tinha uma mulher brasileira que foi militante do PT durante muito tempo, trabalhava no PT, eu dizia para o Obama: olhe, o Mauricio é uma figura excepcional. Eu dizia para o Obama: presidente Obama, é importante que um país como os Estados Unidos tenha um outro olhar para a América do Sul, para a América Latina e para a América Central.

A palavra “hegemonia” não pode existir entre nós. A palavra correta é a palavra “parceria”. Nós, os maiores, temos que ajudar os menores a sobreviver, a ultrapassar as dificuldades. É com essa visão, Mauricio, que eu vejo a sua visita ao Brasil.

Eu sei das necessidades de El Salvador, sei das dificuldades em que você encontrou o país e sei do pouco tempo que você tem para consertar as coisas que você precisa consertar em El Salvador.

Eu quero te dizer que da minha parte... estão aqui alguns ministros meus, está aqui o Ministro da Indústria e Comércio Exterior, está aqui o Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, está o nosso Ministro da Agricultura, deve ter mais ministros espalhados por aqui. Eu quero te dizer ... o Ministro de Minas e Energia está ali, “o sheik do Brasil”, porque ontem a Petrobras anunciou mais uma descoberta de 2 bilhões de barris de petróleo,



petróleo fino, 30 API, portanto em condições de fazer um carro andar sem precisar ir para a refinaria.

Mas eu queria te dizer, estou dizendo isso a você (incompreensível) você, para que você saia daqui com o compromisso e com a visão de que nós, enquanto governo, iremos fazer todo o esforço que estiver ao nosso alcance para ajudar que você e o seu governo possam consolidar definitivamente a democracia em El Salvador. E mais ainda, para que você possa, senão atender tudo, atender parte daquilo que foi a aspiração dos milhões de salvadorenhos que votaram em você para presidente da República.

Eu queria, portanto, com essa convicção e com essa paixão das minhas palavras, convidar todos a se levantarem para um brinde ao Mauricio e ao povo de El Salvador.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca)

Fortaleza - CE, 10 de setembro de 2009

Bem, se vocês me permitirem, eu vou tentar ser breve porque eu ainda tenho que ir para Pernambuco hoje à noite. Nós não tivemos tempo de almoçar hoje, mas como eu tenho bastante reserva, eu posso aguentar ficar um dia sem comer.

Eu queria cumprimentar o governador Cid Gomes,

Cumprimentar a Prefeita,

E cumprimentando os dois, faz de conta que eu cumprimentei todos os companheiros da mesa, porque eu quero ser um pouco rápido, sem perder a educação e sem falar o essencial [e falar o essencial].

Primeiro, eu queria dizer às mulheres que estão segurando essa placa aí “Lei Maria da Penha” que eu confesso a vocês: não vejo hipótese de alguém tentar acabar com uma Lei que dá segurança à mulher brasileira, tão espezinhada a vida inteira. Eu acho improvável, e se tentarem vocês juntem as mulheres e vão lá dar a lição que nós políticos precisamos tomar, de vez em quando, da sociedade brasileira. Muitas vezes, eu só quero que vocês sejam, em público, aquilo que vocês são em casa, porque em casa eu sinto que as mulheres têm um poder de fogo extraordinário e precisam exercitar esse poder de fogo na luta política.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que, minha querida prefeita Luizianne... eu não vou contar a história do tchó, não, Juca, não vou contar. Eu sonhei em criar uma coisa chamada Casa de Cultura, e certamente eu prometi isso aqui em Fortaleza na campanha de 2002, certamente eu prometi em todas as capitais, porque eu sonhava em criar uma Casa de



Cultura, sobretudo nas capitais, mas várias Casas de Cultura, que era [seriam] um ponto de segurança e ao mesmo tempo um ponto de oportunidade para a juventude brasileira. Porque a cada vez que eu via um jovem de 24 anos, 20 anos... a gente não vê mais ninguém de 50 anos, 60 anos, 45. Quem está sendo presa é a juventude brasileira, jovens de 18, 19, 20, 24, 30 anos. Agora, por que eles são presos? Porque cometeram um delito. Por que eles cometeram um delito? O que aconteceu com esses jovens quando eles tinham 15 anos, 16, 17, 18, 19, que eles precisavam da figura do Estado e o Estado não existia para esses jovens? Não existia a prefeitura, não existia o governo estadual, não existia o governo federal. O que existia é que quando tinha um problema qualquer, a polícia invadia os lugares mais pobres, às vezes batia em inocentes e não batia nos culpados. Era [Foi] esse o tratamento que a juventude brasileira recebeu durante décadas, neste país.

E nós precisamos aprender. Por isso, criamos o Pronasci, por isso estamos fazendo policiamento nos bairros, com um policial ligado quase umbilicalmente ao pessoal local. Por isso criamos as Mães da Paz, que é para poder tentar recuperar o jovem antes de prendê-lo; por isso criamos um sistema prisional que visa a recuperar o jovem e não a condená-lo a [ficar a] vida inteira trancafiado em uma Febem, como a gente vê todos os dias na televisão brasileira.

Pois bem. Então, eu pensei em criar a Casa da Cultura. No primeiro ano, a gente recebeu dinheiro para fazer cinquenta. Mas a gente queria fazer um projeto igual aquele projeto do Sarah Kubitschek, aquelas fábricas de pré-moldados. E aí nós fomos descobrir que o Sarah Kubitschek não permitia - o Lelé, me parece, sobretudo - não tinha autorização para fazer aqueles projetos, a não ser para o Sarah Kubitschek. E nós, então, ficamos um ano e meio, dois anos tentando, até que nós resolvemos, para não perder tempo, criar os Pontos de Cultura.



Mas, talvez a Casa de Cultura que eu imaginasse não tivesse uma piscina semi-olímpica, talvez não tivesse essa coisa extraordinária que eu estou vendo aqui. Mas, certamente, seria... e nós ainda vamos fazer, em algum momento, neste país.

Mas eu queria dizer, Luizianne, que eu estou me sentindo aqui... eu não sei se você sabe como é que sente um pai ou uma mãe quando vai batizar um filho pequenininho, e chega um fotógrafo, ou na formação da filha, ou na Primeira Comunhão, e chega um cara tirando fotografia, ninguém conhece o cara, bate fotografia, bate fotografia e depois pergunta se a pessoa quer o álbum. A pessoa fala: “Não quero, não quero”, e já chama, de cara, o fotógrafo de chato. Mas o fotógrafo, teimoso que é, entrega um cartão para a pessoa de quem ele tirou a fotografia. Passada uma semana, normalmente na segunda-feira, bate palmas na casa da gente: é o fotógrafo. Aí ele abre descaradamente o álbum de fotografias que ele fez e está lá o menininho rindo, o menininho chorando. E o fotógrafo: “Está vendo como ele está bonito, está maravilhoso, a senhora vai ficar com o álbum?” A mãe fala: “Eu vou ficar com o álbum”. E compra o álbum que ela achava que não ia comprar.

Pois bem, a pergunta que eu faço a mim, agora, é que este Cuca é o álbum de fotografias que eu estou vendo agora. Vejam, por quê? Porque eu acho que quando você ouve falar, é uma coisa. Quando alguém te apresenta uma coisa por escrito, é outra coisa. Não há uma interação entre a sensibilidade que você tem olhando, e a sensibilidade que você tem lendo. Eu acho, e o Juca me dizia agora há pouco: “Presidente, a partir do Cuca, nunca mais o senhor vai contar a história do tchó”, porque agora a cultura está ganhando uma nova dimensão, porque isso aqui vai passar, senão na grandeza e na dimensão deste aqui, vai passar a ser um paradigma para a gente fazer outras coisas neste país.

Bem, há uma coisa... e você já pode batalhar com o Juca para que no orçamento seja colocado o dinheiro, um pouquinho nosso, um pouquinho do



Cid, um pouquinho de emenda parlamentar, e daqui a pouco você estará com dinheiro para fazer... não, daqui a pouco você está com dinheiro para fazer, nos últimos três anos, o que você não conseguiu fazer nos primeiros quatro anos de mandato.

Dito isso, eu queria dizer para vocês que a questão cultural mudou de patamar no Brasil. O companheiro Juca já era secretário executivo do ministro Gilberto Gil quando a gente começou a comprar as brigas que tinha que comprar para que a gente pudesse transformar a cultura em um bem e em um direito da sociedade brasileira. A cultura não pode ficar restrita a quem pode pagar um teatro, a quem pode pagar um cinema, a quem pode fazer uma viagem e ver um concerto. A cultura tem que ser um bem que seja acessível a toda e qualquer pessoa, independentemente da origem social. Obviamente que tem os artistas que fazem os seus shows, que cobram preços que, muitas vezes, uma pessoa com [sem] poder aquisitivo não pode ir. Mas cabe ao Poder Público, assim como ele tem que garantir educação e saúde, cabe a ele também garantir a cultura ao povo brasileiro, porque o povo não quer apenas comer, o povo não quer apenas trabalhar. É preciso que a gente crie condições para as pessoas se sentirem bem no lugar em que elas moram, na cidade. As pessoas comecem a gostar das coisas que o Poder Público, com o dinheiro dele, faz para elas.

Agora, vejam qual é o problema que nós temos. Um projeto magnífico como este é de causar inveja a qualquer projeto, a qualquer centro cultural em qualquer lugar do mundo. O Juca pode dizer isso. Você falou da América Latina. Eu não sei em quantos países foi feita uma coisa tão bonita, tão bem pensada como foi feito esse Cuca que você está fazendo aqui.

Pois bem. Agora, é preciso que a gente tenha o seguinte cuidado: os prefeitos mudam, mas as políticas têm que continuar. Os prefeitos mudam, e se entra um prefeito que não gosta disto aqui, e se não tem organização da sociedade para tomar conta disto aqui, daqui a dez ou quinze anos a gente



passa aqui e fala: “Isso aqui era um Cuca que foi pensado para garantir ao povo de Fortaleza e deste bairro uma intensa atividade cultural, além de um intenso aprendizado profissional.” Então, esse é um trabalho que vocês têm que fazer.

E para isso, nós estamos cuidando do principal. Qual é o principal? É pagar uma dívida histórica que tem com o povo brasileiro, que é a questão da educação. A questão da educação é o pilar para que a gente possa fazer o Brasil mudar de patamar, para que a gente possa levar o Brasil a ter um padrão de vida de países altamente desenvolvidos. Por isso nós escolhemos a educação como nossa prioridade.

E vejam uma coisa: nós mandamos, na semana passada, o marco regulatório do pré-sal para o Congresso Nacional. E lá está escrito que nós vamos criar um Fundo. O regime de petróleo não será mais o de concessão, em que a empresa paga uma determinada quantia e fica dona do óleo. Agora, não. Agora o óleo é da União. Portanto, é do povo brasileiro. E nós é que vamos pagar um determinado percentual para a empresa privada que for explorar. O restante é da União.

Agora, o que nós pensamos? Se o restante é da União, nós não podemos permitir que, de forma irresponsável, o governo possa utilizar o pré-sal para fazer qualquer coisa, gastar dinheiro, jogar dinheiro fora, sem a gente se preocupar em cuidar do futuro deste país.

O que nós fizemos? Nós vamos criar um Fundo, esse Fundo será gerenciado pelo governo e pela sociedade civil. Esse Fundo será utilizado para algumas prioridades deste país. A primeira delas, inegavelmente, é a questão da educação, para a gente tirar o atraso de cem anos a que este país foi submetido. A segunda coisa grave que nós queremos resolver é o problema da ciência e tecnologia. Este país precisa ter mais investimentos. Vocês sabem por que a Petrobras encontrou o pré-sal? Ela encontrou o pré-sal porque nós elevamos os estudos, ou melhor, nós elevamos o dinheiro de pesquisa da



Petrobras, de R\$ 167 milhões por ano, para R\$ 960 milhões por ano. Então, nós fizemos investimentos. Então, nós fizemos investimentos. E ciência e a tecnologia é a possibilidade que o Brasil tem de virar um país exportador, não de soja, de minério de ferro ou só de avião, mas exportar inteligência, exportar conhecimento do povo brasileiro, que é o que vai elevar o Brasil à condição de potência econômica e potência tecnológica.

Também colocamos, além da educação, além da questão da saúde, ou melhor, além da questão da educação e da cultura, nós colocamos o combate à pobreza neste país, colocamos a questão ambiental e, a pedido do ministro Juca, nós colocamos que este Fundo vai também cuidar da questão cultural, porque a questão cultural tem uma outra coisa mais importante: ela forma ideologicamente e politicamente uma sociedade ou uma parcela da sociedade. Por isso, é extremamente importante.

Eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: nós não vamos conseguir pagar a dívida que o Estado brasileiro tem com a sociedade brasileira em oito anos, nem em dez anos, nem em quinze anos. Quem sabe, vai levar uma geração para que a gente possa pagar parte da dívida que a gente tem com a sociedade brasileira, sobretudo com a juventude brasileira.

Vejam que nós estamos fazendo aqui no Ceará, falta ser aprovado no Senado, me parece, uma universidade federal na cidade de Redenção, que é para a gente fazer uma universidade dos países de língua portuguesa, sobretudo para pagar parte da dívida que o Brasil tem com o povo africano, pelos tantos séculos que nós aqui o escravizamos e o exploramos. Nós não vamos pagar em dinheiro, nós vamos pagar em solidariedade. Nós queremos formar aqui metade brasileiros e metade africanos, mas nós queremos formar gente para que seja médico, para que seja engenheiro, para que seja agrônomo, para que sejam pessoas formadas para ajudar a desenvolver o território africano e os países de língua portuguesa.



Mas prestem atenção em uma coisa: este moço que está aqui, o ministro da Educação, nós já fizemos doze universidades novas e tem mais quatro para serem aprovadas no Congresso Nacional. Nós já fizemos 104 extensões universitárias, e todas elas terão que ser inauguradas até dia 31 de dezembro de 2010. Nós criamos o ProJovem para atender 4,5 milhões de jovens de 15 a 29 anos que deixaram a escola e agora nós estamos trazendo de volta, pagando uma ajuda financeira para que esses jovens voltem a estudar e aprendam uma profissão. Nós criamos o ProUni, que já colocou na universidade 545 mil jovens da periferia deste país, todos estudantes de escolas públicas. E mais ainda, nós acabamos de dobrar este ano, com o Reuni, nós acabamos de dobrar o número de estudantes que renovam na universidade federal deste país. Eram 113 mil estudantes que renovam todo ano e este ano já foram 227 mil jovens.

O Nordeste brasileiro nunca teve tantos doutores como tem agora, nunca teve tanto mestres como tem agora. O Ministro de Ciência e Tecnologia, pela primeira vez, construiu um programa da sociedade, aprovado por unanimidade pela SBPC, e esse programa tem R\$ 41 bilhões para serem gastos até 2010. Nós fizemos o PAC da Embrapa para permitir que os trabalhadores rurais deste país tenham assistência técnica. E quanto mais as pessoas evoluírem, mais as pessoas vão querer ter acesso à cultura.

Portanto, minha querida companheira Prefeita de Fortaleza, eu acho que hoje você deu uma lição de uma coisa que o Joãozinho Trinta disse em 1978, quando ele era carnavalesco da Beija-Flor. Os intelectuais começaram a fazer críticas de que a Beija-Flor era uma escola muito luxuosa, gastava muito dinheiro nas fantasias, que eram deslumbrantes. E ele falou uma coisa: “Quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta de luxo, pobre gosta de coisa importante”.

Eu estou vendo que as instalações são instalações que atenderão os interesses dos jovens mais pobres daqui desta região, mas atenderão também



os interesses dos jovens mais ricos deste estado, porque a qualidade aqui é incomparavelmente extraordinária, e eu acho que as pessoas vão se sentir bem. Nem a poltrona do cinema do Palácio da Alvorada é tão confortável como a poltrona deste Cuca aqui.

A segunda lição que nós temos que ter é que muitas vezes o barato fica caro. Se a gente faz uma obra tentando economizar dinheiro naquilo que é essencial, daqui a dois ou a três anos as coisas já estão estragadas e já não valem mais nada. E nós, quando fazemos uma coisa boa, ela dura para sempre. Essa lição, a gente tem na casa da gente.

Agora eu queria fazer um apelo à juventude que está aqui, aos pais dos jovens que estão aqui. Isso aqui só vai dar certo se a juventude assumir responsabilmente a administração e o gerenciamento disto aqui. Porque aqui não precisa ter policial fardado para andar aqui dentro, aqui tem que ter jovens responsáveis, tem que ter responsável por cada coisa, por cada área, a gente cobrar deles na hora que as coisas derem erradas, até que eles assumam as responsabilidades e digam: “Isso aqui é meu e eu vou cuidar disto aqui como eu cuido da minha casa, como eu cuido da minha família, como eu cuido do meu quintal.” Somente assim é que essas coisas vão dar certo.

Portanto, eu quero terminar dizendo, querida Prefeita, dizendo a você uma coisa que eu acho extraordinária: eu acho que você mudou definitivamente, na minha cabeça, na cabeça do Juca, eu acho que na cabeça do Cid e na cabeça de todo mundo, os investimentos e a qualidade da cultura que nós precisamos ter neste país.

Um grande abraço. Parabéns, Prefeita, e vamos ver se você consegue inaugurar os outros Cuca's no seu mandato.

Um abraço, gente.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião extraordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 15 de setembro de 2009

Tem gente com fome, José Múcio, eu vou tentar ser breve. Problema de político é que todas as vezes que ele fala que vai ser breve, ele fala mais do que deveria falar.

Mas, eu queria, primeiro, destacar o alto nível de compreensão da crise, feita pelos oradores que falaram, e também destacar a compreensão de que hoje poderia ser afirmado aqui que acabou, definitivamente, a empáfia neste país. Aquela empáfia de que o governante pensava que sabia tudo e os ministros da Fazenda faziam um pacote atrás do outro, não dava certo, não dava certo, não dava certo. Eu... até agora temos processos na Suprema Corte de Plano Bresser, de Plano Verão, de plano não sei das quantas, como se política fosse aquela cartola do coelho, que você vai tirando plano, vai tirando plano e, se não der certo, você não está preocupado em saber quem paga a conta. Normalmente é o próximo governo ou a sociedade que paga.

Acabou a empáfia dos presidentes da República terem medo de conversar com as pessoas, achando que as pessoas vão reivindicar. Acabou a empáfia dos empresários que achavam que o Estado não valia mais nada, que a empresa privada era a solução para todos os problemas e que o mercado iria resolver tudo. Acabou a empáfia dos trabalhadores de achar que não podiam se sentar a uma mesa para conversar porque entendiam que [com] isso eles estavam sendo cooptados pelo outro lado. E eu penso que acabou a empáfia de uma parte da imprensa que achava que com suas manchetes podia criar o clima que bem entendesse na sociedade.

Eu acho que hoje é um dia em que todos nós descobrimos que, se cada



um de nós conseguir externar aquilo que pensa, não pensando apenas na sua corporação, mas pensando um pouco neste país, a gente tem possibilidade de dar certo. Os discursos que eu ouvi aqui hoje, eu ouvi ontem dos índios brasileiros lá em Roraima, eu tenho ouvido dos trabalhadores rurais, dos trabalhadores sem-terra. Nós temos assistido os trabalhadores que estão se formando para (incompreensível) de falar. Há uma compreensão generalizada de que as coisas estão acontecendo neste país. E mais importante: há a compreensão de que nós brasileiros passamos a gostar de nós brasileiros. Porque nós sempre nos achamos diminuídos, sempre. Nós aprendemos na escola, aprendemos ao longo da história que nós éramos um país que construía homens e mulheres de segunda classe. De vez em quando aparecia alguém, tinha destaque, mas quando tinha muito destaque ia morar lá fora. Nós estamos construindo as coisas que nós somos capazes de construir, muitas vezes ainda cobrando coisas que são uma bobagem.

Eu confesso a vocês que essa discussão sobre política tributária, para mim, está ficando uma coisa velha e arcaica, porque só eu já mandei duas para o Congresso Nacional e não aconteceu absolutamente nada. E não posso mandar a terceira, não só porque não tenho mais tempo, mas porque também eu não acredito. A verdade é que uma parte da sociedade não quer reforma tributária, porque se quisesse ela tinha acontecido. E também eu vejo, às vezes, o discurso um pouco assim: “Não. Precisamos reduzir a carga tributária”. A gente poderia copiar os modelos europeus. A gente reduz mais do setor produtivo e triplica à pessoa física, à pessoa... como é no mundo.

E também todo mundo aprendeu que o Estado precisa ter um mínimo de poder de barganha. Imagine se nesta crise, Gerdau, o Estado estivesse fragilizado. Imagine se a gente não tivesse reservas, imagine se a gente não tivesse a disposição de fazer o Banco do Brasil fortalecido, a Caixa fortalecida, o BNDES fortalecido. Aí, sim, nós teríamos entrado no caos neste país.

Então, eu penso que o momento... É com muita humildade, este



Conselho começar a pensar o futuro do Brasil. Porque, Neri, uma coisa que eu vou fazer ainda este ano, eu vou fazer a consolidação das políticas sociais que nós criamos neste país, para transformar em política de Estado. Este Conselho tem que ser transformado em uma coisa de Estado. Não é qualquer um que vai chegar aqui e falar: “Eu vou acabar com o Conselho porque eu quero acabar com o Conselho”. Ele pode até não querer fazer, mas que vai estar na lei, vai estar na lei, que este país tem um Conselho.

A quantidade de políticas que nós fizemos que, por todos os indicadores, demonstra parte do sucesso deste momento que estamos vivendo, não pode ser destruída. Nós temos que andar daqui para frente, nós não podemos voltar mais atrás. Aqui... tem dois empresários aqui, que eu não vou citar os nomes, mas dois comerciantes que, nesse momento todo de crise, eram os dois que me ligavam e diziam: “Presidente, no nosso setor não tem crise. O povo está comprando e está comprando muito. Então, sinceramente, ela ainda não chegou aqui. Ela passou por fora do meu setor”. E é verdade, porque uma parcela da população que teve acesso a dinheiro deu sustentabilidade à economia brasileira, deu confiança ao comércio, e isso nós precisamos fortalecer, nós precisamos fortalecer. Nós não podemos retroceder, achando “Ah, se acabar o Bolsa Família, vai melhorar o País”. O que é que nós vamos fazer com os 12 bilhões do Bolsa Família? Construir uma ponte a mais, uma estrada a mais? Isso é mais importante do que levar comida à boca de 2 milhões de pessoas? Não é.

Então, nós precisamos consolidar as coisas que nós já fizemos e pensar o futuro. Eu disse na CNI, outro dia, que nós agora precisamos constituir grupo de trabalho aqui para pensar a inovação tecnológica. Mas pensar de verdade, porque também tem palavras que são muito bonitas de a gente falar. Elas soam extraordinariamente: inovação tecnológica. É uma coisa bonita. Agora, nós precisamos tornar práticas essas palavras bonitas.

Eu acho que este Conselho poderia constituir, se já não tiver, um grupo



especial para discutir a inovação tecnológica, inclusive utilizar o dinheiro que nós temos no Ministério da Ciência e Tecnologia, e que está lá o dinheiro porque ninguém vai tirar. Ou os empresários ainda não sabem que a gente tem o dinheiro para a inovação tecnológica, que foi aprovado no PAC de Ciência e Tecnologia, ou porque nós não comunicamos, mas o dado concreto é que nós temos dinheiro para investir na inovação tecnológica e esse dinheiro está no Ministério da Ciência e Tecnologia. Se vocês não utilizarem, o que vai acontecer? O Guido Mantega vai agradecer porque isso volta para o Tesouro Nacional, o Paulo Bernardo vai ficar feliz porque não tem que arrochar tanto os Ministérios. Mas o dinheiro foi disponibilizado e é extremamente importante que a gente utilize o dinheiro porque, ao utilizar o dinheiro, a gente sabe que, se gastar tudo, a gente vai ter que preparar mais recursos para o ano que vem.

Mas eu queria falar aqui apenas uma coisa, para não cansar vocês e não me cansar, que nós chegamos às 2h da manhã de Roraima. Eu acho que era importante que os empresários comesçassem a preparar grupos de trabalho no Conselho, junto com os trabalhadores, para a gente começar a discutir três coisas importantes, mas, sobretudo, a mais importante de todas elas que é a estruturação da cadeia produtiva do pré-sal.

O Armando Monteiro teve a oportunidade, junto com o José Múcio, de participar na sexta-feira comigo do batimento de quilha do Estaleiro Atlântico Sul. Se você imaginar que a gente tem que duplicar por três ou por quatro aquilo que nós vimos lá em Recife; se você imaginar que a Petrobras já anunciou que 28 sondas já vão ser contratadas aqui no Brasil; se você imaginar a quantidade de plataformas que você vai ter que fazer no Brasil; e se você imaginar a quantidade de indústrias que terão que se cercar das grandes indústrias que vão montar sondas e plataformas, é um desafio tão excepcional, que eu acho que a gente ainda não tem dimensão, a gente não tem, assim, noção do que pode acontecer nos próximos seis, sete ou oito anos neste país.

Eu pedi até, Gerdau, para o Luciano Coutinho, junto com a Petrobras e



junto com a Braspetro, fazer um estudo da quantidade de aço que nós vamos precisar no Brasil, para que a gente não tenha que, no momento mais auspicioso da produção, ter que importar aço porque a nossa indústria não ultrapassa os 35 milhões de toneladas.

Qual é o Brasil que nos espera na hora em que a gente começar a explorar o pré-sal? Na hora em que a gente começar a fazer a refinaria em São Luís do Maranhão, a refinaria em Fortaleza? Na hora em que estiver montando a refinaria de Pernambuco? Na verdade, nós não temos dimensão das coisas que estão por vir e nós precisamos nos antecipar.

Portanto, José Múcio, este Conselho poderia constituir um grupo de trabalho para que a gente começasse a pensar a cadeia produtiva do pré-sal e o que a gente pode fazer dentro do Brasil. Porque esse é o desafio, Feijóo e Patah, esse é o desafio: é a gente fazer com que grande parte desses produtos seja fabricada dentro do nosso país, porque é isso o que vai aumentar a nossa classe média, é isso o que vai aumentar a nossa formação profissional, é isso o que vai qualificar o brasileiro para ser mais competitivo, é se a gente tiver investimentos...

Eu vi, agora, em Recife: a grande maioria dos trabalhadores que estavam trabalhando no Estaleiro era pessoas filhas de cortadores de cana, pessoas que se formaram exatamente para trabalhar no Estaleiro. O grande problema, Rigotto, é que as pessoas precisam apenas ter oportunidade. O Paulo tem participado comigo, o Paulo Simão, da entrega de diplomas de jovens e mulheres que fazem um curso de quanto? Noventa horas, 100 horas, cento e poucas horas, 200 horas. Para essas pessoas, possivelmente seja o mesmo orgulho do dia em que vocês receberam o diploma de economista, de advogado, de engenheiro, de qualquer coisa. Uma dimensão... talvez ela tenha até o direito de ter mais orgulho porque, para ela, era inatingível aquele curso. Eu me lembro que, na última vez, nós conseguimos dois aumentos de salário no microfone. O empresário ia contratar uma por 700, eu pedi 1.000, ele



garantiu 1.000, e o outro ia contratar uma copeira por 1.000, eu pedi 1.200, ele deu 1.200 no ato. É preciso fiscalizar para saber se ele registrou mesmo na carteira.

A verdade é que quando eu disse que a gente podia declarar hoje o fim da empáfia é porque nós estamos descobrindo uma coisa importante: não existe possibilidade de governo sobreviver sozinho, não existe possibilidade de empresário viver sozinho, não existe possibilidade de os trabalhadores viverem se as empresas estiverem enfraquecidas, e não existe possibilidade de nós vivermos se por detrás de nós tiver um exército infinito de miseráveis, como habitualmente a gente tinha neste país.

Essa é a descoberta que eu acho que é a coisa sagrada que depende de todos nós, e é uma coisa fantástica porque você só tem que dar R\$ 100 para uma pessoa pobre. Não precisa dar muito, ela não quer muito. As pessoas fazem um milagre da sua vida com pouco dinheiro. Alguns é que precisam de muito, porque tem gente que não se contenta com iate, não se contenta com casa de trinta quartos, não se contenta com nada. Tem gente que cada vez quer mais, às vezes para guardar herança para pessoas que nem merecem a herança que os pais deixam, e exemplo de gente que até briga com os pais para receber a herança dos pais. Ou seja, construir este país, Luíza, construir este país está por um fio para a gente construí-lo com uma força extraordinária.

Nós aprendemos, eu aprendi, os ministros aprenderam, vocês aprenderam. Na época da crise, a gente não ficava discutindo se a gente ia fazer 0,5 de primário, se a gente ia reduzir. Na época da crise, a gente tinha que dizer: vamos vencer essa crise. E eu acho que ela está vencida no Brasil. A única coisa que nós temos é uma certa dificuldade no mercado externo, mas porque também eu não posso convencê-los a comprar o que eles não estão conseguindo vender também. Não é um problema nosso aqui. O comércio internacional está abaixo do que era pouco tempo atrás e não sei se volta à



mesmice.

Mas o dado concreto é que nós aprendemos e eu não queria que nós perdêssemos esse momento histórico. O Brasil tem que se preparar para fazer uma Copa do Mundo em 2014. Se Deus quiser, a partir do dia 2, o Brasil tem que se preparar para fazer a sua primeira Olimpíada em 2016. As obras do PAC, quem quer que seja que venha a governar este país, vai ter muito mais obras do que nós temos hoje, para fazer no Brasil. E, ao mesmo tempo, nós temos essa novidade extraordinária do pré-sal, que a gente não tem dimensão de onde a gente vai chegar com isso. E eu acho que a preparação tem que ser anterior, a preparação tem que ser anterior.

Eu acho que todos nós precisamos começar a discutir, e acho que este Conselho poderia, José Múcio, criar um grupo. Pegue o pessoal aqui, junta um grupo de companheiros para pensar como estruturar a cadeia produtiva porque ela vai ter que começar a trabalhar ontem. Ela não vai começar a trabalhar quando a Petrobras... quando nós decidimos fazer navios, a gente não tinha estaleiros. Nós fizemos a licitação antes, contratamos os dez navios do Atlântico Sul sem ter estaleiro. Fomos glosados porque diziam que a gente estava fazendo um estaleiro virtual, que aquilo não ia produzir nada. No Brasil, também, tem uma parte que não tem jeito, tem uma parte que não quer que as coisas deem certo. O grande importante é que a maioria quer que dê certo, a maioria torce para dar certo.

Então, eu acho que nós aqui não temos nenhuma obrigação de ficar nos vangloriando, quem é o responsável pela saída da crise, até porque esta crise foi a primeira crise em que ninguém culpou o governo por ela. Foi a primeira crise que todos, todos, sem distinção – da imprensa até o mais humilde dos brasileiros – sabia que a crise era uma crise internacional, que tinha nascido nos Estados Unidos, que tinha passado pela Europa, tinha chegado ao Japão, e somente depois chegou aqui.

Então, a saída gloriosa dela, que eu acho que... é como se a febre



tivesse passado. Se a febre tiver passado, então significa que a infecção acabou. Agora, então, meu caro, não é mais dar antibiótico. Agora é dar vitamina. A Luíza está doidinha para vender mais. Se descuidar, ela vai até querer montar mais uma loja, mais um magazine. O Abílio Diniz já não sabe mais onde colocar Extra e Pão de Açúcar.

Então, eu queria terminar dizendo isso: olhe, nós não vamos abrir mão – é importante todo mundo ter claro isso –, nós não vamos abrir mão da nossa responsabilidade fiscal, nós não vamos abrir mão de controlar a inflação. Ela não vai voltar porque todas as vezes que ela volta, ela desgraça a vida e a economia deste país. Mas nós construímos um espaço fértil de trabalhar, fazer investimento, alavancar, como o Guido mostrou aí... Na verdade, foram R\$ 36 bilhões que nós demos aos estados uma maior capacidade de endividamento para que eles também pudessem fazer as suas obras. Eu fiz, esta semana, uma reunião com as 13 ou 14 maiores empresas da construção civil no Brasil. A verdade é que nós estamos tendo licitação e está dando – como é que chama isso? –, está dando vazia. É porque não aparece, e aí os empresários falam: “É porque tem muita empresa, Presidente. A gente tem que escolher as melhores”. Você imagine, depois de 20 anos sem ter obras neste país, a gente faz licitação para uma BR-101 em Alagoas e ela dá vazia. Cada empresa já contratou, neste ano, mais do que contratou em qualquer outro momento da sua história. Então, este momento está seguro, nós não temos que ficar pensando se vai piorar. Nós temos é que fazer o seguinte: como fazer para melhorar?

Da parte do governo, vocês tenham certeza absoluta de que nós não deixaremos de ter humildade de acatar todas as orientações que nós entendermos que sejam boas. Até porque nós já nos convencemos de que não somos donos da verdade.

Mas agora é hora de a gente fazer investimentos. Quem tem investimento, quem parou por conta da crise, comece agora a fazer os



investimentos, porque o investimento feito agora vai demorar três anos, ninguém vai conseguir começar agora e inaugurar. Três anos é exatamente o tempo que eu trabalho, que a União Europeia e que os Estados Unidos estejam com a sua economia já em uma fase de crescimento maior do que está agora. E aí, quem estiver mais preparado vai sair na frente. E nós não temos por que parar, gente.

Então, eu quero mais uma vez dizer a todos vocês, aos trabalhadores, aos empresários... eu também aprendi, Feijóo, que... ô Patah, que o setor de serviços hoje representa 62% do PIB brasileiro. O Feijóo fica falando grosso, achando que é a indústria, mas não é a indústria. É o setor de serviços que alimenta a indústria, e ele pensa que é ela que alimenta o setor de serviços. Mas de qualquer forma eu acho que isso aqui é o espaço da humildade, da compreensão, da construção coletiva. Eu acho que o Brasil precisa fortalecer os setores mais pobres para ir conquistando a classe média. Na hora em que a gente tiver as pessoas consumindo o dobro do que estão consumindo hoje, e consomem pouco... Nós ainda bebemos pouca cerveja, nós ainda comemos pouca carne, nós ainda comemos pouco peixe, nós ainda compramos pouco sapato, compramos pouca roupa. Então, nós precisamos elevar o padrão de consumo desta sociedade, para que melhorem de vida as pessoas, para que as pessoas tenham emprego.

Eu quero, Meirelles, também... porque aqui era muito fácil a gente chegar e cobrar taxa de juros, cobrar taxa de juros... É verdade que a taxa de juros é sempre uma coisa que está na cabeça das pessoas. Mas é verdade também que a gente nunca teve tão baixas assim, não é? É verdade que a gente nunca teve tão baixas assim, e é verdade o que o Feijóo disse: hoje, menos preocupante a Selic do que a taxa de *spread* que está sendo cobrada. E certamente o Guido vai encabeçar a redução dessa taxa, que precisa reduzir mais.

O que nós tivemos, na verdade, vocês disseram, foi uma crise, mas



sobretudo uma forte desconfiança. Eu, se tivesse que tomar medidas pelas manchetes dos jornais, eu teria pedido asilo político e teria ido embora, porque parecia que o Brasil tinha acabado.

Então, é importante a gente relativizar. E teve gente que tomou medidas por conta das manchetes, de forma precipitada, e eu acho que isso causou um transtorno nos números do PIB de hoje, que poderia ser um pouco maior se a gente não tivesse se precipitado em dezembro, em janeiro. Primeiro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

Mas de qualquer forma, eu agora só posso agradecer a vocês e dizer que a contribuição de vocês sempre será levada em consideração. Eu acho que vocês contribuíram mais do que reivindicaram. Reivindicaram aquilo que era importante reivindicar. Eu acho que de vez em quando o Armando vem falar, e fala: “Será que eu vou reivindicar e o Presidente vai ficar de cara feia comigo?” Pode ficar certo de que eu não fico, Armando, porque não fico nem com você, nem fico com o Feijóo, nem fico com o Patah, não fico com nenhuma central sindical. Nem com você, Alemão, estou ficando mais bravo, porque eu acho que é o momento de a gente dizer as coisas que precisam ser feitas. O Brasil chegou a esse nível.

Marcelo Neri,... a Pnad vai ser publicada daqui a uns dez dias, Paulo Bernardo? Sexta-feira. É importante depois fazer um estudo, porque eu quero convocar uma reunião da área social, quero convocar alguns especialistas, porque nós vamos começar a trabalhar a consolidação das políticas sociais, porque eu quero mandar um projeto de lei para o Congresso Nacional ainda este ano porque, senão, no ano que vem tudo o que mandar vão dizer que é eleitoral, que não pode. Então, tem que mandar este ano. E nós temos que ver o que precisamos aprimorar para que a gente possa consolidar, definitivamente, um jeito de olhar para os de baixo com um pouco mais de carinho.

No mais, José Múcio, obrigado. Obrigado por manter... Vocês sabem



que o José Múcio está querendo sair, não é? Estou pensando o que eu vou fazer com ele, ainda. Vamos ver. Mas eu quero dizer que eu acho que você tem conduzido o nosso Conselho de forma muito boa. A presença, para a minha surpresa, tem sempre mais gente do que eu consigo ter em uma reunião do Ministério. Pense em fazer uma reunião do Ministério quando as pessoas estão pensando em ser governador, deputado, senador. A prioridade não é mais o governo.

Então, eu penso que a participação de vocês é uma coisa extraordinária. Então, eu quero só agradecer mais uma vez, e dizer: obrigado pela colaboração que vocês têm dado às coisas que o governo tem feito.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao presidente do Maláui, Bingu Wa Mutharika

Palácio Itamaraty - Brasília-DF, 16 de setembro de 2009

Senador José Sarney, presidente do Congresso Nacional e do Senado Federal,

Professora Eta Banda, ministra das Relações Exteriores do Maláui, por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação do Maláui,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros de Estado,

Parlamentares,

Senhoras e senhores do corpo diplomático,

Amigos e amigas da imprensa,

A primeira visita de um líder do Maláui ao Brasil abre a oportunidade para nossos países se conhecerem melhor. Queremos hoje aproximar dois povos que a história e a geografia afastaram no passado.

O Maláui é uma jovem e vibrante democracia. Está entre aqueles países que chamaram a si a responsabilidade de conquistar a segurança e o bem-estar de seu povo. Como nós, seu país sabe que esse é o caminho para alcançar a paz. Seus expressivos índices de crescimento estão associados a sólidas políticas sociais. O Maláui e o Brasil demonstraram que desenvolvimento econômico e distribuição de renda não são incompatíveis. Podem e devem andar juntos.

Sob a liderança do presidente Mutharika, o Maláui saneou suas finanças, permitindo ao Estado transformar-se em indutor estratégico do desenvolvimento. Revolucionou sua agricultura. O país deixou de depender da ajuda humanitária para transformar-se em exportador de alimentos.



O Acordo de Cooperação Técnica que assinamos servirá de moldura para uma parceria de grande alcance social e econômico. A experiência brasileira mostra que não há política efetiva de segurança alimentar sem uma agricultura familiar robusta. Essa é uma idéia que nos aproxima.

A capacitação brasileira em tecnologia e políticas públicas voltadas para o pequeno e médio agricultor estará a serviço dessa cooperação. No campo da bioenergia, são promissoras as oportunidades para projetos conjuntos.

Em vista de sua importante experiência na geração e uso do etanol, o Maláui apresenta todas as condições para estar na vanguarda da produção e consumo de biocombustíveis na África.

Também queremos ver o Maláui à frente da luta contra a Aids. A fábrica de antirretrovirais que o Brasil constrói em Moçambique permitirá ao Maláui beneficiar-se dos medicamentos ali produzidos e da capacitação e treinamento que serão oferecidos a todo o continente.

Senhor Presidente,

Embora tenha crescido nos últimos anos, o intercâmbio econômico entre o Maláui e o Brasil ainda está aquém do possível. Nossa parceria requer bases econômicas mais sólidas.

Os projetos de agroindústria, infraestrutura, turismo e mineração em andamento na região do Lago Maláui abrem horizontes para ampliar o volume de comércio e investimentos entre nossos países.

Estou seguro de que a missão empresarial brasileira que pretendemos enviar ao seu país em 2010 saberá identificar e explorar essas oportunidades. A expressiva presença de homens de negócios do Brasil em outros países da África Austral permitirá explorar sinergias com o Maláui.

Em minha participação na recente Cúpula da União Africana, levei a mensagem de que o Brasil quer ser sócio no desenvolvimento desse continente com o qual estamos historicamente ligados. Mais do que uma prioridade diplomática, minha mensagem expressa o sentimento do povo



brasileiro.

Na Cúpula África-América do Sul, na Venezuela, no final deste mês, vamos reafirmar o compromisso de fazer desse diálogo um eixo central das relações Sul-Sul. Queremos forjar uma inserção soberana no mundo sem ingerências externas. Estamos estreitando laços políticos, econômicos e culturais para realizar todo o potencial de nossas sociedades.

Caro presidente Mutharika,

O Maláui e o Brasil reagiram à crise financeira com firmeza e determinação. Na contramão da ortodoxia liberal, não apostamos na integração irresponsável aos mercados mundiais em busca de ganho fácil, mas ilusório. Implementamos medidas de apoio à produção e de estímulo ao consumo popular que compensaram a contração dos mercados externos.

Com isso, aceleramos nossa saída da recessão e estamos puxando a recuperação mundial. A crise demonstrou que não é mais possível excluir os países em desenvolvimento das decisões globais.

A ONU e seu Conselho de Segurança devem ser reestruturados em benefício de uma maior participação dos países em desenvolvimento. Também devemos unir forças para que as negociações de Doha sejam concluídas de forma equilibrada. Será um duro golpe nas esperanças dos países mais pobres se agricultores africanos continuarem a ter de competir com produtos subsidiados pelos países ricos.

O Maláui e o Brasil já demonstraram sua força no campo agrícola. Pedem apenas que seus agricultores possam mostrar toda a sua competitividade nos mercados internacionais. O aquecimento global também ameaça diretamente os países em desenvolvimento e sua produção agrícola. A comunidade internacional precisa reduzir drasticamente as emissões, mas sem comprometer o direito dos países pobres ao crescimento. O Brasil estará, em Copenhague, comprometido com esse objetivo. Essas são mensagens que levarei, na próxima semana, à Assembleia Geral das Nações Unidas e à



reunião do G-20 em Pittsburgh.

Senhor Presidente e caro amigo,

Sei que o lema de seu governo é o de levar o Maláui “Da pobreza à prosperidade”. Estou convencido de que sua visita inaugura uma nova e promissora etapa em nossas relações. Poderíamos bem chamá-la “Da cooperação à prosperidade”.

É com esse propósito, Presidente, que dou as boas-vindas a Vossa Excelência e peço a todos que levantem um brinde em homenagem ao presidente Mutharika e a todo o povo do Maláui.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de posse do desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca no Tribunal Regional do Trabalho do Paraná (TRT-PR) e comemoração dos 33 anos do TRT-PR

Curitiba-PR, 17 de setembro de 2009

Eu quero, primeiro, dizer da alegria imensa de poder estar aqui na posse do nosso querido companheiro Ricardo.

Quero cumprimentar o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, nosso companheiro Paulo Bernardo,

Quero cumprimentar o meu companheiro Toffoli, ministro da Advocacia-Geral da União,

Quero cumprimentar o Orlando Pessuti, vice-governador do Paraná,

Os senadores Flávio Arns e Osmar Dias,

Quero cumprimentar os deputados federais Ailton Roveda, André Vargas, Ângelo Vanhoni, doutor Rosinha, Luiz Carlos Setim, Marcelo Almeida, Ratinho Júnior e Wilson Picler,

Quero cumprimentar o ministro João Oreste Dalazen, vice-presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Quero cumprimentar a desembargadora Rosalie, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho do Paraná, por meio de quem cumprimento os demais integrantes desta Corte,

Quero cumprimentar a dra. Maria Aparecida Gurgel, da Subprocuradoria-Geral do Ministério Público do Trabalho,

Quero cumprimentar o companheiro, dr. Cezar Britto, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados,

Quero cumprimentar o companheiro dr. desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca, empossado hoje no Tribunal Regional do Trabalho do



Paraná, e sua esposa, Suzana Maria Marques da Fonseca, suas filhas, seus familiares que estão presentes,

Quero cumprimentar todos os membros do Judiciário aqui presentes,

Quero cumprimentar a imprensa,

E cumprimentar todos os convidados,

Em primeiro lugar, parabéns ao Tribunal Regional do Trabalho pelos 33 anos de existência e de luta. E parabéns também por tornar-se o primeiro Tribunal do Brasil a ter em seus quadros um juiz com deficiência visual. Estou certo de que a partir de hoje, contando com a sensibilidade de alguém que perdeu a visão, mas não a capacidade de enxergar a verdade e a justiça, as decisões deste TRT hão de ser ainda mais sábias.

Meus senhores e minhas senhoras,

A posse do desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca é, antes de tudo, a vitória individual de alguém que, muito cedo, aprendeu a transpor barreiras injustas. Mas é também a vitória de cada brasileiro e brasileira portador de deficiência. É a prova definitiva de que é possível ultrapassar os limites e limitações, muitos deles impostos pelo preconceito.

Mestre e doutor, ativista dos direitos do trabalhador, em especial da pessoa com deficiência, jurista renomado, este desembargador chegou até aqui única e exclusivamente pelos seus méritos. Mas seu enorme talento, reconhecido desde os tempos de escola, não o livrou de se tornar uma das tantas vítimas do preconceito no nosso país. O sonho de se tornar magistrado, por exemplo, teve que ser adiado por uma década.

Em 1999, o TRT de São Paulo impediu-o de fazer a última prova do concurso para juiz. Alegou-se que um cego não poderia ler documentos nem ver a expressão de réus e testemunhas. Esqueceram que um deficiente visual sabe avaliar a oscilação vocal de réus e testemunhas melhor do que aqueles



que vêem. E que todo juiz, quando recebe documento em língua estrangeira, precisa de um tradutor juramentado para lê-lo.

Da mesma forma, o juiz Ricardo Tadeu Marques da Fonseca poderia contar com pessoas que lessem para ele, como o faz desde que perdeu definitivamente a visão, no terceiro ano da Faculdade de Direito de São Paulo.

Minhas amigas e meus amigos,

Ainda temos uma longa caminhada pela frente, mas eu penso que estamos avançando em bons passos. Nos últimos anos, o Brasil tornou-se reconhecido mundialmente pela mudança de paradigma nas questões relativas às pessoas com deficiência.

Em 2008, ratificamos a Convenção da ONU sobre o direito das pessoas com deficiência, que proíbe a discriminação baseada na deficiência e determina a adoção de medidas específicas para assegurar e promover os direitos humanos e liberdades fundamentais de todas as pessoas com deficiência. E o fizemos de forma inédita. Pela primeira vez, o Brasil incorporou um tratado internacional com força de norma constitucional.

Aproveito para destacar a participação do então procurador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca nas audiências públicas no Congresso Nacional. A verdade é que o governo federal incluiu entre suas metas prioritárias o atendimento das especificidades de uma parcela de 14,5% da população brasileira, buscando garantir seu acesso aos bens e serviços básicos disponíveis para a sociedade em geral.

Temos realizado esforço conjunto com estados e municípios para que criem órgãos específicos com atribuição de coordenar e efetivar a política de inclusão da pessoa com deficiência em âmbito local.

A agenda social de inclusão das pessoas com deficiência, coordenada pela Secretaria dos Direitos Humanos, com a participação dos Ministérios da Saúde, Educação, Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Trabalho e



Emprego, Cidades, Planejamento e Casa Civil é uma das prioridades do nosso governo.

Entre outras ações importantes, a agenda garante maior acesso ao mercado de trabalho, seja pela sensibilização de empresários, seja pela fiscalização do cumprimento das cotas.

Ao mesmo tempo, cuidamos com maior rigor dos editais dos concursos, a fim de assegurar as condições de acesso das pessoas com deficiência ao serviço público. Nosso objetivo é criar oportunidades para brasileiros e brasileiras que durante muito tempo estiveram à margem das políticas públicas e que querem contribuir cada vez mais para o crescimento do nosso país.

Na próxima segunda-feira comemoraremos o Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência. Nada mais justo do que homenagearmos hoje um dos grandes lutadores dessa causa, o nosso querido companheiro, amigo e doutor Ricardo Tadeu Marques da Fonseca.

Eu queria, Ricardo, dizer a você que a minha vinda... Eu nunca fui à posse de nenhum desembargador... participo das solenidades nos tribunais de Brasília. Mas eu fiz questão de sair de Brasília e vir hoje aqui, Ricardo, pelo simbolismo da conquista que você obteve.

Quando nós estamos aqui nesse salão cheio de jornalistas, cheio de autoridades, com a participação do presidente da República, parece que o preconceito desapareceu do nosso país, e ele ainda é muito forte. Ele, muitas vezes, aparece no anonimato do cotidiano de cada cidadão pobre, de cada cidadão portador de deficiência, de cada cidadão negro deste país, muitas vezes de forma muito sutil, de forma, eu diria, até maquiavélica, em um total desrespeito ao processo de inclusão que este país tem, desde há muitos anos, porque nós somos um país megadiverso, um país com uma quantidade enorme de misturas, que deu esse povo extraordinário, mas nós ainda não conseguimos superar o preconceito.

Eu não... Talvez a minha deficiência, diferentemente da do Ricardo, seja



a deficiência intelectual, talvez seja outro tipo de deficiência. Mas o preconceito ainda é uma doença neste país. E o pior é que as pessoas que têm preconceito não sabem que têm uma doença e pensam que não têm deficiência - porque a deficiência é ter preconceito; elas, portanto, se acham normais e se acham no direito de achar que são melhores, que elas podem mais, que elas têm mais direito do que aquele que ele entende que tenha deficiência física.

Eu estava lendo hoje o jornal e estava vendo o seguinte: o presidente Obama recebe quatro vezes mais ameaças de morte do que o presidente Bush recebia. Qual a razão? Porque ele tem tão pouco tempo de mandato que ainda não poderia ser julgado pelo conteúdo das realizações do seu governo. Qual a razão, então, a não ser a razão de ele ser negro?

Ora, se em um país que é considerado o país mais rico do mundo o preconceito está arraigado nas entranhas da sociedade, imaginem aqui no Brasil. Quantas vezes nós somos vítimas de preconceito? Eu não vou contar os meus casos, Ricardo, porque seria... Hoje, eu superei por que virei presidente da República.

Agora, o povo brasileiro, na sua maioria, é muito generoso. A história da humanidade vai escrever, um dia, que o Brasil talvez seja o primeiro país do mundo que elegeu um presidente e um vice-presidente que não têm diploma universitário. É transpor uma barreira de preconceitos históricos neste país. É tentar dizer para as pessoas que o conhecimento que nós aprendemos na universidade é apenas um aperfeiçoamento daquilo que a nossa inteligência contém; e que tem outras pessoas, que não tiveram essa oportunidade, que têm tanta inteligência quanto aqueles que tiveram oportunidade.

Disseram-me, Ricardo, como é que você iria trabalhar em um processo se você não consegue enxergar. Essa talvez seja a coisa mais banal ou mais simplória que falaram. Como se a gente não pudesse utilizar outros métodos para que você pudesse dar a tua sentença em igualdade de condições, como qualquer outro desembargador neste Tribunal.



Mas não é apenas com você. Eu lembro quando eu indiquei o Joaquim Barbosa para ser o primeiro ministro da Suprema Corte, negro. Eu lembro quantos e-mails a gente recebia. Eu lembro quantas vezes houve preconceito porque indicávamos as primeiras mulheres. Já no governo do Fernando Henrique Cardoso a dra. Ellen e no meu governo a Carmen. Possivelmente, as pessoas até nem tinham culpa, mas aquilo está arraigado na consciência cultural de determinados grupos brasileiros, que continuam a teimar que as pessoas não podem ter acesso a determinados lugares.

Ricardo, uma vez eu recebi uma reclamação de que os deficientes visuais não podiam entrar com os seus cães-guia em ônibus, em igreja, em metrô, em shopping. Então, eu queria encontrar um jeito de quebrar esse preconceito. Além de mandarmos a lei para o Congresso Nacional, eu convidei para dentro do Palácio do Planalto um encontro de portadores de deficiência com todos os seus cães, para ver se nós passávamos na cabeça das pessoas a ideia de que o olho daquele portador de deficiência era o seu cão, eram os olhos dele naquele momento e, portanto, ele não poderia prescindir dos seus olhos, transformados em um cão, para andar em qualquer lugar deste país.

Assim Ricardo, de gesto em gesto, nós vamos quebrando os preconceitos. É uma luta muito difícil, é uma coisa muito complicada que vai levar décadas, às vezes décadas, às vezes até um século para que a gente possa vencer determinados preconceitos.

Eu acho que no Brasil nós já avançamos demais. Eu digo sempre que um dia desses teve um encontro de todo o pessoal do LGBT, lá em Brasília, e eu fui convidado. O preconceito para que eu fosse nesse encontro era como se aquelas pessoas não fossem eleitores na época das eleições, e político nenhum faz diferença. Era como se elas pessoas não pagassem Imposto de Renda, que todo governo gosta de receber. Então, qual era a proibição que um presidente da República poderia ter de ir a um encontro de brasileiros e brasileiras que livremente fizeram as suas opções?



Não pensem que é fácil transpor essas barreiras. É muito difícil. Eu me lembro do dia em que eu levei uma assembléia de catadores de papel para dentro do Palácio do Planalto. Eu me lembro da vez em que eu coloquei o chapéu de um sem-terra na minha cabeça, a quantidade de críticas enormes que eu recebi, Paulo Bernardo. E o que os catadores de papel queriam? O maior prazer deles não foi a conquista que nós demos para eles, foi eles terem entrado no Palácio do Planalto.

Então, essa quebra de preconceitos, esse vencer barreiras que nós temos que fazer todo santo dia, e é praticamente todo santo dia, Suzana. Você deve ter vivido isso na carne o tempo inteiro. Quase todos os dias nós temos que enfrentar um obstáculo. Vocês sabem, porque vocês acompanham a minha vida política, quantos obstáculos eu enfrentei para chegar onde eu cheguei. E é verdade, doutora: somente a perseverança, somente a luta garante que os do “andar de baixo” possam chegar ao “andar de cima”.

E hoje vocês aqui, de forma muito orgulhosa – e podem ficar certos de que eu vou fazer muita publicidade deste Tribunal – de forma muito orgulhosa, vocês vão poder mostrar ao povo do Paraná, ao povo do Brasil e ao mundo que o que nos separa, o que nos dá qualidade de vida, o que nos dá consciência, consistência na nossa inteligência, não é a gente enxergar ou a gente não enxergar. Até porque, muitas das coisas que vocês decidem aqui não podem ser decididas apenas com a parte da inteligência da massa encefálica de cada um de nós. Muitas vezes o coração pensa para nos dar razão nas coisas que, muitas vezes, as leis... embora as leis não sejam tão justas com os mais necessitados.

Eu acho que a presença do Ricardo aqui vai dar um novo colorido a este Tribunal. Vai virar, eu acho, até motivo de curiosidade, vão querer saber, Ricardo, como é que você vai julgar o primeiro processo, como é que você vai conseguir dar a tua decisão.



Tem tanta gente com dois olhos que não consegue dar uma decisão que uma outra pessoa que não tem olho pode dar, se não tiver feito a opção correta. Sobretudo em uma Justiça criticada, em uma Justiça que alguns até pensam em acabar, uma Justiça que... Eu fui à posse do Tribunal Superior do Trabalho e muita gente acha que a Justiça do Trabalho não tem importância porque ela ajuda muito os pobres, que a CLT não tem nenhuma importância, que se poderia rasgar tudo, flexibilizar tudo e estaria tudo resolvido. Se não fosse a Justiça do Trabalho, o que seria de milhões de trabalhadores neste país que têm vocês, na maioria das vezes, o único garante contra a exploração do homem pelo homem neste país?

Portanto, eu queria, dra. Rosalie, dar os parabéns a vocês pela escolha da lista tríplice. Ao Ministério Público, pelo reconhecimento do Ricardo. E ao Ricardo, pelo mérito, porque não é mérito meu ter te escolhido, Ricardo. Muita gente, muita gente, até pessoas que você ajudou a panfletar nos anos 80, do tipo da Clara Ant, que ficava na porta da minha sala dizendo: “Eu conheço, ele é bom, ele é competente, ele é isso”. Então, tem muita gente que pediu para que eu confirmasse aquilo que o Tribunal do Paraná já sabia e aquilo que o Ministério Público sabia. Meu único mérito foi apenas atender aos clamores desses dois órgãos e daquilo que você construiu na tua vida, de professores teus, dos quais, quase todos que você citou, de São Paulo, grandes amigos nossos na luta pela liberdade democrática neste país.

Eu quero, dra. Rosalie, dizer da minha alegria. Eu espero que este gesto meu ajude um pouco mais a quebrar os preconceitos estabelecidos neste país.

E que o teu trabalho, Ricardo, que a tua grandeza, que a tua decência possam garantir que a gente vá quebrar mais rapidamente os preconceitos estabelecidos na consciência de alguns brasileiros e brasileiras, ainda.

Parabéns, Ricardo. Que Deus te abençoe e te ajude nessa nova trajetória.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de ordem de início da duplicação da BR-448**

Canoas-RS, 18 de setembro de 2009

Companheiros e companheiras... Bem, o que é grave, o que é importante é que, além de ser gaúcho, eu sou torcedor do Internacional e isso por conta do Olívio Dutra, mas eu respeito muito o Grêmio, porque o Grêmio... Eu assisti aqui, eu assisti aqui uma vez aqui, com o Olívio Dutra... Eu assisti com o Olívio Dutra, com o Raul Ponto, uma vez, com o Tarso Genro, uma final do Cruzeiro com o Grêmio e eu confesso a vocês que a torcida do Grêmio é uma das coisas mais poderosas que tem neste país.

Bem, eu queria dizer duas coisas porque eu estou vendo ali uns companheiros com umas faixas, ali, e eu acho que a faixa é um símbolo da democracia. Eu queria dizer o seguinte: a gente já não tem mais faixa “Fora FMI”, não tem. Agora as faixas são pedindo universidade, pedindo escolas técnicas, pedindo aumento de salário, pedindo “tal”.

Eu queria dizer aos companheiros quilombolas que o companheiro Rolf, que é o presidente do Incra, me apresentou uns 20 dias atrás seis titulações de terras de quilombo e mais 35 terras de quilombo e eu preferi, em vez de titular seis, titular as 41 terras de quilombo junto. Possivelmente, deixa as do companheiro quilombola Silva, aqui, da família Silva, porque eu também sou Silva e talvez eu até tenha direito a participar. Então eu penso que até o meio de outubro nós estaremos titulando uma parte. E os companheiros sabem perfeitamente bem que em nosso governo houve mais titulação do que nos últimos 20 ou 30 anos neste país.

Querida dizer aos companheiros dos Correios que estão aqui, uma coisa importante, como conselho. Não precisam me ouvir, porque conselho se fosse bom a gente vendia, não dava. Mas aqui neste palanque tem alguns dos



melhores dirigentes sindicais que este país já teve. O Paim, quando presidente dos metalúrgicos de Canoas, o companheiro Olívio Dutra, um dos melhores sindicalistas do País, presidente do Sindicato dos Bancários, e esse que vos fala aqui, que foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Eu queria dizer aos companheiros dos Correios, que eu nem sei bem a pauta de reivindicação, mas ontem eu recebi uma pauta de reivindicação do pessoal dos Correios, lá em Curitiba, conversei com os Correios e eu queria dizer para vocês o seguinte: o bom dirigente sindical é aquele que tem coragem de começar uma greve e aquele que tem coragem de acabar a greve, quando ele percebe que está pronto para acabar a greve. Aquele dirigente sindical que faz uma greve e depois não sabe como acabar e fica pedindo aquilo que está além das possibilidades, apenas para dizer que vai continuar em greve, pode levar os trabalhadores a prejuízos enormes no final das contas.

A proposta dos Correios, os companheiros dos Correios sabem que nós temos de aumento dos Correios, praticamente no meu governo, nós dobramos o valor do salário dos companheiros dos Correios. Portanto, é importante pedir, é importante que a vanguarda do movimento, é importante que a vanguarda do movimento, em nome das diferenças políticas não levem os trabalhadores e as trabalhadoras a prejuízos salariais, porque na hora em que começar a descontar os dias, as pessoas vão perceber que, às vezes, o sonho de querer tudo, termina não tendo nada. A proposta dos Correios é razoável e eu acho que a vanguarda deveria se curvar diante da vontade da maioria porque a assembléia que decidiu a continuidade da greve não tinha mais que 100 pessoas lá em Brasília.

Eu conheço essa história, eu conheço lideranças covardes que são capazes de gritar “greve” e não capazes de dizer “está na hora de a gente voltar a trabalhar”. Então, eu queria dar esse aviso aos companheiros. É porque de vez em quando eu ainda viro um pouco dirigente sindical, Paim, porque eu acho que a nossa geração, eu acho que deveria ter ensinado muita



coisa à nossa geração mais nova de hoje. Eu compreendo que não tem mais todas as bandeiras que a gente tinha há dez, quinze anos atrás, mas é preciso inovar nas bandeiras, é preciso criatividade, e, sobretudo, é preciso muita responsabilidade porque lidar com trabalhador não é brincar com qualquer segmento social, é a gente falar em nome da parte mais necessitada deste País.

A segunda coisa, meus companheiros e companheiras de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, é que lamentavelmente eu gostaria que estivesse aqui neste palanque a governadora do estado, o prefeito da capital, eu sei, eu sei que vocês vão vaiar, mas é que nós estamos aqui em um ato institucional do Governo Federal. Isso aqui não é uma coisa partidária, isso aqui é uma coisa institucional, é o presidente da República que tem que se relacionar com os entes federados para que a gente possa criar condições civilizadas de fazer as coisas.

Lamentavelmente, nós estamos chegando perto de um ano político e, muitas vezes, essa coisa começa a atrapalhar. Mas eu não poderia deixar de vir aqui por conta disso. Por que eu não poderia deixar de vir aqui? Porque tanto o Ministro do Transporte quanto a ministra Dilma já falaram da importância das obras que nós estamos anunciando aqui. Eu até queria que os estudiosos, os ex-prefeitos, os atuais prefeitos, os adversários, os aliados, queria que a gloriosa imprensa brasileira fizesse um estudo comparativo para saber em que momento da história do Brasil o Rio Grande do Sul recebeu R\$ 25 bilhões de investimentos em um programa do Governo Federal.

Porque é uma coisa para mim sagrada: o investimento que nós estamos fazendo é um investimento em um estado governado por uma adversária política do meu governo. E o que eu estou fazendo aqui é dizendo que um presidente da República não tem o direito de colocar dinheiro em uma cidade em que o governador é seu amigo ou o prefeito é do seu partido, não! Um presidente da República que não seja mesquinho, quando ele chega à cadeira



de presidente da República, ele tem que tratar não apenas os governadores, mas os cidadãos de cada estado com dignidade e com respeito porque a gente não olha a que partido pertence o governador, a governadora, o prefeito. Coincidentemente, esse investimento extraordinário da 448 atende aos interesses da região metropolitana de Porto Alegre, que tem uma grande maioria de prefeitos do meu partido.

Entretanto, é importante lembrar que essa obra é reivindicada há algumas décadas. Ela é prometida há algumas décadas e nós estamos fazendo. Não vai inaugurar no meu governo, certamente vai inaugurar em 2011. Mas o que eu quero ter de orgulho é saber que a partir do momento em que essa obra estiver inaugurada vai diminuir as mortes por acidente neste trecho; o que eu quero saber é que vai desafogar o trânsito de Porto Alegre; o que eu quero saber é que as pessoas vão poder sair para o trabalho e voltar para casa com mais rapidez, com menos transtorno e com muito mais segurança. É por isso que nós estamos fazendo esse investimento, é por isso que estamos fazendo a BR-101 e é por isso que no PAC nós colocamos R\$ 25 bilhões e 200 milhões para o estado do Rio Grande do Sul para dizer que o estado do Rio Grande do Sul e, eu tenho clareza da importância política deste estado para o Brasil; eu tenho clareza da importância deste estado para o desenvolvimento industrial e tecnológico deste País; eu tenho clareza da referência política que tem na consciência do povo gaúcho e, portanto, este estado aqui precisa ser tratado como se fosse um filho predileto, como se fosse uma coisa especial. Porque este estado que já foi um dos estados mais avançados do Brasil, a gente não tem o direito de permitir que ele retroceda e volte a ser um estado atrasado, não desenvolvido e um estado com situações difíceis.

E esse é um estado atípico, porque o Rio Grande do Sul não estava habituado a conviver com a seca e agora a seca está chegando aqui. Este estado aqui, quando a gente falava em açude, era uma coisa para o Nordeste e



agora vai ter que se construir açude neste estado para que a gente possa represar a água e atender as pessoas quando a seca chegar. Mas é uma coisa tão extraordinária este País que no mesmo estado, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a gente tem uma parte com seca e uma parte com cheia. Em Santa Catarina, uma parte com seca e outra parte com cheia, e o governo federal... e eu desafio qualquer segmento da sociedade, a imprensa ou a oposição, a dizer se nós faltamos com o Rio Grande do Sul em algum momento de infortúnio deste estado. Se nós deixamos de mandar dinheiro, seja para combater a seca ou para combater a cheia, seja para a gente tratar das pessoas no tempo certo, porque tem uma coisa para mim que é sagrada: é a conquista do direito de ser respeitado, é a conquista do direito de andar de cabeça erguida e isso nós conquistamos a duras penas, porque para chegar à Presidência da República deste País nós tivemos que enfrentar todos os preconceitos que um ser humano pode enfrentar para chegar à Presidente da República.

E eu tenho orgulho, eu tenho orgulho, porque ontem eu fui à Curitiba na posse do primeiro juiz cego do Brasil. É o primeiro juiz cego. Certamente que quem tem preconceito contra um portador de deficiência visual acha: “Como é que o Lula pode indicar um juiz cego?”. Pois eu indiquei e esse juiz vai provar que ele enxerga muito mais do que muitos que têm dois olhos bons e que não têm nenhum problema.

Bem, uma das coisas que me deixa gratificado, companheira Dilma, companheiros prefeitos, deputados, companheiro Paim, companheiro Tarso, é o que está acontecendo neste estado em nível de educação. Nós, no ensino técnico, estamos fazendo 15 novos *campi* aqui, Tarso. E você sabe porque você foi ministro da Educação. Na universidade, nós estamos fazendo duas universidades novas e 18 *campi* para a gente levar a universidade para o interior do País, para que os jovens das cidades pequenas não tenham que se deslocar para as capitais à procura de uma oportunidade. E por que nós estamos investindo na educação? Parece paradoxal, mas imaginem vocês uma



coisa: este país tem um presidente da República e um vice-presidente que não têm diploma universitário. Nem eu nem o José Alencar temos diploma universitário. Entretanto, eu não tenho dúvida de que daqui para frente quem vier vai ter que fazer mais. Porque até agora, nesta semana, com a aprovação da Universidade da Fronteira Sul, nós passamos o Juscelino Kubitschek que era o Presidente que tinha feito mais universidade, que tinha feito dez. Nós, com essa, vamos fazer 11 e tem mais três para serem aprovadas no Congresso Nacional.

Durante... Além das universidades estamos fazendo 104 extensões universitárias pelo país inteiro. E escolas técnicas, o fantástico é que em 100 anos foram construídas 140; em oito anos nós vamos construir 214, ou seja, nós vamos fazer em oito anos uma vez e meia o que foi feito em 100 anos neste país.

A gente poderia se perguntar: por que exatamente um presidente da República que não tem diploma universitário está investido tanto na educação? A resposta é simples: é porque eu quero para os filhos dos brasileiros aquilo que eu não recebi dos governantes que governaram este país quando eu tinha a idade de entrar em uma escola e estudar.

Nós sabemos que o Brasil, daqui a alguns anos, vai se transformar em uma grande nação economicamente rica, mas não pode [repetir] o erro que aconteceu de 1950 a 1980, quando este país foi a economia que durante 30 anos mais cresceu no mundo. A gente crescia, de 1950 a 1980, o que a China cresce hoje. Entretanto, quando terminou a fase do crescimento, o que a gente tinha percebido? Quem era rico tinha ficado muito mais rico e quem era pobre tinha ficado muito mais pobre.

Nós, agora com o pré-sal, nós queremos reverter essa situação. Nós queremos mostrar que o petróleo... não é apenas para a gente ficar exportando petróleo e fazer como muitos países que têm petróleo e continuam pobres. Nós não queremos exportar óleo. Nós queremos exportar derivados de petróleo,



coisas que possam colocar valor agregado nos nossos produtos, e é por isso que nós criamos um Fundo, um Fundo para cuidar dos pobres deste país, para cuidar da educação, para cuidar de ciência e tecnologia, para cuidar, sobretudo, da questão cultural e da questão ambiental.

Porque daqui a 15 anos ou 10 anos, este país deverá ser a quarta economia, a terceira economia ou, se a gente não der sorte, pode ser a quinta economia. Mas ele não será apenas a quinta economia se o PIB estiver maior. Ele será, mais fortemente, a quinta economia se a gente tiver mais pobres na classe média, se a gente tiver mais gente na universidade, se a gente tiver mais gente fazendo curso técnico e se a gente tiver melhorado, definitivamente, a qualidade de ensino neste país. Porque o que importa, no século XXI, não é apenas exportar minério de ferro ou exportar soja, que é importante para a nossa economia. O que importa, na verdade, é a gente exportar conhecimento, inteligência, que é o que conta, definitivamente, para enriquecer este país. A gente exporta uma tonelada de ferro por US\$ 30, US\$ 40, e compra um jipezinho deste tamanho, pagando 10 vezes mais o que custa uma tonelada de ferro. Nós não podemos mais continuar assim.

O que importa, para nós, é que este país cresça de forma mais homogênea. O que importa, para nós, é que Sul, Sudeste, Norte e Nordeste sejam mais iguais, que a gente não tenha o Sul melhor, o Sudeste melhor, e o Nordeste pior, o Norte pior. Quando você pega os índices de mortalidade infantil, o Nordeste tem mais mortalidade. Quando você pega os números de analfabetismo, o Nordeste tem mais analfabetismo e o Norte. Mas, quando você pega o número de mestres e de doutores, o Nordeste tem menos, e aqui no Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais tem mais. Ora, este país tem que crescer de forma justa, tem que crescer de forma homogênea e, para isso, nós temos que aproveitar esta oportunidade extraordinária e levar o desenvolvimento para todo o território nacional. É por isso que nós estamos investindo, tanto aqui, R\$ 22,5 bilhões, como estamos investindo na Paraíba,



em Pernambuco, em Alagoas, em Sergipe, no Amazonas, em Rondônia, em Roraima.

Esses dias eu fui a Roraima. Roraima, Boa Vista tem 250 milhões [mil] de habitantes. Eu fui anunciar um investimento de R\$ 496 milhões em saneamento e dragagem. Paim, só para você ter ideia, em uma cidade com 250 mil habitantes, no estado menor deste país, eu fui anunciar investimentos em saneamento básico e dragagem, de R\$ 496 milhões. O governo passado, o ano inteiro de 2002, no Brasil, gastou metade do que nós gastamos só em Boa Vista, no estado de Roraima, ou em um bairro do Rio Grande do Sul ou em um bairro do Acre. Porque antigamente a classe política não pensava em saneamento básico. A classe política pensava em viaduto, pensava em ponte, para colocar o nome da mãe, o nome do tio, o nome da avó, o nome do avô, o nome das pessoas importantes. E nós achamos que as pontes são importantes, mas o *outdoor* mais extraordinário não é a gente ver o nome de uma personalidade na ponte. É a gente poder ver uma criança brincando na rua, descalça, sem pisar em esgoto a céu aberto, como a gente vê hoje, espalhado por este país.

O grande legado que nós vamos deixar neste país é a mudança de paradigma. As pessoas vão perguntar: “Espera aí, como é que um metalúrgico consegue fazer 12 universidades e um doutor, reitor, doutor *honoris causa* não fez nenhuma? Como é que pode um torneiro mecânico fazer 214 escolas técnicas e o governo passado tinha mandado uma lei tirando do governo federal a responsabilidade pelo ensino profissional?” Sabem por que, gente? É porque alguns governantes conhecem o sofrimento do povo e outros governantes apenas leram o sofrimento do povo, e entre você conhecer, ver, sentir e viver, e você apenas conhecer teoricamente tem uma diferença muito grande. Eu, quando fui à Índia, eu fui visitar o Taj Mahal, que é um monumento excepcional, uma das coisas mais extraordinárias, que um cidadão que era apaixonado por uma mulher de 29 anos fez para ela quando ela morreu. Hoje,



se um cidadão fizesse isso seria preso, mas naquele tempo podia. E eu li muito sobre o Taj Mahal, não é 1% do que eu vi quando eu cheguei lá. Assim é a política social: se o governante não conhece a alma do povo, se o governante não consegue compreender o olhar do povo, se o governante não consegue se sensibilizar pela dor dos outros, ele não consegue governar, porque um país não pode ser governado com a inteligência da cabeça ou apenas com o conhecimento da escola. Tem que ser governado também com o sentimento da alma e do coração, para a gente poder entender perfeitamente bem o que é esse povo.

Por isso, meus queridos companheiros de Porto Alegre, eu queria dizer para vocês que é com uma alegria imensa que eu estou aqui. No ano que vem eu virei aqui, aí sim para falar de política, porque no ano que vem eu venho aqui para fazer campanha. Eu ainda não tenho candidato, não tenho candidata nem a governador e nem a presidente, mas podem ficar certos de que no ano que vem eu virei a Porto Alegre e a todo Brasil, porque nós vamos eleger alguém para dar continuidade a tudo o que nós estamos fazendo neste país, porque o país não pode retroceder e voltar ao que era 15 ou 20 anos atrás.

Por isso, meus companheiros, eu quero agradecer de coração o tratamento que vocês têm dado a mim cada vez que eu venho aqui. E quero agradecer, sobretudo, aos companheiros deputados, ao Paim, que tem dado uma mão extraordinária para a gente lá no Congresso Nacional, agradecer aos empresários.

Houve um tempo em que os empresários passaram 20 anos sem ter uma obra importante. Agora, eles têm tanta obra que eles nem sabem como fazer a quantidade de obras que nós estamos contratando. E vamos contratar, porque nós queremos gerar emprego; o emprego gera salário; o salário gera um consumo; o consumo gera mais emprego, mais salário, mais consumo, mais emprego, mais salário e aí a gente percebe o povo brasileiro comendo mais, comendo melhor, comprando utensílio doméstico, melhorando a sua



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

casa e é tudo isso que nós queremos para nós – para mim e para vocês. Para a gente poder dizer, com muito orgulho, que nós somos brasileiros e não desistimos nunca das coisas que nós queremos conquistar neste país.

Um abraço, que Deus abençoe a todos vocês e até a próxima vinda a Porto Alegre.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em jantar de recebimento do prêmio Woodrow Wilson for Public Service

Nova Iorque-EUA, 21 de setembro de 2009

Cumprimentar meu companheiro, ministro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Queria cumprimentar o senhor Rex Tillerson, presidente da Exxon Mobil, Nosso companheiro Eike Batista, presidente da EBX,

Cumprimentar os nossos convidados, companheiros da diplomacia brasileira, da diplomacia americana,

Os jornalistas,

Os empresários,

E, sinceramente, eu, depois do filme, não teria nenhuma razão para fazer nenhum pronunciamento aqui.

Por uma razão, por uma razão muito forte: a vida de um ser humano na política, ela só dá certo se as pessoas não tiverem medo de mudar de posições e, sempre que possível, mudar para melhor. Eu lembro que, em 1985, eu não acreditava que um trabalhador pudesse chegar à Presidência da República pela via do voto direto e, quatro anos depois, eu tive 47% dos votos do meu país para Presidente da República e passei a acreditar que era possível, daí porque disputei tantas eleições e perdi tantas eleições até chegar a Presidência da República.

Eu tive muitas dúvidas ao assinar a famosa Carta ao povo brasileiro. Era uma inflexão muito forte que eu tinha que fazer na minha carreira de sindicalista e eu fui convencido pelos meus companheiros a assinar a Carta ao povo brasileiro e a lê-la, e eu acho que ela realmente contribuiu para mudar a trajetória da minha campanha.



Eu precisava encontrar um vice-presidente que não fosse do PT e que não fosse mais da esquerda do que eu, porque ele ia ter que ser um pouco mais conservador e uma pessoa que representasse um outro segmento da sociedade. E, um dia, eu fui convidado para visitar um empresário que estava comemorando 50 anos de vida empresarial lá no estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, e eu não queria ir a esse jantar porque eu me perguntava: o que eu vou fazer em um jantar, na casa de um empresário tão rico, eu não o conheço, o que eu vou fazer lá? E lá fui eu convencido pelos companheiros a ir ao aniversário do então senador da República, presidente da Coteminas, o companheiro José Alencar. E lá, depois de ouvir... Eu nunca tinha visto o José Alencar, nunca tinha conversado com ele e depois que o José Alencar terminou o discurso contando a sua história, eu disse aos meus companheiros: acabei de encontrar o vice-presidente da República que eu preciso para conquistar os votos que eu preciso obter. Eu já estava cansado de ter 30% dos votos, eu precisava ter 50% dos votos e, certamente, o José Alencar deu uma contribuição extraordinária.

Mas a última que aconteceu na minha vida foi agora na crise econômica. No auge da crise econômica, no mês de dezembro, eu estava inquieto com as manchetes dos jornais que apregoavam o fim do mundo, ou seja, era o fim dos Estados Unidos, era o fim da Alemanha, era o fim da França, era o fim da China, o fim da Rússia, o fim do Brasil. A impressão que se tinha era que o mundo ia acabar e que não tinha mais jeito. E eu lembro que era próximo do Natal e eu lia as manchetes dos jornais que diziam que o trabalhador não podia, não queria comprar porque ele tinha medo de comprar, fazer uma dívida e depois ficar desempregado e não poder pagar a sua dívida.

Eu que passei 15 anos da minha vida, ou mais, lutando contra o consumismo desenfreado, fui para televisão para convocar o povo brasileiro a consumir porque se ele não consumisse, aí sim, ele ia perder o emprego de



verdade e isso deu resultados extraordinários, sobretudo no consumo das pessoas mais pobres do nosso país.

Eu queria dizer essas coisas antes, porque o mundo está precisando, cada vez mais, de lideranças com a cabeça muito arejada. O mundo está precisando de lideranças que não sejam donos da verdade absoluta, mas que sejam capazes de construir, junto com os mais diferentes segmentos da sociedade, a proposta que possa conduzir o seu país a modelo de desenvolvimento, a prática de distribuição de riqueza que possa tornar o mundo mais justo e mais democrático.

Eu, por exemplo, fiquei muito surpreso de ver o Gerdau, aí, falando de mim, porque é incrível, sete anos atrás, eu acho que o Gerdau e outros companheiros empresários tinham medo de mim, porque achavam que eu ia fazer do Brasil uma República sindicalista, o que era impossível, tal a dimensão do Brasil. E também porque durante muito tempo se falava muito do “risco Lula”, mas não era só para mim, não. Agora se fala de risco de outras pessoas. E eu acho uma bobagem imensa. Eu acho uma bobagem imensa alguém achar que um presidente, ganhando as eleições democraticamente, ele vai mudar a lógica de uma coisa que o povo brasileiro gostou. Você ter estabilidade econômica, você ter inflação baixa, você ter um Estado que seja indutor, que seja regulador, mas ao mesmo tempo um Estado que não queira ser o administrador ou o gerente, e se você mantiver o poder aquisitivo do povo é tudo o que o povo deseja na vida. Eu acho que o Brasil estava desabituaado a isso, porque nós passamos muitos anos, muitos anos, preocupados com a dívida externa brasileira; muitos anos preocupados com as taxas de juros praticamente inimagináveis; muitos anos em que a gente tinha que construir superávit, superávit, superávit e que a capacidade de investimento do Estado brasileiro era quase nenhuma.

O único grande momento que o Brasil teve de investimento em infraestrutura foi no governo Geisel, em 1975. Havia tido no Juscelino, em



[19]55, e havia tido no Getúlio Vargas, em [19]50. Mas havia 25 anos que o nosso país não tinha investimento em infraestrutura planejado, então o País não estava habituado ao dinamismo do crescimento. Eu acho que muita gente no Brasil já não acreditava mais que o Brasil pudesse dar um salto de qualidade, e eu penso que nós conseguimos. Eu penso que nós conseguimos fazer aquilo que para alguns parecia impossível, porque durante muito tempo, também, nós brasileiros fomos doutrinados a nos achar cidadãos inferiores, cidadãos menores, cidadãos menos competentes, ou seja, a autoestima estava sendo jogada fora. E, quando nós ganhamos as eleições, a primeira coisa que eu fiz foi tentar fazer uma propaganda recuperando a autoestima. Colocamos o jogador de futebol Ronaldo para dizer uma frase na televisão: “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”, que era para criar a autoestima de que nós poderemos fazer as coisas.

Bem, hoje eu penso que o Brasil está se consolidando enquanto uma nação que não quer jogar fora o século XXI, como se jogou as oportunidades no século XX. Todos vocês sabem que de 1950 a 1980, o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo, percentualmente. Ou seja, nós éramos, durante 30 anos, no século XX – de [19]50 a [19]80 – o que a China é nos últimos 15 anos. Entretanto, nós não cuidamos de fazer a coisa da forma correta: fazer distribuição de renda, fazer investimento na educação, fazer as reformas que precisavam ser feitas. E, ao não fazer isso, nós perdemos o trem da história e ficamos atrasados.

Pois bem, eu queria dizer isso a vocês porque acho que Estados Unidos e Brasil podem trabalhar muito mais, podem construir uma parceria muito mais forte e é preciso que a gente comece a pensar no que nós queremos para a nossa querida América do Sul, para nossa querida América Latina, porque o Brasil tem muita responsabilidade do lado de baixo e os Estados Unidos têm muita responsabilidade do lado de cima. Ou seja, há toda uma América Central empobrecida que depende muito dos Estados Unidos e o Brasil tem muitos



vizinhos em situações mais desfavoráveis do que o Brasil, e que não adianta o Brasil crescer se a gente não ajudar aqueles vizinhos a crescerem junto; não adianta os Estados Unidos continuarem crescendo, se a gente não alavancar o crescimento dos países que estão próximos, porque no fundo, no fundo, eu penso que isso seria bom para os países mais ricos.

Então, eu queria, de coração, começar dizendo que as minhas primeiras palavras são de gratidão pela outorga que o Instituto Woodrow Wilson me faz deste prêmio. Aceito a distinção como uma homenagem ao povo brasileiro. Ele tem sido o principal protagonista das transformações que meu país vem experimentando nos últimos anos.

Todo mundo sabe que retomamos o crescimento e logramos mais justiça social preservando a estabilidade econômica e aprofundando a nossa democracia. Hoje eu posso dizer para vocês, e com muito orgulho, diante da imprensa brasileira e da imprensa de outros países, que o Brasil, definitivamente, é um país de instituições sólidas e democráticas. Ninguém mais no mundo pode ter dúvida de que o nosso país vive uma democracia, e cada vez mais participativa, cada vez mais engajada à sociedade.

Só para os senhores terem uma ideia, eu já fiz, nesses sete anos de governo, 57 conferências nacionais. Ou seja, são momentos em que a sociedade decide a política do governo, as orientações para o governo. A última vai ser de telecomunicações, que nós vamos fazer uma grande no final do ano, para que a gente discuta o papel da comunicação no país, sobretudo, nessas coisas que nem nós conseguimos mais entender, porque do jeito que está a Internet, a cada dia tem uma revolução no nosso nariz e nós não temos regulação, não temos nada para fazer. É preciso saber como tratar dessas coisas que estão acontecendo no mundo de hoje.

Todo mundo sabe que no primeiro dia do meu governo eu convidei... convoquei o país a uma cruzada contra a fome e contra a miséria. Eu lembro que quando vim conversar com o presidente Bush, no dia 10 de dezembro de



2002, eu já eleito presidente da República e ele já com dois anos de mandato, tinha acontecido, em 2001, o atentado às torres aqui, em Nova York. E eu, então, conversava com o presidente Bush, ele estava, na época, muito obsessivo com o combate ao terrorismo e descobrir quem tinha feito os atentados à torre, e a necessidade de fazer a guerra com o Iraque, e falava, falava, e eu compreendia o drama de um presidente que tinha tido o seu país agredido da forma vergonhosa com que foram agredidos os Estados Unidos.

Mas eu dizia ao presidente Bush: “Presidente, a minha guerra é outra. A minha guerra não é contra o Iraque, Presidente, a minha guerra é contra a fome no meu país, porque tem 44 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza e eu preciso resolver esse problema”. Bem, eu imaginava que o presidente Bush fosse até ficar zangado comigo, porque eu não queria aderir à tese da guerra com o Iraque, mas, no fundo, no fundo, nós nos tornamos amigos e tivemos uma relação, eu diria, mais do que razoável, ou poucas vezes o Brasil teve uma relação tão positiva como nós tivemos. Está certo que não conseguimos avançar na reforma da ONU, está certo que não conseguimos avançar na Rodada de Doha, na OMC. Mas, de qualquer forma, você não precisa conquistar tudo, você vai conquistando com o tempo.

Uma coisa importante que eu gostaria de convencer as pessoas a entenderem: nós passamos quase 50 anos dizendo que só poderia haver distribuição de riqueza se a economia crescesse. No Brasil, então, se inventou uma coisa que era fantástica, que dizia o seguinte: o Brasil tem que crescer para depois distribuir. E o Brasil estava vivendo o auge do “milagre brasileiro”. Em [19]73 a economia brasileira cresceu 14%. E o nosso amigo... hoje, nosso amigo... Vejam como é a mudança da cabeça das pessoas: eu passei 30 anos da minha vida brigando com o Delfim Neto. E hoje o Delfim é um dos grandes amigos que eu construí nesse processo de governança no País. E o Delfim dizia que era preciso deixar o bolo crescer para depois distribuir. E eu dizia:



“Esse bolo cresceu, os outros comeram e nós ficamos sem a nossa parte no bolo”.

O que nós queríamos provar, na verdade? É que não existe dualidade entre o bolo crescer e você distribuir, ou você distribuir... O que aconteceu no Brasil? É que, na medida em que nós começamos a fazer política de transferência de renda, na medida em que nós começamos a aumentar um pouquinho de dinheiro na mão das pessoas mais pobres, elas se transformaram em consumidores potenciais, que faz com que o varejo, no Brasil, nunca mais parou de vender.

Os economistas brasileiros não falavam a palavra “crédito consignado”. Quando nós criamos o crédito consignado, e foi em uma discussão com a Febraban, em São Paulo, que eu perguntei: “Por que vocês não financiam casa própria?” Eles disseram: “Porque a gente não tem garantia”. Aí eu voltei e falei: será que não pode emprestar dinheiro para os pobres porque não tem garantia? Nós oferecemos a folha de pagamento. Hoje, o crédito consignado é uma das razões do sucesso do consumo de uma parte da classe média baixa brasileira e dos aposentados, ou seja, são mais de US\$ 50 bilhões de crédito para pessoas que jamais pensavam em poder entrar em um banco para tomar dinheiro emprestado.

Bem, essas coisas permitiram que nós chegássemos a este momento que eu diria, quase que mágico, na história do País. Eu digo “quase que mágico”, porque eu vivi muito tempo do outro lado, como dirigente sindical. E eu vivi inflação de 80% ao mês, eu vivi inflação de 40% ao mês, eu vivi inflação de 50% ao mês, ou seja, a incerteza. Marisa e eu íamos ao supermercado, comprávamos um monte de latas de óleo para poder guardar, ou seja, o nosso investimento era comprar latas de óleo, era comprar coisas que não estragassem e colocar embaixo da pia, que era a vantagem que gente tinha porque, a 80% ao mês, o nosso salário não valia quase coisa nenhuma.



Então, para mim, a estabilidade econômica é uma conquista fundamental, e que, podem ter certeza, o nosso país nunca mais vai voltar aos tempos de desmandos, em que a inflação corroía o poder aquisitivo da população mais pobre, e que algumas pessoas ganhavam muito dinheiro às custas da inflação. Esse tempo acabou, e nós aprendemos que a estabilidade é boa, que a inflação baixa é boa, que os juros baixos é bom, e que isso tudo pode gerar perspectiva de emprego.

Não sei se vocês acompanharam pela imprensa, no mês de agosto, nós batemos recorde de geração de empregos com carteira profissional assinada. Foram 242 mil novos postos de trabalho criados. E este ano, quando todo mundo está em crise, nós iremos chegar ao final do ano com a criação de mais de 1 milhão de novos empregos, com emprego formal, melhorando a vida das pessoas.

Bem, eu aprendi, como sindicalista, que salários dignos para todos não só garante melhores condições de vida para trabalhadores como se transforma em poderoso fator de crescimento de estabilidade macroeconômica. Aqui, quando a gente dizia isso, há 20 anos, no Brasil, se dizia que era um discurso esquerdista. Isso era uma bobagem, essa era uma tese do Henry Ford, ou seja, que dizia que os seus trabalhadores precisariam ganhar bem para poder comprar o carro que produziu, para poder a indústria crescer. Era uma tese, e no Brasil isso não era compreendido.

Eu lembro que teve dois momentos importantes que aconteceram no Brasil mais recentemente. E, aqui, alguns empresários brasileiros lembram disso, e eu gosto de repetir isso sempre. Em agosto de 2003, eu fui visitar a Ford, lá em São Bernardo do Campo, e eu disse que os trabalhadores logo iam ver o espetáculo do crescimento. Bom, eu passei três ou quatro meses apanhando, porque a quantidade de charge na imprensa com relação ao espetáculo do crescimento era uma coisa abusiva. Bem, o que aconteceu é



que, em 2004, a economia cresceu 5,8%, e ninguém que me criticou pediu desculpas.

Agora, na época da crise, eu disse outra vez: a crise não chegará ao Brasil como ela chegou aos Estados Unidos, ela não chegará ao Brasil como ela chegou à Alemanha. Por quê? Porque nós já tínhamos feito o PAC no dia 22 de janeiro de 2007. A gente não esperou a crise chegar para que a gente tivesse um grande programa de investimento, o maior já feito no Brasil nos últimos 50 anos, que hoje representa praticamente R\$ 646 bilhões, mais de US\$ 350 bilhões investidos. Só uma empresa como a Petrobras tem R\$ 174 bilhões para serem investidos até 2013. Fora os empresários que estão aqui, se tudo o que vocês estão investindo, que me falaram, for verdade, nós vamos passar de 1 trilhão aqui.

Bem, a verdade é que eu tinha convicção de que a crise não poderia bater no Brasil como ela bateu nos outros países, eu tinha convicção. E eu tinha convicção de que não houvesse a queda do Lehman Brothers, nem chegaria ao Brasil a crise. Possivelmente, não sei de quem é a culpa, vocês é quem devem saber, mas certamente se o governo passado tivesse tido, quem sabe, a coragem de colocar US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, possivelmente ele não tivesse quebrado e nós não tivéssemos feito o crédito desaparecer, como desapareceu. Como é que se explica que o crédito desapareceu no mundo, num piscar de olhos, que nem empresas poderosas conseguiam pegar mil dólares emprestados no exterior?

Então, eu penso que, no Brasil, quando eu dizia que a gente não ia sofrer a crise é porque as coisas já estavam encaminhadas, porque os investimentos já estavam decididos, porque as coisas já estavam acontecendo, do ponto de vista da construção, nós já estávamos colhendo. O que aconteceu, na verdade, é que houve um pouco de covardia de alguns setores da economia brasileira, que tiraram o pé do breque ou, melhor, pisaram muito rapidamente



no breque. Ou seja, muitas empresas que deram férias em dezembro, que deram férias em novembro, que deram férias em janeiro, sem necessidade.

Porque, vejam que engraçado: no Brasil nós tivemos uma parada brusca da indústria automobilística e, em março, quem queria comprar um carro tinha que esperar quatro meses, porque não tinha mais carro para vender. Ou seja, na verdade, eu também acho que as pessoas foram levadas pelo pânico, pelo... por muito pânico divulgado pelas manchetes, pelos críticos.

De qualquer forma, eu posso dizer para vocês que a nossa economia está mais sólida do que já estive em qualquer outro momento. E eu estou prevendo: acreditem que nós vamos ter um 2010 extremamente promissor para o nosso país. Extremamente promissor. Nós tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar. Quando foi necessário comprar bancos, nós compramos; quando foi necessário desonerar, nós desoneramos; quando foi necessário criar programa de investimentos, nós criamos. E eu acho que isso tudo colocou o Brasil em uma situação altamente confortável.

Obviamente que poderíamos estar melhor se não tivesse havido a crise. Mas, de qualquer forma, eu acho que foi um alerta, porque tinha gente que dizia: “Ah, o Lula tem sorte, o Lula tem sorte. O Lula nunca pegou uma crise”. Ora, essa crise que nós pegamos, ela é infinitamente maior do que a crise do México, do que a crise russa, do que a crise... Entretanto, o Brasil estava melhor, o Brasil não estava debilitado.

Bem, nós tivemos uma outra coisa importante no Brasil, que é o investimento em educação. Eu vou dar dois dados para vocês, e vou entrar no pré-sal para terminar o meu discurso, porque eu comecei dizendo que não ia falar, e já estou aqui contando prosa para vocês o tempo inteiro.

Eu, possivelmente, a minha obsessão por investimento em educação, talvez seja pelo fato de eu não ter tido oportunidade de estudar quando eu tinha idade para estudar. Possivelmente, alguém que estudou muito, que fez curso, que fez curso e que fez curso, fez pós-graduação, ao se formar não



tenha a sensibilidade de que existem milhões que precisam estudar e que é preciso alguém criar as condições para essas crianças estudarem.

Pois bem, eu vou dar dois números para vocês, importantes. Na semana passada, eu me transformei no presidente que mais vai fazer universidades na história do Brasil até hoje. Juscelino tinha dez, nós já estamos com 11 e temos mais três para serem aprovadas no Congresso Nacional.

Ao mesmo tempo, nós estamos fazendo 105 extensões universitárias no Brasil, levando curso para todo o interior do País, sobretudo, para as regiões mais pobres do País. E estamos fazendo mais escolas técnico-profissionais em oito anos do que tudo o que foi feito no século, no Brasil. Ou seja, nós vamos fazer, em oito anos, uma vez e meia o que foi feito em cem anos, em escolas técnico-profissionais, em institutos de tecnologia, para que a gente passe a ideia para as pessoas de que não existe outro caminho para o Brasil senão fazer investimento muito forte na educação.

É por isso que no novo marco regulatório do pré-sal, que mandamos ao Congresso Nacional, nós propusemos não só a partilha, mas nós propusemos a constituição de um fundo, e esse fundo tem algumas prioridades, e a primeira delas é a educação. A educação, a ciência e tecnologia, o combate à pobreza, a questão ambiental e a questão cultural são as (incompreensível) das coisas que nós queremos fazer investimento com esse fundo.

E por que criamos o fundo? Porque a história mostra muitos países muito ricos em petróleo que continuam com o povo muito pobre. Muita gente com corrente de ouro, com relógio de ouro, com tudo de ouro, com carros e mais carros, e o povo continua pobre. Então, nós estamos fazendo uma lei para não permitir que algum governo irresponsável, em algum momento da história do Brasil, utilize o dinheiro para fazer o mesmo que sempre aconteceu, que uma pequena parte continue rica e a maioria fica pobre.

Como nós achamos que a riqueza de um povo está na sua formação, está no seu conhecimento, está na capacidade tecnológica da cabeça das



peças, nós, então, vamos apostar tudo na educação, para ver se a gente consegue fazer com que o pré-sal se transforme em um grande patrimônio, de o Brasil ser exportador de conhecimento e não apenas exportador de óleo cru, como alguns poderiam imaginar.

De qualquer forma, eu queria terminar dizendo para vocês que nós chegamos até onde chegamos porque muita gente participou. Ou seja, nós nunca tivemos problema de aprovar nada importante no nosso Congresso Nacional. E Congresso, eu não preciso dizer, cada país tem um Congresso e sabe como é que é, sabe como funciona. Às vezes, as pessoas acham que demora para a gente aprovar uma coisa no Congresso brasileiro, mas, aqui, o Obama está esperando um bocadinho de meses para indicar o embaixador do Brasil e ainda não conseguiu indicar embaixador do Brasil. Embaixador eu indico com mais facilidade, eu indico com mais facilidade.

Mas, de qualquer forma, essa é a democracia, é assim mesmo que as coisas funcionam. O que as pessoas precisam compreender é que este momento que o Brasil está vivendo não é um momento apenas econômico, é um momento político muito forte. A construção da Unasul, a construção do Conselho de Defesa Sul-Americano, a construção do Conselho de Combate ao Narcotráfico na Unasul, ou seja, o estabelecimento de uma política de convivência democrática, e esse é o sacrifício que nós temos que fazer.

E eu tenho convocado, pedido ao presidente Obama, e já pedi ao presidente Bush, que nós poderemos construir grande parte das coisas que é preciso construir juntos. Ou seja, Estados Unidos e o Brasil são por demais grandes para ficarem tão distantes nas questões estratégicas da política. Muitas vezes, nós, parece que desconfiamos uns dos outros, e eu acho que esse distanciamento permite que as coisas andem mais devagar, quando nós temos pressa.

Essa é uma região pacífica, uma região tranquila, democrática. A democracia, com o que aconteceu agora, em El Salvador, é o último



(incompreensível) que os setores de esquerda ganharam as eleições, mas ganharam de forma muito madura, muito responsável. E eu não tenho dúvida nenhuma que nós, Brasil e Estados Unidos, precisamos cooperar para que a gente possa garantir que a democracia seja consolidada.

Por isso é que Brasil e Estados Unidos repudiaram o que aconteceu em Honduras. Nós não podemos aceitar mais golpe militar. Não temos o direito de aceitar que alguém se ache no direito de tirar uma pessoa eleita democraticamente e colocar, no seu lugar, uma pessoa que ele entenda que seja boa. Eu acho que a posição dos Estados Unidos e a do Brasil, juntos, é importante, porque fortalece a democracia no nosso continente.

No mais, eu queria dizer para vocês que eu saio daqui... Vou sair daqui só sexta-feira, mas vou antecipar aqui. Eu saio daqui satisfeito por esse prêmio. Acho que é sempre importante. E eu venho aqui muito mais porque eu acho que as pessoas mais pobres do Brasil é que fizeram com que nós pudéssemos ganhar esse prêmio. Eu não sei se quando eu deixar a Presidência, eu vou ter um instituto, se eu vou ter alguma coisa, mas certamente isso aqui estará em algum lugar de destaque, para que as pessoas saibam que um dia o Brasil foi lembrado. E vocês, ao homenagearem a mim e ao Brasil, vocês fizeram um gesto, eu diria, que eu respeito muito, que é o gesto de reconhecer uma nação, quando ela toma as posições que o Brasil tem tomado.

Estejam certos de uma coisa: nós aprendemos a nos respeitar. E quem aprende a se respeitar, quem aprende a levantar a cabeça, não tem por que não vencer na vida. E o Brasil, podem ficar certos, nos próximos 10 ou 15 anos, na hora que nós começarmos a tirar o pré-sal, nós nos transformaremos numa grande economia.

Por último, dizer para vocês uma novidade: o Brasil, na última segunda-feira, fez o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar. Portanto, acho que poucos países do mundo fizeram o zoneamento agroecológico. O Brasil fez e,



portanto, a gente vai ter o nosso etanol sem ferir a Amazônia, sem ferir o Pantanal, sem ferir o Alto Paraguai, e eu espero que isso seja suficiente para que vocês comecem a comprar um pouquinho do nosso etanol, porque as nossas...

Obrigado, e que Deus nos ajude a continuar essa caminhada.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a abertura do debate geral da 64ª Assembleia Geral das Nações Unidas

Nova Iorque-EUA, 23 de setembro de 2009

Meus cumprimentos ao presidente da Assembleia Geral, Ali Treki, ao secretário-geral, Ban Ki-moon, e a todos chefes de Estado e delegados presentes.

Senhoras e senhores,

A Assembleia Geral das Nações Unidas tem sido e deve ser cada vez mais o grande foro de debate sobre os principais problemas que afligem a humanidade.

Quero abordar aqui três questões cruciais, que me parecem interligadas, três ameaças que pairam sobre nosso planeta: a persistência da crise econômica, a ausência de uma governança mundial estável e democrática e os riscos que a mudança climática traz para todos nós.

Senhor Presidente,

Há exatamente um ano, no limiar da crise que se abateu sobre a economia mundial, afirmei, desta tribuna, que seria um grave erro, uma omissão histórica imperdoável, cuidarmos apenas das consequências da crise sem enfrentarmos as suas causas.

Mais do que a crise dos grandes bancos, essa é a crise dos grandes dogmas. O que caiu por terra foi toda uma concepção econômica, política e social tida como inquestionável. O que faliu foi um insensato modelo de pensamento e de ação que subjugou o mundo nas últimas décadas. Foi a doutrina absurda de que os mercados podiam auto-regular-se, dispensando qualquer intervenção do Estado, considerado por muitos um mero estorvo. Foi a tese da liberdade absoluta para o capital financeiro, sem regras nem



transparência, acima dos povos e das instituições. Foi a apologia perversa do Estado mínimo, atrofiado, fragilizado, incapaz de promover o desenvolvimento e de combater a pobreza e as desigualdades; a demonização das políticas sociais, a obsessão de precarizar o trabalho, a mercantilização irresponsável dos serviços públicos. A verdadeira raiz da crise foi o confisco de grande parte da soberania popular e nacional – dos Estados e dos governos democráticos – por circuitos autônomos de riqueza e de poder.

Afirmar que era chegada a hora da política. Disse que governantes – e não tecnocratas arrogantes – deveriam assumir a responsabilidade de enfrentar a desordem mundial. O enfrentamento da crise e a correção de rumo da economia mundial não poderiam ficar apenas a cargo dos de sempre. Os países desenvolvidos – e os organismos multilaterais onde eles eram hegemônicos – foram incapazes de prever a catástrofe que se iniciava e, menos ainda, de preveni-la.

Os efeitos da crise se espalharam por todo o mundo, golpeando inclusive e sobretudo àqueles que há anos vinham reconstruindo suas economias com enormes sacrifícios. Não é justo que o custo da aventura especulativa seja assumido pelos que nada tem a ver com ela: os trabalhadores e as nações pobres ou em desenvolvimento.

Passados doze meses, constatamos que houve alguns progressos mas que persistem muitas indefinições. Ainda não há uma clara disposição para enfrentar, no âmbito multilateral, as graves distorções da economia global. O fato de ter sido evitado o colapso total do sistema parece ter provocado em alguns um perigoso conformismo.

A maioria dos problemas de fundo não foi enfrentada. Há enormes resistências em adotar mecanismos efetivos de regulação dos mercados financeiros. Países ricos resistem em realizar reformas nos organismos multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial. É incompreensível a paralisia da Rodada de Doha, cujo acordo beneficiará sobretudo as nações mais pobres do



mundo. Há sinais inquietantes de recaídas protecionistas. Pouco se avançou no combate aos paraísos fiscais.

Mas muitos países não ficaram de braços cruzados. O Brasil – um dos últimos, felizmente, a sentir os efeitos da crise – é hoje um dos primeiros a sair dela. Não fizemos nenhuma magia. Simplesmente havíamos preservado nosso sistema financeiro do vírus da especulação. Havíamos reduzido nossa vulnerabilidade externa, passando da condição de devedores à de credores internacionais.

Decidimos, junto com outros países, aportar recursos para que o FMI empreste dinheiro aos países mais pobres sem os condicionamentos inaceitáveis do passado. Mas, sobretudo, desenvolvemos antes da crise, e depois que ela eclodiu, políticas anticíclicas.

Aprofundamos nossos programas sociais, especialmente os de transferência de renda. Aumentamos os salários acima da inflação. Estimulamos, por meio de medidas fiscais, o consumo para impedir que se detivesse a roda da economia.

Já saímos da breve recessão. Nossa economia retomou seu ímpeto e anuncia um 2010 promissor. As exportações recuperam seu vigor. O emprego se recompõe de forma extraordinária. O equilíbrio macroeconômico foi preservado sem afetar as conquistas populares. O que o Brasil e outros países demonstraram é que também nos momentos de crise precisamos realizar audaciosos programas sociais e de desenvolvimento.

Mas não tenho a ilusão de que poderemos resolver nossos problemas sozinhos, apenas no espaço nacional. A economia mundial é interdependente. Estamos todos obrigados a atuar além de nossas fronteiras. Por isso, é imprescindível refundar a ordem econômica mundial.

Nas reuniões do G-20 e nos muitos encontros que mantive com líderes mundiais tenho insistido sobre a necessidade de irrigar a economia mundial com importantes créditos. Tenho defendido a regulação financeira, a



generalização de política anticíclicas, o fim do protecionismo, o combate aos paraísos fiscais. Com a mesma determinação, meu país propõe uma autêntica reforma dos organismos financeiros multilaterais.

Os países pobres e em desenvolvimento têm de aumentar sua participação na direção do FMI e do Banco Mundial. Sem isso não haverá efetiva mudança e os riscos de novas e maiores crises serão inevitáveis. Somente organismos mais representativos e democráticos terão condições de enfrentar complexos problemas como os do reordenamento do sistema monetário internacional.

Não é possível que, passados 65 anos, o mundo continue a ser regido pelas mesmas normas e valores dominantes quando da conferência de Bretton Woods. Não é possível que as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança sejam regidos pelos mesmos parâmetros que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Vivemos um período de transição no âmbito internacional. Caminhamos em direção ao mundo multilateral. Mas também multipolar, seguindo as experiências de integração regional, como ocorre na América do Sul com a constituição da UNASUL. Esse mundo multipolar não será conflitante com as Nações Unidas. Ao contrário. Poderá ser um fator de revitalização da ONU. De uma ONU com a autoridade política e moral para solucionar os conflitos do Oriente Médio, garantindo a coexistência de um Estado Palestino com o Estado de Israel; de uma ONU que enfrente o terrorismo sem estigmatizar etnias e religiões, mas atacando suas causas profundas e promovendo o diálogo de civilizações; de uma ONU que assuma a ajuda efetiva a países – como o Haiti – que buscam reconstruir sua economia e seu tecido social depois de haver recuperado a estabilidade política; de uma ONU que se comprometa com o Renascimento africano que hoje assistimos; de uma ONU capaz de adotar políticas eficientes de preservação e ampliação dos Direitos Humanos; de uma ONU que possa avançar no caminho do desarmamento estabelecendo um real



equilíbrio entre este e a não-proliferação; de uma ONU que lidere cada vez mais as iniciativas para preservar o ambiente; de uma ONU que, por meio do ECOSOC, incida nas definições sobre o enfrentamento da crise econômica; de uma ONU suficientemente representativa para enfrentar as ameaças à paz mundial, por meio de um Conselho de Segurança renovado, aberto a novos membros permanentes.

Senhor Presidente,

Não somos voluntaristas. Mas sem vontade política não se pode enfrentar e corrigir situações que conspiram contra a paz, o desenvolvimento e a democracia. Sem vontade política persistirão anacronismos como o embargo contra Cuba. Sem vontade política continuarão a proliferar golpes de Estado como o que derrocou o Presidente constitucional de Honduras, Manuel Zelaya, que se encontra, desde segunda-feira, refugiado na embaixada do Brasil em Tegucigalpa. A comunidade internacional exige que Zelaya reassuma imediatamente a Presidência de seu país e deve estar atenta à inviolabilidade da missão diplomática brasileira na capital hondurenha.

Sem vontade política, por fim, crescerão as ameaças hoje representadas pela mudança climática no mundo. Todos os países devem empenhar-se em realizar ações para reverter o aquecimento global.

Preocupa-nos a resistência dos países desenvolvidos em assumir sua parte na resolução das questões referentes à mudança do clima. Eles não podem lançar sobre os ombros dos países pobres em desenvolvimento responsabilidades que lhes são exclusivas.

O Brasil está cumprindo a sua parte. Vamos chegar a Copenhague com alternativas e compromissos precisos. Aprovamos um Plano de Mudanças Climáticas que prevê a redução de 80% do desmatamento da Amazônia até 2020. Diminuiremos em 4,8 bilhões de toneladas a emissão de CO², o que representa mais do que a soma dos compromissos de todos os países desenvolvidos juntos.



Em 2009, já podemos apresentar o menor desmatamento dos últimos 20 anos. A matriz energética brasileira é das mais limpas do planeta: Quarenta e cinco por cento da energia consumida no país é renovável. No resto do mundo apenas 12% é renovável, enquanto que nos países da OCDE essa proporção não supera 5%. Oitenta por cento de nossa eletricidade provém igualmente de fontes renováveis. Vinte e cinco por cento de etanol está misturado à gasolina que consomem nossos veículos. Mais de 80% dos carros produzidos no país têm motor flex, o que permite a utilização indiscriminada de gasolina ou álcool.

O etanol brasileiro e os demais biocombustíveis são produzidos em condições cada vez mais adequadas, sobretudo a partir do zoneamento agroecológico que acabamos de implantar, mandando para o Congresso Nacional.

Proibimos a cana-de-açúcar e as usinas de álcool em áreas de vegetação nativa. A decisão vale para toda Amazônia e nossos principais biomas.

O plantio da cana-de-açúcar não ocupa mais do que 2% de nossas terras agricultáveis. Distinto de outros biocombustíveis, ele não afeta nossa segurança alimentar nem compromete o equilíbrio ambiental. Empresários, trabalhadores e governo firmaram um importante compromisso para assegurar o trabalho decente nos canaviais brasileiros.

Todas essas preocupações fazem parte da política energética de um país autossuficiente em petróleo e que acaba de descobrir grandes reservas que nos colocarão na vanguarda da produção de combustíveis fósseis. Mas o Brasil não renunciará à agenda ambiental para ser apenas um gigante do petróleo. Queremos consolidar nossa condição de potência mundial da energia verde.

Por outro lado, deve-se exigir dos países desenvolvidos metas de redução de emissões muito mais expressivas do que as atuais, que



representam mera fração do que é recomendado pelo Painel Inter-governamental para a Mudança do Clima.

Causa-nos também profunda preocupação a insuficiência dos recursos até agora anunciados para as necessárias inovações tecnológicas que preservarão o ambiente nos países em desenvolvimento.

A resolução desses e outros impasses só ocorre se as ameaças ligadas às mudanças climáticas forem enfrentadas a partir da compreensão de que temos responsabilidades comuns, mas diferenciadas.

Senhor Presidente,

Os temas que estão no centro de nossas preocupações – a crise financeira, a nova governança mundial e a mudança do clima – têm um forte denominador comum. Ele aponta para a necessidade de construir uma nova ordem internacional, sustentável, multilateral, menos assimétrica, livre de hegemonismos e dotada de instituições democráticas. Esse mundo novo é um imperativo político e moral.

Não basta remover os escombros do modelo que fracassou, é preciso completar o parto do futuro. É a única forma de reparar tantas injustiças e de prevenir novas tragédias coletivas.

Obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
II Cúpula América do Sul-África**

Isla de Margarita-Venezuela, 26 de setembro de 2009

Caro companheiro presidente Hugo Chávez,
Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo da África e da
América do Sul,

Quero cumprimentar o ministro do Equador, que representa Rafael
Correa, que é o nosso presidente pro tempore da Unasul,

Quero cumprimentar o nosso companheiro presidente da União Africana,
o presidente Kadafi,

Quero cumprimentar o Jean Ping, presidente da Comissão Permanente
Africana,

Quero cumprimentar todas as delegações da África e da América do Sul
e, sobretudo, cumprimentar os representantes de organismos internacionais,

Meus amigos, minhas amigas,

Primeiro, Chávez, este livro aqui é um trabalho feito pelo governo
brasileiro com informações de todos os países, apenas para dar uma
dimensão, que todos nós possamos conhecer o que somos. É um primeiro livro
que deve ser distribuído a todos. Está em várias línguas, portanto... só não
temos em árabe. Mas logo, logo nós vamos produzir também, com uma
tradução em árabe para que todos os líbios possam ler.

Eu vou ser muito breve, Chávez, muito específico, porque eu penso que
nós precisamos ouvir muitos companheiros convidados que vieram participar
deste encontro.

Estamos reunidos para dar um passo na consolidação de uma aliança
entre dois continentes determinados a moldar o seu futuro. A América do Sul e



a África estão construindo uma ponte de diálogo e de colaboração. Queremos reduzir distâncias, aproximar povos e consolidar uma parceria em prol do desenvolvimento e da paz.

Foi essa visão audaz que reuniu africanos e sul-americanos pela primeira vez em Abuja, no ano de 2006. O mecanismo concebido pelo presidente Obasanjo está hoje no centro de nossa agenda diplomática.

É com muito orgulho e otimismo que vejo os resultados concretos que estamos colhendo. Nos últimos seis anos, o comércio entre as duas regiões saltou de 6 para 36 milhões de dólares. Esse processo de fortalecimento de nossa soberania econômica só faz ganhar força.

Desde nossa primeira Cúpula, essas trocas já aumentaram 50%. Queremos fazer da cooperação um fator de emancipação técnica e tecnológica. Compartilhamos experiências bem-sucedidas em matéria de saúde, agricultura e energia. Acreditamos no poder de transformação de uma parceria entre regiões que vivem realidades semelhantes e enfrentam problemas comuns. O Brasil e a América do Sul apostam nos 800 milhões de africanos que querem realizar a promessa de um continente com vastas riquezas naturais e sólidas perspectivas de crescimento.

Nada disso seria possível sem os dramáticos avanços que a África tem conquistado. Graças aos esforços da União Africana e dos organismos sub-regionais, o continente caminha para a construção da paz e a consolidação da democracia.

É isso que vi, em julho último, quando fiz minha décima visita ao continente para participar da Cúpula da União Africana. Por isso, não hesito em dizer que a Unasul tem muito que aprender com a União Africana. Assim como a África, a América do Sul atravessa um momento de transformações sem precedentes.

Também estamos determinados a enfrentar coletivamente os múltiplos desafios que devem unir e não dividir-nos. É esse o sentido da criação do



Conselho Sul-Americano de Defesa. Inspiram-nos os notáveis avanços institucionais da União Africana, que demonstraram que é possível fazer da diversidade um instrumento de união e força.

É esse o sentido da condenação unânime ao golpe de Estado em Honduras. Lutamos muito para varrer, para a lata do lixo da história, as ditaduras militares de outrora. Não podemos permitir retrocessos desse tipo em nosso continente. Essa é uma lição importante para nós, sul-americanos, no limiar de um século moldado pela democracia e pelo multilateralismo.

Prezados amigos,

Desde nossa primeira Cúpula, em Abuja, a economia mundial enfrentou uma das maiores crises de sua história. Incapazes de assumir seus próprios erros, alguns governantes buscam transferir o ônus da crise para os mais fracos. Responsabilizam imigrantes pelo desemprego, mas vacilam em coibir os bônus milionários pagos aos executivos que promoveram a crise. Adotam medidas protecionistas, que oneram bens e serviços exportados por países em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, se mostram lenientes com os paraísos fiscais.

A comunidade internacional precisa e tem que reagir. Na reunião do G-20 em Pittsburgh, Cristina, Zuma e eu reiteramos que a prioridade não deve ser salvar bancos falidos. Precisamos oferecer respostas aos milhões que perderam empregos e tiveram esperanças frustradas.

Os sinais de recuperação econômica não nos autorizam a abandonar as medidas de estímulo ao consumo e à produção, nem de combate à pobreza e à fome. Afinal, os países mais pobres têm pressa em recuperar suas economias e as perspectivas de prosperidade para os seus povos.

Não podemos ser complacentes com sinais do retorno à especulação desenfreada. A mão visível do Estado deve preencher o vácuo regulatório deixado pela mão invisível do mercado. Não há melhor resposta à crise que a integração. A aposta que fizemos no eixo Sul-Sul foi vitoriosa. Graças ao



crescimento das trocas entre América do Sul e África, nossos países sofreram menos com a retração da demanda nos países ricos.

Amigos e amigas,

Multiplicam-se, a olhos vistos, novos desafios globais: a crise financeira, o agravamento da mudança climática e a insegurança energética e alimentar. Ao mesmo tempo, permanecem sem solução as velhas mazelas da fome, da pobreza e do armamentismo. As organizações políticas e econômicas multilaterais não podem mais prescindir do peso e da legitimidade conferida pelos países em desenvolvimento.

Precisamos reforçar nossa aliança na OMC em prol de um resultado equilibrado da Rodada de Doha. Somos unidos pela determinação de eliminar distorções, sobretudo no comércio agrícola. Somente assim os países mais pobres poderão fazer do comércio uma alavanca de desenvolvimento.

Nossos países estão comprometidos com avanços ambiciosos na Cúpula de Copenhague sobre a mudança do clima. Afinal, assim como na crise financeira, são os países em desenvolvimento as primeiras e maiores vítimas do aquecimento global. Por isso, estamos determinados a assumir nossas responsabilidades em ajudar a conciliar crescimento econômico e proteção ambiental. Mas os países industrializados não podem ignorar seus compromissos mandatórios de redução de emissões.

Nesse debate sobre a nova governança global, uma coisa é certa: o Conselho de Segurança das Nações Unidas perdeu relevância. Devemos trabalhar juntos pela sua reforma, sob pena de perder a oportunidade de garantir nosso direito a uma voz nas grandes questões da agenda internacional.

Somos 65 países, com mais de 1 bilhão de habitantes, que querem ser ouvidos. Nosso amadurecimento institucional no fortalecimento da paz e segurança é prova de que temos o que dizer e contribuir.

Senhoras e senhores,



O século XXI nos encontra cada vez mais unidos. Não há desafio global que não possa ser enfrentado, conjuntamente, pela África e pela América do Sul. E não há desafio global que possa ser enfrentado sem a América do Sul e sem a África. A integração regional, o multilateralismo e a cooperação Sul-Sul são nossas armas na construção de um mundo mais justo.

É essa a mensagem que nossa Cúpula lança. Contem com o Brasil para ajudar a solidificar cada vez mais essa ponte de amizade e de cooperação que estamos construindo sobre o Atlântico.

Meus amigos e minhas amigas,

Mais um minutinho, Chávez, para não abusar do tempo. Eu quero dizer a vocês da minha alegria de estar podendo viver este momento. Eu me lembro o quanto foi difícil fazermos a primeira reunião África-América do Sul, na Nigéria. Eu me lembro quantas pessoas não acreditavam que nós pudéssemos realizá-la. Quando a Venezuela se propôs a fazer a II Cúpula, muita gente dizia que era muito difícil trazer africanos para a América do Sul e para a Venezuela.

Pois bem, a verdade é que durante séculos os países da América do Sul olhavam para a Europa e os Estados Unidos e não viam o continente africano. Mas a verdade também é que, durante séculos, o continente africano olhava para a Europa e para os Estados Unidos e não enxergava a América do Sul. Não faz muito tempo que nós descobrimos que estamos mais próximos, que temos mais identidade e que, portanto, temos mais similaridades para trabalharmos juntos e construir o nosso futuro.

Eu estou convencido de que a terceira Cúpula será infinitamente melhor do que a primeira, será aperfeiçoada em relação à segunda e, cada vez mais, nós iremos produzir mais oportunidades e mais políticas comuns entre os países africanos e os países sul-americanos. E certamente, logo, logo teremos outros países da América do Sul, ou melhor, da América Latina querendo participar e nós vamos achar importante que todos participem, porque não é possível que nós repitamos no século XXI os mesmos erros que nós



cometemos no século XX, os erros de acreditarmos que a fortuna dos nossos países, o bem-estar dos nossos povos, estariam subordinados à contribuição que os países ricos dariam para nós. Isso aconteceu no continente africano e aconteceu no continente sul-americano. Levou muitas décadas, se levaram até séculos para nós descobrirmos que na hora em que nós nos juntarmos, nós poderemos construir muito mais oportunidades entre nós do que as oportunidades que os países ricos criaram para nós em todo o século XX.

Eu penso que esta Cúpula... se nós, ao terminar esta Cúpula, começarmos a trabalhar com um grupo de trabalho fixo sobre temas específicos determinados por nós, e os nossos ministros se encontrem de quando em quando, a gente poderá chegar à próxima Cúpula com resultados extraordinários, sobretudo na ação política que nós precisamos ter daqui para a frente. Não é possível que a maioria dos países, e a maioria com votos na ONU, a maioria com votos na OMC, a maioria com votos em todos os fóruns multilaterais, a gente não consiga estabelecer a nossa lógica nesses fóruns multilaterais, porque muitas vezes estamos subordinados a orientações políticas que não combinam com aquilo em que nós acreditamos.

Por isso, Chávez, eu estou feliz. Eu, sinceramente, quando vejo esta quantidade de representantes dos países africanos, quando eu vejo aqui todos os governantes com representantes dos governos da América do Sul, eu digo que valeu a pena acreditar, valeu a pena fazer a primeira, valeu muito mais a pena fazer a segunda e, certamente, valerá muito mais a pena a gente sair daqui com a data da terceira, porque a integração África-América do Sul não tem mais retorno. Daqui para a frente será sempre mais forte, sempre mais produtiva e eu acho que nós iremos descobrir, entre nós, oportunidades que nós não descobrimos nas nossas relações seculares com o mundo rico.

Muito obrigado, Chávez.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Terceira intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na II Cúpula América do Sul-África

Isla de Margarita-Venezuela, 26 de setembro de 2009

Por conta do discurso do companheiro Diouf, eu penso que, historicamente, o tipo de ajuda que o mundo desenvolvido deu para muitos países africanos foi muito importante, mas eu diria que foi insuficiente. Nós montamos uma sede da Embrapa, que é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, na cidade de Acra, em Gana, e quando eu voltar de Copenhague, a partir do dia 10, nós vamos fazer uma reunião com a Embrapa para saber o resultado da pesquisa que eles fizeram em uma parte do território africano. Nós temos a convicção de que a savana africana tem quase o mesmo potencial de produção agrícola que tem o cerrado brasileiro. Há 30 anos ou 40 anos, o cerrado brasileiro, ali onde fica Brasília, era tido como terra imprestável. Depois de estudos e pesquisas, depois de um manejo do solo, hoje é a região que mais produz grãos no Brasil.

Bem, nós vamos fazer uma reunião com a Embrapa e é importante, Diouf, colocar os fones no ouvido... Nós vamos fazer uma reunião com a Embrapa e a minha ideia é, com o resultado de pesquisa em função do que pode ser plantado em cada região, a gente procurar os países ricos para que eles ajudem, não a dar alimentos, mas ajudar a produzir alimentos em cada país.

Eu penso que essa é uma coisa, Diouf, que nós pretendemos anunciar lá no Congresso da FAO, em Roma, em novembro, mas é preciso fazer um texto porque nós precisamos ter o compromisso dos países que habitualmente têm ajudado a África, dos países que foram colonizadores de alguns, que ainda ajudam. Há uma ajuda muito insuficiente, mas nós achamos que não basta a ajuda do tipo que foi dada em todo o século XX. É preciso que agora a gente



entre com outro tipo de ajuda, de tornar a terra produtiva, assistência técnica e, em alguns casos, até, eu diria, irrigação onde tiver água em condições de irrigar.

E essa, Diouf, tem que ser uma decisão que nós temos que tomar no Congresso da FAO para comprometer os países ricos. Por exemplo, a Cristina estava comigo quando foi anunciado que o G-8 liberou US\$ 20 bilhões para a África. A minha preocupação é como é que esse dinheiro chega, na mão de quem ele chega e o que ele produz. Se nós transformássemos 20 bilhões em produção no continente africano, nós não precisaríamos comprar alimentos subsidiados da Europa ou dos próprios Estados Unidos.

Eu penso, Diouf, que essa é uma discussão séria que nós temos que nos preparar para fazer em Roma, e temos que fazer um esforço, Diouf, não para levar apenas os países pobres, mas para convidar os países ricos a comparecerem à Conferência da FAO, para que eles possam ouvir esses números e para que eles possam se comprometer com uma outra política de ajuda, sobretudo ao continente africano.

Nós vamos levar as propostas de como é possível fazer isso em função das experiências e das pesquisas feitas em vários países, e aí nós vamos esperar que eles possam colocar a mão no bolso e ajudar.

(\$211B)



Segunda intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na II Cúpula América do Sul-África

Isla de Margarita-Venezuela, 26 de setembro de 2009

A mesa precisa ter um número razoável para que ela possa funcionar. Mas eu penso que você pode colocar seis, sete, oito pessoas. Mas se a gente colocar muita gente, nós corremos o risco de a mesa não funcionar (incompreensível) porque teremos que reunir muitos presidentes. Eu concordo com a ideia de que poderíamos colocar os que você citou, colocar, por exemplo, o Equador. Sempre quem for presidente *Pro Tempore* da Unasul estará presente nessa mesa, sempre. E você pode colocar mais uns dois países porque ficam oito países, aí você consegue reunir os presidentes uma vez por ano, pelo menos, ou, em caráter emergencial, tomar determinadas medidas. Se for 20 ou 30 presidentes, nós não conseguiremos nos reunir nunca.

Então, a minha ideia é essa: esses nomes que você falou, mais a Presidência *Pro Tempore* da Unasul, a Cristina, que mostrou interesse em participar, mais um outro país africano, está constituída a mesa para que a gente possa fazer as coisas funcionarem.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
II Cúpula América do Sul-África**

Isla de Margarita-Venezuela, 27 de setembro de 2009

Primeiro, eu queria dizer a você e dizer a todos os convidados que eu tenho que me retirar agora, porque eu vou a Brasília só para trocar a mala e viajar para Copenhague, Bruxelas e Estocolmo. Eu vou a Copenhague porque o Rio de Janeiro está disputando sediar as Olimpíadas de 2016 com Madri, Tóquio e Chicago. E você sabe que a direção do COI mundial é como a riqueza do mundo: está toda concentrada na Europa, e a Europa sozinha tem mais delegados no COI do que toda a África e toda a América Latina. Aliás, três países europeus têm mais delegados do que toda a África e toda a América Latina.

Então, eu queria, primeiro... nós temos a Tunísia, que tem delegado; Uganda, que tem delegado; Guiné do Conacri [Guiné-Conacri], que tem delegado; Marrocos, que tem delegado; Senegal, que tem delegado; Quênia, que tem delegado; Cameroon [Camarões], que tem delegado; Zâmbia, que tem delegado; Namíbia e Gâmbia, mais Egito e África do Sul. Eu gostaria que os presidentes e os ministros que estão aqui pudessem conversar com seus delegados para que, no dia 2 de outubro, votassem na cidade do Rio de Janeiro. Eu já fiz esse apelo no encontro dos países da América do Sul com os países árabes, já fiz no Congresso da União Africana, lá na Líbia, e gostaria de reiterar o apelo para que os presidentes e os ministros que estão aqui conversassem com os seus delegados, para que nós pudéssemos ter o direito de fazer uma Olimpíada na África, ou melhor, no continente sul-americano.

Eu já citei os países africanos aqui uma vez. Eu já citei a Tunísia, Uganda, Guiné-Conacri, Marrocos, Senegal, Quênia, Cameroon (Camarões),



Zâmbia, Namíbia, Gâmbia, Egito, África do Sul. E aqui na América Latina, Peru, Colômbia e Uruguai, fora o Brasil.

Pois bem, esse é um apelo. Eu acho que eu vou me encontrar com o presidente Zapatero, em Copenhague. Vou me encontrar, talvez, com o próprio presidente Obama e, certamente, com o primeiro-ministro japonês. A verdade é que, de todos os países que compõem as dez maiores economias do mundo, o Brasil é o único entre as dez que não fez uma Olimpíada. A América do Sul nunca fez uma Olimpíada e a primeira Olimpíada feita no nosso continente foi em 1968, na cidade do México.

Portanto, nós achamos que o maior evento esportivo do mundo, depois da Copa do Mundo, não pode ser um privilégio dos países ricos. Nós precisamos fazer na América do Sul, e depois precisamos fazer na África. Já é uma boa experiência a África do Sul sediar a Copa do Mundo de 2010. Londres já vai fazer em 2012. Não é justo que seja feito outra vez na Europa. E também não é justo que os Estados Unidos, que já fizeram quatro Olimpíadas, mais quatro de Inverno, são oito Olimpíadas. Se ganharem essa, será a nona Olimpíada, entre Inverno e Verão, que fazem os Estados Unidos.

Portanto, nós gostaríamos que houvesse a compreensão dos delegados do COI e, se vocês tiverem influência, eu gostaria de pedir a vocês o apoio para a cidade do Rio de Janeiro.

Bem, por último, Chávez, eu quero, primeiro, te dar os parabéns pelo belíssimo evento que você realizou aqui na Venezuela. Certamente muita gente torcia para que houvesse um fracasso e acho que a presença dessas dezenas de líderes aqui foi um sucesso extraordinário. E sobretudo o tratamento que nós obtivemos aqui na Isla de Margarita, foi extremamente importante, e esse evento realizado aqui não deve nada a nenhum evento realizado em qualquer parte do mundo. Portanto, parabéns a você, como presidente da Venezuela, e aos organizadores deste evento, sobretudo liderados pelo companheiro Maduro.



No mais, no mais, eu queria dizer uma palavra antes de me retirar. É, possivelmente, a primeira vez que muitos de nós nos encontramos, e quando participamos de uma reunião internacional, normalmente nós voltamos frustrados, porque a reunião é sempre muito boa, e nós voltamos para casa com os mesmos problemas que nós tínhamos antes de participar da reunião.

Eu estava vendo o discurso do presidente Tabaré e eu sentia o companheiro Tabaré sequioso, ansioso, que nós tínhamos que decidir uma ou duas coisas e colocar em prática. Nem sempre colocar em prática é tão fácil e tão rápido quanto os discursos que nós fazemos. O Banco do Sul, nós levamos três anos para concluí-lo e ainda vai para o Congresso de todos os países e, quando chegar ao Congresso, nós não sabemos quanto tempo vai levar para ser aprovado.

Mas, uma coisa, eu queria pedir a compreensão de vocês. O fato de nós termos decidido fazer uma reunião e oficializar esta Cúpula e determinar tempo para que ela se realize é uma coisa que eu considero estupidamente favorável à relação Sul-Sul. E digo isso porque no próximo ano terminarei o meu mandato no Brasil e tenho consciência do sacrifício e do esforço que é a gente realizar uma reunião, convencer os companheiros a participarem dessa reunião, e convencer os companheiros de que nós precisamos procurar novos mecanismos e novas formas de relações entre nós para que nós não fiquemos dependentes apenas da bússola dos chamados países desenvolvidos.

Eu estou convencido de que todos nós ainda não descobrimos 20% do potencial que nós temos de fazer as coisas acontecerem entre os nossos países, e queria dizer para vocês que, no caso do meu país, o Brasil ainda não se deu conta de que é uma grande nação. O Brasil não se deu conta de que ele saiu da condição de país receptor para um país doador. O governo já está convencido. Mas, certamente, nós teremos muita dificuldade no Congresso Nacional para convencer o Congresso da necessidade de aportar os recursos de que o Brasil precisa para que a gente possa dar os passos mais importantes



que temos que dar. Certamente é assim na Argentina, certamente é assim na Bolívia, certamente é assim no Uruguai. Ou seja, todos nós, todos nós aprendemos a vida inteira a pedir recursos para os países ricos e não assumimos a responsabilidade de sermos países doadores, de dar tecnologia, de passar os conhecimentos que nós temos.

Essa é uma coisa nova. Na América do Sul, não faz muito tempo que a relação entre nós era uma relação muito pequena e uma relação muito distante. Na América do Sul, por exemplo, disputava-se quem era mais amigo do governo americano ou quem era mais amigo dos governos europeus e nós praticamente não tínhamos confiança em nós. A mesma coisa acontece com os países africanos. Os países africanos também, pelo fato de terem sido colonizados pelos europeus, a relação é muito mais forte com os países europeus e eu acho que essa relação precisa continuar.

Mas é importante saber que nós precisamos procurar novos parceiros, procurar uma nova relação. Essa crise econômica, agora, mostrou que a diversificação das nossas relações fez com que os países que tivessem mais opções, sofressem menos os efeitos da crise, porque não dependíamos de um bloco ou de uma economia.

Eu queria que vocês saíssem daqui com a certeza de que o século XXI pode ser o século da África e pode ser o século da América Latina e da América do Sul. Basta que a gente tenha clareza de que nós dependemos muito mais das nossas decisões do que dos sonhos, das ajudas externas, que muitas vezes passamos todo o século XX esperando e estamos esperando no século XXI. Vocês percebem claramente que na época da crise todos os países ricos que defendiam o livre comércio foram os primeiros a se fechar no protecionismo. Os países africanos são testemunha da tentativa enorme que nós fizemos para negociar a Rodada de Doha, sobretudo pensando em abrir um mercado agrícola europeu para os países africanos, e não conseguimos. E não sei se vamos conseguir abrir, para que os países da África que produzem



pouca coisa tenham, no mínimo, acesso a um mercado dos países ricos para não continuarem recebendo as ajudas em alimentos subsidiados dos países ricos.

Então, eu penso que nós estamos dando um passo extremamente importante. É importante que cada companheiro, quando regressar ao seu país, regresse com a convicção de que nós estamos dando um passo extraordinário. Um exemplo, Chávez, é que há muitos anos uma autoridade brasileira não ia ao continente africano, há muitos anos. Nós passávamos por cima do continente africano para parar em Roma, para parar em Paris, para parar em Londres, para parar em Frankfurt, para ir a Estocolmo, mas não parávamos na África, nem para fazer turismo. E agora nós redescobrimos o continente africano e só eu já fiz 21 viagens ao continente africano, já visitei 21 países no continente africano, e quero ver se no próximo ano faço visita a um outro grupo de países. E eu acho que os países da América do Sul devem visitar a África, porque nós não estamos habituados e nós precisamos construir uma nova parceria entre nós, descobrir oportunidades entre nós, ver no que nós podemos nos ajudar mutuamente. Ninguém precisa introduzir no seu país aquilo que a gente está introduzindo no nosso, porque isso leva tempo, tem que respeitar a cultura, respeitar a história, respeitar a composição política de cada país.

Nós sabemos que nós temos que fazer o jogo da política no nosso país, mas uma coisa é certa: o fato de vocês terem vindo a esta reunião, o fato de nós já termos marcado a terceira reunião e o fato de nós termos feito já a segunda reunião com os países árabes demonstra claramente que é possível a gente mudar a geografia política, comercial e econômica do mundo. Não será, possivelmente, no meu governo. Possivelmente, não será no governo de muitos dos senhores. Mas, certamente, quem vier depois de nós estará comprometido com uma lógica política que não existia há dez anos. É importante que a gente creia nisso, é importante que a gente acredite nisso,



porque não é possível que a gente ainda continue com uma independência, depois da independência, guerra civil em muitos países, depois da guerra civil a gente descobre que, embora a gente governe os países, a maioria ainda está colonizada economicamente porque depende de tecnologia dos países ricos, porque depende de financiamento dos países ricos e porque dependemos de mercados dos países ricos.

É importante, então, que em todas as discussões que a gente faça e aí, Chávez, a Secretaria poderia dar uma contribuição. Era importante que cada país, que cada país da América do Sul e cada país do continente africano pudesse mandar à Secretaria todas as experiências bem-sucedidas na área econômica, na área educacional e, sobretudo, na área social.

Eu queria dizer uma coisa pra vocês que, para mim, é muito sagrado. Eu passei a vida inteira ouvindo dirigentes políticos, ouvindo outras pessoas dizerem que era preciso a economia crescer para depois distribuir. No meu país, nós, de 1950 a 1980, fomos a economia que mais cresceu no mundo. Crescemos acima de 7% durante 30 anos e, em alguns anos, crescemos até 10% ou 14%. Entretanto, quando terminou esse crescimento, nós constatamos que uma parcela da maioria do povo estava mais pobre e uma parcela da minoria do povo estava mais rica. Mas ainda continuou o debate: primeiro tem que crescer para depois distribuir. Quando nós ganhamos o governo, nós resolvemos mudar um pouco a lógica e resolvemos distribuir um pouco daquele dinheiro que o Estado tinha para as pessoas mais pobres. E nós, então, provamos, depois de oito anos de governo, que não tem que esperar crescer para distribuir. É preciso começar a distribuir para a economia crescer. E nessa crise, agora, foi exatamente a parte mais pobre da população que continuou consumindo e comprando as coisas necessárias para ativar a economia brasileira.

Portanto, investimento em política social é a melhor forma de fazer o nosso país crescer. O investimento social, por menor que seja, se cada



governo pegar um pouco do seu orçamento e transferir, em forma de transferência de renda, para a gente mais pobre, ele pode ter certeza de que ele vai crescer, em poucos anos, mais do que ele cresceu em vários anos. A experiência da Bolívia pode ser contada para vocês. O companheiro Lugo está começando uma experiência recente e eu posso dizer para vocês que a experiência brasileira é muito exitosa, muito exitosa.

Então, era importante que todos nós pudéssemos preparar as coisas que aconteceram de bom em nosso país, para que a gente pudesse, em outra reunião, a gente não ficar apenas teorizando, mas a gente partir de coisas concretas, o que cada país fez para melhorar a vida do seu povo, e o que aconteceu de fato e de concreto. E aí, nós vamos descobrir que nós temos experiências extraordinárias em cada país e que nós não sabemos. E se nós não sabemos, nós não podemos aplicá-las. Não existe saída fácil ou rápida. Mas toda, toda, toda muralha tem que começar com a primeira pedra ou com o primeiro tijolo. E eu posso dizer para vocês que na hora em que eu deixar o governo, eu tenho uma política muito exitosa em que os pobres deixaram de ser tão pobres e passaram a fazer parte da sociedade e ter cidadania no País.

Então, Chávez, eu queria dizer essas palavras como alento aos companheiros. Um alento e uma esperança porque muitas vezes nós saímos daqui desanimados: “Eu vou embora, não aconteceu nada, ouvi discurso do Lula, ouvi discurso do Chávez, ouvi discurso do Kadafi, ouvi discurso do Rafael”, e vai por aí afora. E é verdade que a gente não pode fazer nada de imediato. Mas só o fato de nós, líderes políticos de países diferenciados, com linguagens diferenciadas, com culturas diferenciadas, nos colocarmos dois dias para discutir os nossos problemas, já é um feito político extraordinário, fantasticamente extraordinário.

Por isso, eu queria agradecer a presença de todos vocês, porque eu acho que foi um esforço imenso para muitos países virem aqui, e agradecer



mais uma vez, Chávez, e parabenizar pela belíssima organização que nós tivemos neste evento.

Muito obrigado a todos vocês.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de posse do ministro-chefe da Secretaria de Relações
Institucionais da Presidência da República, Alexandre Padilha**

Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 28 de setembro de 2009

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Quero cumprimentar a ministra Dilma Rousseff, e cumprimentando ela
estarei cumprimentando todos os meus ministros aqui presentes. Estarei,
inclusive, cumprimentando o Padilha, o José Múcio, que está de saída.

Quero cumprimentar os governadores aqui: o Ciro Gomes, do Ceará; a
Wilma, que estava sentada e já levantou, do Rio Grande do Norte; o Anchieta,
de Roraima; os nossos companheiros governadores... Não tenho a nominata
aqui. O Eduardo Braga, do Amazonas; a Ângela... Depois você faz uma
nominata aqui... A companheira Ana Júlia, o companheiro Pezão, o
companheiro Wagner, o companheiro Arruda, o Wellington, o Valdez, o
Marcelo Déda. Quem mais? O Alcides, que chegou agora. Não, não tem mais
governador, são só esses que estão aqui.

Quero cumprimentar os prefeitos... Ah, o Teotônio Vilela, que está ali
atrás. Está ali o novo governador do Tocantins.

Quero cumprimentar os prefeitos,

Os deputados,

Os senadores,

Dizer para vocês que esse esquecimento é do cansaço. E eu nem
descansei e amanhã já embarco outra vez, para ver se a gente consegue
conquistar a Olimpíada de 2016 para a cidade do Rio de Janeiro.

Mas, antes de falar da posse do companheiro Padilha e da saída do



companheiro José Múcio, eu quero dizer para vocês que eu voltei de Pittsburgh agora, na reunião do G-20, convencido de que o mundo político que foi constituído depois da Segunda Guerra Mundial está mudando. A lógica política da segunda metade do século XX está mudando nas primeiras décadas do século XXI.

Na reunião do G-20, embora muita gente tenha descrença, o fato concreto é que é a terceira que nós fazemos e, em cada uma delas, nós conseguimos subir um degrau na participação dos países emergentes e na flexibilização da chamada governança global, com a participação dos BRICs, mas, sobretudo, com a participação de outros países como África do Sul, México, Argentina, que têm dado um colorido especial a essas negociações.

Eu penso que a nossa geração, a geração que tem mandato agora, que termina em 2010, ou a geração que tem cargo no governo, vai se transformar em uma geração vitoriosa do ponto de vista da mudança da economia mundial. É uma coisa que pode demorar um pouco mais, um pouco menos, mas é irreversível, porque todos têm a compreensão de que as coisas não podem continuar do jeito que estavam. E aí não tem mais presidente de direita, de esquerda, de centro, ou seja, todo mundo, quase por unanimidade, está convencido de que é preciso mudar a ordem econômica mundial. E eu acho que isso é uma coisa importante porque os países ricos, que antes tinham todas as verdades, agora estão muito humildes, estão ouvindo mais. Todo mundo, Arthur, todo mundo falou da necessidade de recuperar os empregos, todo mundo falou. Coisa que a palavra emprego nem entrava nas conversas anteriores, porque todo mundo está sabendo que nós não podemos continuar reféns de um sistema financeiro desregulado ou de um mercado que fingia ser Deus, como nós vivemos nas últimas décadas.

Todo mundo está compreendendo que o Estado tem que ter um papel mais importante, um papel mais incisivo, um papel de indutor e um papel de coordenador e regulador das coisas que acontecem, porque a geração anterior



à nossa acreditava que o Estado não valia nada, que o Estado poderia desaparecer, que não era preciso o Estado coisa nenhuma. Teve gente que pensou até que a educação poderia ser privada, que a iniciativa privada faria muito melhor do que o Estado. E hoje as pessoas começaram a compreender que exatamente no momento da turbulência, a única instituição a ter confiabilidade da sociedade foi o Estado. E foi o Estado que tomou iniciativas para que as coisas pudessem ser reguladas. Imaginem se o dinheiro que foi dado para o sistema financeiro, Meirelles, tivesse sido dado para fazer política social nos países pobres do mundo, a gente teria levado todos os pobres à classe média do mundo. É uma coisa engraçada isso porque, muitas vezes, muitos países que não tiveram dinheiro para fazer política social, na hora em que o sistema financeiro entrou em crise eles conseguiram encontrar o dinheiro para salvar o sistema financeiro, coisa que poderiam ter feito política social com os trilhões que foram colocados no mercado. Bem, mas isso está avançando.

Mas eu tive o privilégio de sair da reunião do G-20 e fui para a reunião dos G pobres, eu fui participar em Caracas, da Reunião dos Países da África com os Países da América do Sul. É outro discurso, é outro discurso, totalmente diferenciado, e aí eu pude me dar conta de quanto nós ainda precisamos fazer e quantas décadas nós precisamos ainda vencer para que a gente possa tornar o mundo um pouco mais igual. Inclusive, aproveitar aqui, a presença de muitos deputados e de muitos senadores para dizer para vocês – do Meirelles, do Guido Mantega – para dizer para vocês que nós temos que evoluir um pouco, Paulo Bernardo, dar um passo adiante.

O Brasil ainda se comporta como se não tivesse a grandeza que tem, o Brasil ainda se comporta como se fosse um país receptor. O Brasil quer disputar dinheiro com os países pequenos pobres. O País tem, o Brasil, da importância que tem e com a inserção internacional que tem, o Brasil tem que ser um país doador. Um país como a Índia tem U\$ 5 bilhões de dólares para



ajudar país pobre; um país como a Espanha, tem 6 bilhões de euros para ajudar país pobre. A China tem outro tanto e o Brasil não tem, o Brasil não tem porque, historicamente, nós éramos receptores, nós esperávamos que os outros dessem para nós e nós ainda não percebemos que nós mudamos de patamar. Agora, o Brasil tem que entrar, o Brasil tem que entrar na era dos países que têm que ter disponibilidade financeira para ajudar os países menores do mundo como faz todo o mundo. E essa é uma mudança que implica na compreensão do governo, da sociedade, do Senado e da Câmara dos Deputados, porque eu acho que o mundo vai depender, sobretudo a parte mais pobre, vai depender muito das políticas que o Brasil puder fazer, sobretudo no continente africano. Dito isso, eu vou falar um pouco mais para esperar a roupa secar, porque foi lavar para eu poder viajar amanhã.

Eu queria dizer, dizer para vocês que quando o companheiro Walfrido, que eu estou vendo aqui, o Walfrido certamente corado não é de trabalhar, deve ter ido para a praia, deve ter tirado umas “ferinhas”... O Walfrido falou assim para mim: “Presidente, eu vou... eu sei que o Ministério Público vai me denunciar em uma bobagem que aconteceu em 1998, eu não quero criar caso com o senhor. Eu gostaria de sugerir um nome, um nome que eu considero a pessoa mais talhada para exercer a função que eu exerço aqui. E eu queria indicar o companheiro José Múcio”.

Bem, eu fiquei um pouco desconfiado, falei: Será que o José Múcio vai dar conta do recado? Porque é verdade que a bancada no Senado e na Câmara, a maioria absoluta tem trabalhado e ajudado muito o governo desde os primeiros dias. Você tem uma, outra decepção, mas o conjunto tem trabalhado muito por isso. Mas a direção do PTB, será que vai concordar? Será que o José Múcio vai conseguir trabalhar? Será que o José Múcio não vai ser infernizado aqui por trabalhar no governo e tal? E fiquei cismado, José Múcio, eu quero te confessar que eu fiquei cismado, mas como o Walfrido propõe e não dá tempo de a gente retrucar, ele fica falando até a gente concordar, eu,



então, falei: Bom, se é para ficar aguentando o Walfrido aqui no meu ouvido, eu vou aceitar logo o José Múcio, nós vamos resolver esse problema. E, hoje, eu quero te dizer, companheiro José Múcio, que foi uma grata satisfação, uma grata alegria ter podido trabalhar contigo nesse um ano e dez meses em que você foi ministro do meu governo.

Eu já tinha tido o Wagner, já tinha tido o Aldo Rebelo, já tinha tido o Tarso Genro, já tinha tido o Walfrido, e todos eram companheiros da minha proximidade. Eu falei: como é que vou ter uma organização política, se não faz parte do meu espaço íntimo da política brasileira?

E hoje eu sou agradecido, de coração, pelo teu comportamento, pela tua competência, pelo jeito de se relacionar com os deputados e senadores, que é a parte mais difícil. Porque muita gente acha que deputado é chato, muita gente acha que senador é chato, que só vão lá para pedir as coisas. Mas gente tem saber também o que eles pensam de nós, quando nós vamos lá pedir alguma coisa, também, para votar, ou seja, tem que ter uma reciprocidade, tem que ter um mínimo de compreensão de que a gente não pode ter uma relação com o deputado ou com o senador só quando a gente está no sufoco para construir uma maioria para votar lá dentro.

Eu aprendi, ainda no tempo de sindicato, que quando um dirigente sindical vai na porta da fábrica toda semana, quando ele vai fazer qualquer coisa, pedir dinheiro, por exemplo, para a contribuição sindical, a peãozada ouve ele. Mas quando ele nunca vai na porta de fábrica, e aparece uma vez, para pedir dinheiro, todo mundo que militou no sindicato sabe que, muitas vezes, a gente é quase que escorraçado da porta da fábrica, porque só aparece lá para pedir dinheiro.

Pois bem, a relação com deputado e senador é a mesma coisa. Tanto eles precisam que o governo contribua para facilitar as coisas acontecerem no Congresso Nacional, como nós precisamos que eles contribuam na votação. E tem que ter base aliada mesmo, tem que ter compromisso partidário. De vez



em quando eu vejo as pessoas com vergonha: “Ah, mas não pode ter relação assim, porque é muito partido, estão dizendo que está dando emprego para um partido ou para outro partido”, como se já teve, na história do Brasil, algum partido que ganhou as eleições e empregasse todos os inimigos e deixasse os amigos de fora, deixasse os partidos aliados de fora.

E, muitas vezes, a sabedoria das bobagens que se falam: “Ah, tem muito petista, tem muito peemedebista, tem muito PSB, tem muito não sei das quantas...” Sabe por que é? É para a gente não mexer nos deles, que estavam lá. É uma garantia. E, muitas vezes, a gente fica inibido e deixa de fazer a política com a grandeza que ela tem que ser feita. E eu acho que vocês fizeram o que tinha que ser feito.

Eu quero dizer que talvez eu vá passar para a história como o único presidente que não tenha, nem nos bons momentos e nem nos maus momentos, feito crítica ao Congresso Nacional, tanto à Câmara quanto ao Senado. Muitos, quando as coisas não funcionavam, diziam: é culpa do Senado, é culpa do Congresso. Eu, mesmo quando tenho que dizer, eu não digo, porque eu acho, acho, porque eu acho que a gente precisa aprender a respeitar o Congresso Nacional. Porque com todos os defeitos que ele tenha, ele é a cara da sociedade brasileira no dia das eleições. E também a gente respeitar, aprender a respeitar o eleitor. Porque o eleitor votou em a, votou em b, votou em c, votou... o eleitor tem o mesmo valor. O cara que votou em mim não é melhor do que o cara que não votou em mim. Ora, possivelmente ele tivesse razões para não votar em mim e tivesse razões para votar no outro. Talvez, nós não tivéssemos competência, não tivemos competência para convencê-lo, mas então eu acho que essa relação de respeito, José Múcio, você construiu com muita força e eu tenho a convicção de que o companheiro Padilha vai dar sequência.

Portanto, eu quero te desejar José Múcio, não sei quantos engenheiros tem no Tribunal de Contas como ministro, mas eu quero que você saiba, além



da nossa relação de amizade, além de tudo o que você significa para mim, uma das razões é você ser engenheiro e eu acho que é preciso tentar fazer alguns arremendos [arranjos] para as coisas serem melhor discutidas lá dentro. Logo, logo, vocês vão ter surpresa porque nós vamos fazer uma reunião com alguns deputados, com o presidente da Câmara, com os líderes, com alguns ministros do Tribunal de Contas e com alguns empresários, que é para gente tentar definir um comportamento que não diminua o Tribunal de Contas, que não diminua, mas que também não coloque uma quantidade de obras paralisadas sem, sem, sem muitas explicações.

Eu acabei de vir de Fortaleza há pouco tempo, me disseram que o metrô tinha sido parado porque tinha constatado superfaturamento de R\$ 227 milhões e, uma semana depois, depois de parado quatro meses, estava apenas a R\$ 16 milhões. Então, é preciso que a gente faça uma discussão tentando ajustar apenas o posicionamento de cada instituição no Brasil, que eu tenho certeza que como você conviveu bem nos três lados, como engenheiro, como deputado e agora, como ministro, e depois como ministro do Tribunal de Contas, eu acho que nós poderemos encontrar um jeito mais fácil de fazer as coisas acontecerem no País.

Então, de coração meu irmão, muito obrigado por tudo o que você contribuiu com o meu governo. Bem, eu, se soubesse que o Padilha era tudo isso que ele diz que é, ele não teria sido indicado. Eu teria indicado alguém menos “lulista”, alguém menos petista para poder ser ministro. Mas, de qualquer forma, como eu não sabia que você era tão “lulista” e tão petista, e conheço o teu trabalho na relação com os prefeitos brasileiros, com os governadores, conheço o teu trabalho ajudando, muitas vezes, o José Múcio a coordenar a relação com os deputados, eu quero te dizer, Padilha, que você tem tudo para se transformar numa grande revelação política na relação com o Congresso Nacional.

Eu acho que não é necessário afirmar para os prefeitos, mas para,



talvez, deputados e senadores a gente precise afirmar de vez em quando: eu duvido que na história deste país tenha existido um governo que tenha estabelecido as relações com os prefeitos que nós estabelecemos. Duvido. Falo sem medo de errar. Ou seja, as condições que foram criadas, a Caixa Econômica se preparou para tratar melhor os prefeitos. Vocês não têm dimensão, mas vocês sabem em quanto o Guido Mantega ampliou o crédito para os governadores tomarem emprestado? Em quase R\$ 37 bilhões. Há dez anos, os governadores passaram o mandato inteiro comendo pão e água porque não tinha uma ampliação.

Quando nós percebemos que só o governo federal estava fazendo investimentos e os estados estavam apertados, o que nós fizemos? Nós precisamos, sobretudo para as cidades maiores e para os governadores, a gente abrir linha de crédito, aumentar a capacidade de endividamento deles, que é para os governadores terem o direito de fazer as suas obras. E nós fizemos isso dentro de uma lógica de que quanto mais obras nós tivermos no País, melhor para enfrentar a crise e melhor para resolver o problema do emprego, que nós queremos resolver logo.

E eu tenho, Padilha, consciência da tua participação nesse debate. Tenho consciência da tua relação pessoal com todos os companheiros, sejam do Congresso ou sejam os prefeitos. E, portanto, meu filho, eu só queria te dizer o seguinte: você vai ficar mais rapidamente com o cabelo mais branco do que você está agora. Essa história... E você só tem 28 anos, nós vamos fazer um DN... Hein? Trinta e oito. Eu estava pensando que você tinha, vou olhar para a sua mulher ali, tinha uns 58 anos. Tinha hora que eu pensava que você era mais velho do que eu, mas já que você disse, eu também não tenho porque duvidar, porque se um ministro mentisse para mim no dia da posse, aí sim ele teria muita vida curta.

De qualquer forma, Padilha, eu quero te dizer o seguinte: olhe, não faltará, da parte do José Alencar, da minha parte, da parte da companheira



Dilma Rousseff, que você não a elogiou ali e, portanto, você vai saber o peso da Casa Civil nas suas decisões. O Paulo Bernardo, que é o homem do orçamento, que é a quem, de vez em quando, você tem que se dirigir para liberar o dinheiro de que você precisa, você também não disse nada para ele. Você vai perceber que isso vai contar muito nas coisas que vão te acontecer daqui para a frente.

De qualquer forma, eu quero te dizer que todos nós aprendemos, você aprendeu, o governo todo aprendeu, e eu penso que você vai ter muito mais facilidade de tocar o barco do que nós quando começamos a governar. Da minha parte é desejar a você toda a sorte do mundo. Qualquer problema, você sabe que a porta do meu gabinete, para você falar com o Gilberto Carvalho, está aberta. Não, porque o meu gabinete, Pezão, parece uma UPA, é só coisa de emergência. Quando os ministros fazem as coisas certas, que conquistam, eles vão comemorar e eu nem sei, Sidney. Só sei: “Ô, Lula, ontem nós fomos a um jantar, porque fizemos tal coisa, deu certo e tal”. Ninguém me comunica. Agora, quando a porca entorta o rabo...

Mas, de qualquer forma, é esse o papel do Presidente mesmo. Então, Padilha, eu quero te desejar toda a sorte do mundo, mantenha-se como você é, não precisa melhorar, muito menos piorar, sua mulher vai descobrir se é verdade a quantidade de reuniões que você fazia, porque vão estar mais na imprensa as suas reuniões agora. Você antes fazia reuniões anônimas, agora vai ter que fazer reuniões públicas, porque os deputados também adoram falar para a imprensa que estiveram com você, que liberaram a emenda dos seus estados, que liberaram a emenda da ponte, da estrada, da quadra. Então, agora, você está homem público, portanto, agora, meu filho, juízo e responsabilidade não fazem mal a ninguém.

Boa festa, você, boa posse, e um abraço a todos vocês.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211A)